



Gestão Sind-UTE/MG 2015/2018

Coordenadora-Geral:

Beatriz da Silva Cerqueira (Betim)

Coordenação do Departamento Administrativo-Financeiro:

Marilda de Abreu Araújo (Divinópolis)

Departamento de Políticas Sociais Coordenação:

Jonas Willian Pereira da Costa (Belo Horizonte)

Diretores/as:

Adilson Dumont (Ibirité) Diliana Márcia de Barros Lisboa (Belo Horizonte) Israel Leocádio da Cunha (Muriaé)

Departamento de Formação Coordenação:

Feliciana Alves do Vale Saldanha (Ipatinga)

Diretores/as:

Daniela Gonçalves Joaquim (Betim) Fábio José Alves Garrido (Ouro Preto) José Luiz Rodrigues (Betim) Luiz Fernando de Souza Oliveira (Betim) Mônica Maria de Souza (Belo Horizonte) Rosa Maria Serra Gonçalves (Belo Horizonte)

Departamento de Organização Coordenação:

Denise de Paula Romano (Betim)

Diretores/as

Patrícia Pereira (Contagem) Sandro Eduardo Gomes Labanca (Esmeraldas)

Secretaria de Superintendência Regional de Ensino:

Abdon Geraldo Guimarães (Varginha) Marilde Rodrigues Campos (Almenara)

Secretaria de Aposentados e Aposentadas:

Ana Lúcia Moreira (Belo Horizonte) Maria Coeli Bitarães Lavarini (Belo Horizonte) Maria Helena Gabriel (Uberaba) Maria Nazaré dos Santos (São João del Rei) Umbelina da Conceição Rodrigues (Belo Horizonte) Zailde Figueiredo Santos (Teófilo Otoni)

Secretaria das Redes Municipais:

Maria do Carmo Cristelli de Oliveira (Sete Lagoas)

Paulo Gustavo Grossi da Silva (Viçosa) Sandra Lúcia Couto Bittencourt (Muriaé)

Departamento Jurídico

Coordenação:

Lecioni Pereira Pinto (Capinópolis)

Diretor:

Luiz Carlos Silva da Cunha (Pouso Alegre)

Departamento de Comunicação e Cultura

Coordenação:

Paulo Henrique Santos Fonseca (Contagem)

Renan de Carvalho Santos (Belo Horizonte)

Diretores e Diretoras Regionais: Alexandre Flausino da Silva (Alfenas) Aurívio Lúcio Veiga (Araguari) Cássio Hideo Diniz Hiro (Caxambu) Célia de Lima Carvalho (Conselheiro Lafaiete) Célio Gonçalves Moreira (Montes Claros) Cláudio Roberto da Silva Goes (Diamantina) Elaine Cristina Ribeiro (Uberlândia) Elsir Prado da Silva (Itabira) Gilvanita Alves Serpa Dantas (Janaúba) Jodson Sander Oliveira (Ipatinga) José Antônio de Paiva Marcos (Jaíba) José Antônio Martins Vieira (Itaobim) Manoel Rosalvo Pereira (Nanugue) Maria Alice Pereira Rocha (Pirapora) Maria Antônia Mourão Barbosa Fonseca (Passos) Maria da Conceição Monteiro de Castro (Coronel Fabriciano) Maria da Conceição Silva (Januária) Maria de Fátima Gomes Pacheco de Freitas (Ubá) Maria Mirtes de Paula (Unaí) Maysa Salgado de Faria (Caratinga)

Múcio Alberto Cordeiro Alves (Turmalina)

Nivalda Maria Perobelli (Juiz de Fora)

Rita de Cássia Moreira (Leopoldina)

Ronaldo Amélio Ferreira (Uberlândia)

Vauvenargues Lopes (Campo Belo)

Rita de Cássia Silva de Figueiredo

Rafael Júnior Toledo de Lima

Sidnei Marquesi (Ituiutaba)

Valdir Tiago Dias (Espinosa)

(Governador Valadares)

(João Monlevade)

Maria Celeste de Miranda (Brumadinho)

EXPEDIENTE - REVISTA PEDAGÓGICA SIND-UTE/MG - 2018

Rua Ipiranga, 80 - Floresta - BH - MG - CEP: 31015-180 Tel: (31) 3481-2020 - Fax: (31) 3481-2449 www.sindutemg.org.br

Coordenadora-geral: Beatriz Cerqueira

Coordenador do Deptº de Comunicação: Paulo Henrique Santos Fonseca

Produção/Projeto Gráfico/Diagramação: Studium Eficaz (31) 3047-6122 Jornalista Responsável/Edição: Vera Lima - Capa: Thiago Azevedo Digitação: Raquel Fernandes, Copidesque: Solange Bastos Fotos: Lidyane Ponciano



Sumário

- VIII Conferência Estadual Educação e resistência pautam debates
- 06 Luta em comum
- educação e resistência como meios de aprendizado
- Palestrante Miguel Arroyo
- 18 A privatização da educação por meio das PPPs
- 19 Palestrante Míriam Fábia
- 28 A quem interessam as PPPs?
- 29 Palestrante Liliane Resende
- 36 Os impactos da MP 746 na educação
- 37 Palestrante Sandra Garcia
- 46 A escola como campo de resistência à MP 746
- 47 Palestrante Marta Vanelli
- 52 Resistência jovem
- 53 Palestrante Tico Santa Cruz
- 62 Educação, resistência e esperança
- 63 Palestrante Leonardo Boff
- 72 As mulheres na luta por educação
- 73 Palestrante Aparecida Gonçalves
- 80 Empoderamento feminino
- 81 Palestrante Nilma Lino

- Síntese das oficinas, painéis, ciranda e rodas de conversa, que ampliaram e enriqueceram os debates
- 88 Ciranda
- 89 Oficinas e troca de experiências
- 90 Jornalismo independente
- 90 Arpilleras tecendo a resistência
- 91 Desafios da educação no campo
- 91 Educação popular
- 92 Literaturas, resistências e libertação
- 92 Juventude em luta
- Conferência é encerrada com compromisso de unidade na luta e vozes de esperança
- 96 Carta da Educação ao Governo de Minas
- Ato público simboliza a resistência contra o golpe na educação



Revista Pedagógica

A ideia de materializar, por meio de uma revista, os momentos mais expressivos e de troca de conhecimento proporcionados pela VIII Conferência de Educação, vem ao encontro das muitas sugestões recebidas para que o Sind-UTE/MG pudesse levar a um número maior de filiados e filiadas e de quem mais possa interessar passagens relevantes do encontro.

Essa produção nasce com o propósito de ser porta-voz de um encontro que foi muito além dos debates, das palestras e das oficinas realizadas, a começar pelo nome daquele que é patrono dessa Conferência: Paulo Freire, uma referência para todos/as os/as educadores/as que prezam por uma educação libertária.

E porque juntar num só espaço os conceitos da educação e da resistência, temáticas que perpassaram todos os debates, mesas e rodas de conversa que se sucederam ao longo do evento.

Não bastassem os ataques do governo ilegítimo de Michel Temer à escola pública, ele também ataca de forma voraz e perversa os direitos da classe trabalhadora retirando garantias fundamentais de sobrevivência do povo brasileiro.

Para fazer o enfrentamento a esse Estado de coisas é preciso união, força e poder de mobilização. Sozinhos, ninguém dará conta de derrotar esse governo e seus aliados. Daí, a necessidade de se unir em torno de objetivos comuns. A Conferência da Educação mostrou que isso é possível. Mais de 2,5 mil pessoas entre educadores/as, estudantes, lideranças sindicais e sociais, juntas, deram o tom dos debates e engrossaram a voz daqueles que não aceitam o Brasil da exclusão e da negação de direitos.

Ao longo dessa publicação, você vai encontrar a educação pautando a resistência em nome de um país para todos e todas.

Feliciana Saldanha - Coordenadora do Departamento de Formação Política e Sindical do Sind-UTE/MG

Beatriz Cerqueira - Coordenadora-geral do Sind-UTE/MG

VIII Conferência Estadual de Educação

Educação e resistência pautam os debates

Foram três dias de intensos debates: de 30 de novembro a 2 de dezembro, mais de 2.500 pessoas estiveram reunidas, quando falou mais alto a voz da resistência como estratégia para consolidar uma educação libertadora. Com esse tema, o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG) realizou a sua VIII Conferência Estadual de Educação na Serraria Souza Pinto, no Centro de Belo Horizonte/MG.

Na oportunidade, o Sindicato homenageou o mestre Paulo Freire, cuja vida é fonte importante de concepção de educação libertadora e uma referência mundial no assunto.

Trabalhadores e trabalhadoras em educação, estudantes e representantes de movimentos sociais e populares debateram o momento em que o país vive. Há uma onda de ataques à educação pública e à classe trabalhadora patrocinada pelo Governo ilegítimo de Michel Temer, por meio da Proposta de Emenda à Constituição (PEC/55), aprovada no dia 29/11, em primeiro turno, no Senado Federal.

Após o momento cívico do Hino Nacional, a coordenadora-geral do Sind-UTE/MG, Beatriz Cerqueira, lembrou que os movimentos de luta e resistência são a demonstração mais fiel de patriotismo das classes trabalhadoras e sociais. "É preciso lembrar que o verde e o amarelo representados na nossa bandeira pertencem a todos nós, trabalhadores e trabalhadoras, e não a essa elite manipuladora, que tomou o poder de forma ilegítima com a finalidade de retirar nossos direitos."



Banda Orestes Diniz

Uma bela apresentação da banda da Escola Estadual Orestes Diniz, de Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com 30 adolescentes, todos estudantes do Colégio, deu o tom do que seria aquele encontro dali em diante. O grupo de percussão - que mistura a tradicional linguagem musical com música de rua - animou a abertura dos trabalhos com a sua batida forte.

Ao propor a temática "Educação e Resistência - Por uma educação libertadora", o Sind-UTE/MG chamou para si o debate que iria propor o enfrentamento a essa onda de ataques à educação pública e à classe trabalhadora.

"É de conhecimento amplo que o Brasil vive hoje um cenário perverso de ataque à escola pública e, talvez, o maior desde que os direitos sociais foram conquistados na Constituição de 1988. O Governo Michel Temer ataca o financiamento da educação por meio da Proposta de Emenda à Constituição 241, que foi aprovada na Câmara dos Deputados e que agora segue para votação no Senado, com o número de PEC 55. Ataca os direitos da categoria, por meio da proposta de Reforma da Previdência, que será encaminhada ao Congresso Nacional a qualquer momento", disse a coordenadora-geral do Sind-UTE/MG, professora Beatriz Cerqueira.

Diversidade

Na programação do evento discussões sobre educação sem LGBTfobia, educação e igualdade racial, educação indígena e quilombola, parceria público-privada na educação, entre outros assuntos.

Ao ampliar o debate, o Sindicato pautou todas essas questões, organizando os/as trabalhadores/as em educação para, de forma coesa, proporem estratégias de resistência contra o golpe e em defesa da democracia.

Na abertura dos trabalhos dessa Conferência represen-



tantes de diferentes movimentos sociais, sindicais e estudantis. A diversidade presente refletiu a união de todos em prol da mesma luta, o que promove troca de conhecimento e educa ao mesmo tempo.

Para o Sind-UTE/MG, essa é uma luta de toda a sociedade: juventude, negros, mulheres, sem-terra. Isso porque, um problema que, a princípio atinge um grupo, se desdobra e repercute em perdas para todos e todas.

Juntos para ampliar as resistências e reafirmar o compromisso com uma educação libertadora! Segundo o Sindicato, há uma tentativa de impor a desprofissionalização docente, a partir do momento em que o governo golpista Temer determina, por intermédio da Medida Provisória 746, que não é preciso formação, nem concurso púbico e tampouco carreira para ser professor no Ensino Médio.

Se estas e outras medidas se concretizarem, os/as educadores/as estarão diante da maior privatização da educação, colocando em risco, as políticas nacionais do Piso Salarial, de carreira e de concursos públicos em estados e municípios.



Luta em comum

Representantes de movimentos sociais e de juventude partilharam o sentimento de aprendizado coletivo que só a luta e a resistência das manifestações são capazes de despertar em cada um.

"Minas Gerais e o Paraná são os estados com o maior número de escolas ocupadas e isso não é à toa. Os professores se juntam aos alunos porque têm em comum a mesma pauta de reivindicações. Eu estou muito feliz de a Conferência homenagear Paulo Freire porque a gente aprende que a educação é fruto das nossas ações, das nossas lutas, e ele dizia que ensinar exige a convicção de que a mudança é possível."

Luciléia Miranda

Levante Popular da Juventude

"Agradeço aos professores e aos educadores por terem me despertado a consciência crítica para questionar, protestar e, por causa disso, estar aqui hoje. Essa formação me faz questionar a falta de representatividade desse Governo, que não dá voz às mulheres e, por isso, vejo o quão é importante a luta delas para que possam ocupar todos os espaços da sociedade."

Mahara Silva Marcha Mundial das Mulheres



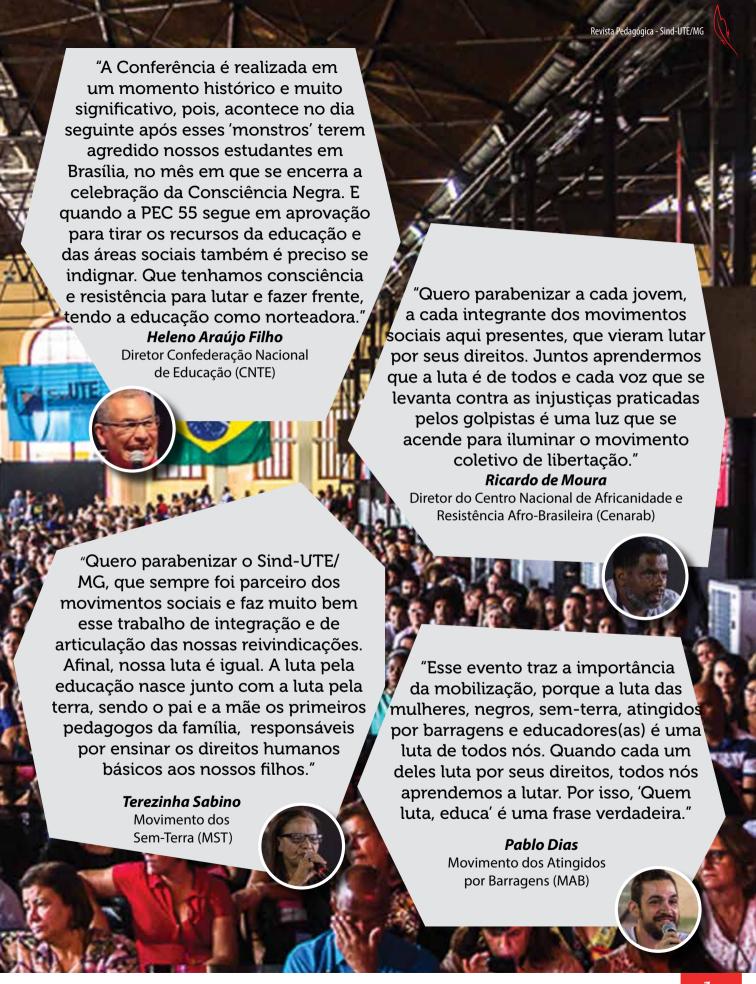
"Nós temos duas importantes referências a serem lembradas aqui na Conferência, que são: Fidel Castro como referência de Resistência e Paulo Freire como referência de Educação.
Eu espero que a gente tenha como modelo de educação o que Freire dizia e não esses novos modelos que o Governo golpista quer impor."

Jairo Nogueira
Secretário-Geral da CUT/MG

"O dia de ontem se tornou um dia de tristeza para a educação, tanto pela aprovação, em 1º turno, da PEC 55, como pela agressão desmedida aos nossos jovens na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Assim como Paulo Freire dizia que é preciso fazer a leitura do mundo, vamos ler corretamente o recado dos nossos jovens e não reprimi-los por ocupar nossas escolas, pois, essa é uma luta conjunta."

José Celestino "Tino" Secretário de Cultura da CUT Nacional





Educação e resistência

a abertura da VIII Conferência Estadual de Educação do Sind-UTE/MG, o professor Emérito da UFMG, Miguel Arroyo, falou sobre "Educação e Resistência"

Segundo ele, a educação não é o primeiro direito do ser humano, mas, ela só acontece ao lado dos demais direitos humanos básicos. A escola não é o lugar apenas do direito à educação, mas, antes de tudo é o lugar do direito à vida, da proteção das crianças e adolescentes que a sociedade insiste em excluir.

"Eu já vivi três ditaduras. A primeira em minha terra, Espanha, com a ditadura de Francisco Franco. A segunda, em 1964, nesse país. Agora, vivo a terceira com um governo ilegítimo retirando os direitos fundamentais da sociedade, em especial, do trabalhador.

"Vejo que em todas elas a resistência e a manifestação contra os regimes autoritários e arbitrários começaram pela educação."

Luta e educação devem caminhar juntos. Também nesse sentido, o Sind-UTE/MG faz um papel importante de articulação com outros movimentos para resistir e fazer frente aos opressores dos direitos sociais e trabalhistas.

"O Sind-UTE/MG nasce como resistência à ditadura militar de 1964. E o movimento mais presente contra esse processo foi o docente. Quando a educação reage à ditadura, ela passa a ser outra. É no lutar que se educa. "O que educa neste país hoje são os movimentos do campo, dos negros, quilombolas, as mulheres e não essa educação de contar, racionar, nesses moldes", ponderou.

Golpe

Para Miguel Arroyo, o golpe não foi contra a presidenta eleita com mais de 54 milhões de votos, Dilma Rousseff mas contra a figura da primeira mulher presidenta da história brasileira. "Foi um golpe sexista, machista, classista e racista, e os maiores golpeados foram os negros, indígenas, trabalhadores e as mulheres.

E ele finalizou: " Que essa Conferência fortaleça um compromisso entre nós: sermos guardiães dessa resistência e dessa educação libertadora."

Acompanhe sua palestra na íntegra.



TE/MG

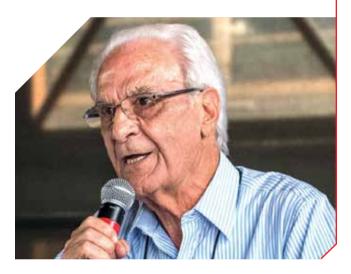
Conferência de abertura - Educação e Resistência

Palestrante - Miguel Arroyo

Bom dia, boa tarde, trabalhadoras e trabalhadores da Educação! Enquanto ouço essa mesa e essa riqueza de depoimentos eu me convenço, mais uma vez, de que as resistências por uma educação libertadora continuam presentes. Cada um dos que nos cumprimentaram abrindo esta conferência mostrou que, em cada uma dessas áreas, desses coletivos, as resistências e a luta pela educação libertadora continuam. Eu queria destacar, de maneira particular, a presença desses jovens adolescentes que, por meio de suas artes, com sua música, com suas linguagens mostraram que também resistem, e que a própria arte, a música, as linguagens juvenis são linguagem de resistências e de libertação.

Eu gueria também destacar um ponto que me parece focal nesta conferência: Paulo Freire! Os movimentos de resistência e de libertação - não esqueçamos - são dos oprimidos. A grande lição de Paulo Freire não foi só nos dizer que há resistências, que há libertação... a grande lição dele foi nos dizer que os sujeitos dessas resistências são os oprimidos. Os que padecem na opressão em nossa sociedade são os pobres, são os negros, são os quilombolas, são os trabalhadores dos campos e das periferias, são as mulheres, são as educadoras e educadores. Este é um ponto que me parece fundamental. Esta conferência tem destinatários concretos. Falar em resistências e falar em libertação nos obriga a perguntar-nos: quem são os sujeitos dessas resistências, quem são os sujeitos dessa libertação? São aqueles vitimados pela opressão ao longo de toda a nossa história, essa foi a grande lição de Paulo Freire. Ele não nos ensina como

Somos trabalhadores não só da educação.
Somos trabalhadores que tentam acompanhar, entender as linguagens de resistências, de libertação dos mais oprimidos pela sociedade.



educar os oprimidos, não nos ensina como libertar os oprimidos, Paulo Freire nos fala de pedagogias dos oprimidos, não para os oprimidos. Talvez esse é um ponto nem sempre percebido por Paulo Freire, entender que as grandes pedagogias de libertação sempre vieram não das elites, nem sequer vamos falar baixinho aqui entre nós, das escolas, vieram das resistências dos oprimidos.

A pedagogia dos oprimidos talvez seja a grande lição desta conferência. Olhemos para os oprimidos, olhemos para os que sofrem, olhemos, sobretudo, para aqueles que esses golpistas oprimem de maneira mais focada. É por aí que temos que focar toda nossa conferência, escutar o grito dos oprimidos, escutar as pedagogias dos oprimidos, escutar a resistência dos oprimidos, escutar a libertação dos oprimidos. Porque isso é central numa conferência de trabalhadoras e trabalhadores em Educação? Porque a infância, a adolescência, os jovens e os adultos que chegam em nossas escolas públicas das periferias, das favelas, do campo, dos territórios indígenas e quilombolas, essas infâncias, adolescências com que trabalhamos, são os oprimidos.

Somos trabalhadores não só da educação. Somos trabalhadores que tentam acompanhar, entender as linguagens de resistências, de libertação dos mais oprimidos pela sociedade. Oprimidos que nunca tinham chegado às escolas, mas vai chegando.

Eu me lembro quando fui secretário de educação, em



1994/1995, agui Belo Horizonte. Em 1996, guando chegava às escolas, sempre algum professor me falava: Arroyo, esses educandos não são os mesmos, são outros. Quem são esses outros que estavam chegando às escolas, já no final dos anos 80 e, aqui entre nós, no início dos anos 90? Eram as infâncias, as adolescências, os jovens e adultos filhos de trabalhadoras e trabalhadores que iam da escola para o trabalho, pobres. Vocês sabem quantos milhões estão agora na escola pública na extrema pobreza? Dezoito milhões de crianças, de adolescentes em nossas escolas. Dezoito milhões neste país estão na extrema pobreza. Se nós ainda somarmos os mais dez milhões, que estão na pobreza, ainda que não extrema, nós temos 60% das crianças e adolescentes, dos jovens e adultos nas escolas públicas, pobres. São esses os oprimidos.

Há algo mais terrível na opressão do ser humano do que negar o direito a comer, o direito a viver? Estes são os nossos educandos, que nos interroga. O tema desta conferência é extremamente instigante. Eu queria começar colocando as interrogações que me chegam deste tema, e eu deixaria para vocês: educadoras e educadores, trabalhadores e trabalhadoras deixemos nos interrogar por esse tema. Educação e resistências, por uma educação libertadora.

Que interrogações chegam? Primeira a interrogação forte que devemos levar até as escolas? Que resistências são possíveis em tempos de golpe? Que resistências são golpeadas por esses golpistas que tomaram o poder? Que educação, que trabalhador docente é possível diante dessas resistências golpeadas? Que papel cabe ao movimento docente, ao movimento sindical, ao conjunto dos movimentos que aqui se apresentaram para manter essas resistências, para incentivar essas resistências e até para abrir outras fronteiras de resistências?



Essas foram as perguntas que eu encontrei neste tema.

Queria começar dizendo: deixemos nos interrogar pelo tema, não nos preocupemos tanto em trazer resposta. O tema é tão politicamente instigante que a primeira tarefa nossa é deixar nos interrogar. Mas que essas interrogações não fiquem só na conferência, essas interrogações temos que levar cada um ao seu movimento, cada um na sua escola, temos que levar para a faculdade de educação, que forma educadores e educadoras, temos que levar para o centro de pesquisa, temos que levá-la, sobretudo, para os nossos sindicatos.

Eu queria colocar como Paulo Freire nos ensinou que temos que avançar para a pedagogia das perguntas. Paulo Freire sempre repetia uma frase: Há demasiadas respostas em nossos conteúdos, há demasiadas respostas nas escolas, ao menos tentativas de dar respostas, mas, o que falta são perguntas. O dilema dos educandos, o dilema das famílias são perguntas desestruturantes para os currículos, para a docência. Por isso que o livro que publiquei recentemente - Currículo, território em disputa, mas de onde vem as disputas? As disputas não vêm de uma teoria "A" ou de uma teoria "B" sobre currículo. As grandes disputas vêm dos educadores e dos educandos. Os sujeitos nas grandes interrogações para o pensamento pedagógico, para a Academia, para o Conselho Nacional de Educação, para uma equidão, porque estão surdos, não são capazes de nos ouvir.

As grandes interrogações vêm de onde? Vêm dos trabalhadores em educação, das trabalhadoras em educação, dos educandos e educandas. Este é o clima, essas são as indagações que me chegaram neste tema. Quis começar e insisto: Deixemos nos interrogar, por favor! Não figuemos surdos! A sociedade está viva, as ruas estão vivas, o que aconteceu ontem em Brasília, até ocupando o Ministério da Educação mostra que um dos campos mais vivos de nossa sociedade é o campo da educação. Isto tem que estar forte em nossa consciência, é por aí que a educação educa. A educação não educa só na lição que ensinamos, ler, escrever, contar na idade certa. O que educa a nossa sociedade são vocês, somos nós educadores, educadoras, todos educam. São os movimentos docentes, são os movimentos do campo, são os movimentos dos negros, são os movimentos quilombolas, são as consciências das mulheres, outras consciências de mulheres, não as submissas aos machos, mas, uma consciência de mulheres e eu gueria colocar aqui esse ponto. O golpe não foi contra a presidenta. O golpe foi contra a primeira mulher presidenta em 120 anos. Vocês lembram daquele bando de macho do Congresso: Tchau querida! Vai lavar pratos que esse é o seu lugar! Esse é o lugar da mulher em nossa história. Pela primeira vez, a mulher chega ao poder, mas, o poder é dos machos! Não é da mulher. O golpe foi sexista, machista! E a fotografia da posse do novo Ministério golpista, quem estava lá? Tinha alguma mulher? Tchau queridas! Tinha algum negro? Tchau queridos! Negros? Tinham alguma mulher negra que estava na CEPIR? Quem estava nos direitos humanos, nos direitos da mulher? Não... esse golpe tem endereço: é classista, e racista. E os que são golpeados, sobretudo, são negros, indígenas, mulheres, trabalhadoras, trabalhadores. Temos que ter muita clareza em que momento estamos, por favor!

Eu já vivi três ditaduras. A primeira ditadura de Franco, lá na minha terra, sou filho de um soldado da guerra, sem pai. A segunda foi em 64, quando eu já estava neste país. E agora, a terceira. É demasiado! Mas talvez por isso que temos que aprender a reagir a todos os golpes. Quem resiste, educa! Quem resiste, resiste para libertar. Quem resiste, liberta! Eu não sei se nós temos consciência ainda clara, não temos, é difícil termos consciência clara. Porque, nos tempos da ditadura militar, estava claro, era uma ditadura militar. Mas, em tempo de uma ditadura de machos brancos, de Hitleres, da UDR, dos empresários, é difícil ver a cara deles, estamos mostrando muito mais a bunda do que a cara.

Eu gostaria de trabalhar esse tema, em três partes. Me permita como professor sempre dividimos nossa aula em partes, não é assim?

Das três partes que gostaria e insisto que fossem levadas depois para as reuniões das escolas, para a educação continuada, para a educação nas universidades.

Primeira parte: De que resistências e de que libertação libertadora somos golpeados? Nos coloquemos primeiro neste ponto.

Estou sugerindo que, num primeiro ponto, tentemos recuperar a história de resistências, a história de libertação de que fomos sujeitos. Essa seria a primeira parte que eu gostaria de trabalhar um pouco com vocês.

Segunda parte: Como manter a memória das resistências de libertação de que fomos sujeitos?

Terceira parte: Que novas resistências, que novas

Pela primeira vez, a mulher chega ao poder. Mas, o poder é dos machos, não é da mulher. O golpe foi sexista, machista!

fronteiras de resistências e de libertação temos que abrir e temos que combater?

Então são três partes e um primeiro ponto que eu gostaria que não se esgotasse nessa conferência, mas, levarmos para os movimentos sociais, para nossos GDs, para nossas escolas, seria este: de que resistências fomos sujeitos? De que processo de libertação pela educação fomos sujeitos?

O segundo: como guardar, manter, não deixar perder, essas memórias de resistências?

E o terceiro: Que novas fronteiras de resistências, para abrir minha aula.

Estes são os três pontos que eu gostaria de trabalhar com vocês. Mas vai ter que ser muito rápido pelo tempo que estamos. Vamos ao primeiro ponto:

De que resistência fomos sujeitos? Eu aconselho a vocês e, a certa idade, começamos a aconselhar né? Eu não aconselho, eu simplesmente aprendo que há sujeitos de resistências, não comecemos narrando resistências. As resistências têm na cara dos sujeitos, as resistências são nossas. Então comecemos por fazer esta pergunta: Quem foram os resistentes? Está clara esta pergunta? Os resistentes, em primeiro lugar, como foi mostrado aqui, foi o próprio movimento docente. Eu queria lembrar uma coisa aqui, quem pode lembrar a greve de 2011? Eu estava presente quando nasceu o Sind-UTE/MG e esse Sindicato nasce como resistência à ditadura de 64. Isto é bom não se perder em nossa história.

O movimento docente Sind-UTE/MG e todos os movimentos docentes do Brasil reagem, se renovam, se reafirmam como resistentes à ditadura de 64. Há um mo-

vimento docente inseparável de resistência à ditadura. Por isso, que agora diríamos que a retomada do movimento docente passa ter um novo sentido diante da nova ditadura. Esse é um ponto da maior importância. Movimento docente e ditadura são inseparáveis. Porque o movimento docente quando apenas começava a ter coragem, o movimento operário, lá no ABC, ao sair às ruas, quem foi o movimento mais presente em todo o Brasil? Foi o movimento docente contra a ditadura. Isso é da maior importância para a história do movimento docente, a história das resistências e da educação libertadora. Parece - como se fosse - a nossa identidade, inseparável da repressão, da ditadura, do controle contra a libertação, afirmando a resistência, afirmando a libertação. E desse momento já vocês lembram o que falou o governador quando mulheres de toda Minas Gerais, professoras, sobretudo, estavam na Praça da Liberdade?

Esse não é o rosto da mulher mineira. Lembram que ele falou isso? E no dia seguinte, a praça estava lotada e aquelas mulheres mineiras construiram o seu rosto; de mulheres educadoras, resistentes. Essa história não pode ser apagada, por favor! Eu estava lá. Eu estava nesse momento acompanhando o que estava acontecendo nesse país. E eu lembro que fui convidado para um encontro de educação em Curitiba e falei: eu posso falar da realidade que estou vivendo em Minas. E o tema que eu levei para esse encontro foi: *Trabalhadores e educadores se identificam - Que rumos tomará a educação brasileira?* Esse foi o tema em 79. Essa pergunta me continua interrogando até hoje. E eu queria que essa pergunta nos interrogasse.

Quando um movimento docente reage à ditadura, quando um movimento docente na praça, na maioria de mulheres, mostra o rosto da mulher trabalhadora, esse movimento docente não é mais o mesmo, a educação não é mais a mesma, a educação passa a ser outra, as identidades docentes passam a ser outras. Para mim, aquelas identidades docentes da professora carinhosa, bondosa, enviada por Deus para salvar a infância, para mostrar o caminho do futuro, tudo isso, já foi para o "beleleu".

Essa imagem não existe. Essa é a imagem da mulher bondosa, da esposinha de Temer, que querem que nossas mulheres continuem sendo, e até na educação continuem sendo o colo materno que educa, que reeduca. É o colo que luta! E é lutando que educa! Tudo isso é fundamental em nossa história. Eu queria que essas re-



sistências fossem rememoradas, eu queria que, em cada reunião, em cada momento desse encontro, isso sim, é central. Que histórias de resistências temos sido sujeitos? Mas, eu gostaria de dizer que não só o movimento docente é sujeito dessas resistências e dessa libertação. É o movimento negro, é o movimento feminista, é o movimento indígena, é o movimento quilombola, é o movimento operário, a CUT que está aqui é o movimento dos sem-teto, é o movimento dos sem um lar. Esses movimentos são educadores porque resistiram.

Uma das coisas mais interessantes e eu falo isso por aí, pelo Brasil afora. Estive no Simpen, estive na semana passada no Sindicato dos Professores de Porto Alegre, o que eu coloco, eu aprendi em Minas Gerais, que não é só o movimento docente que luta pelo direito à educação, eu aprendi que o movimento docente se articula com o resto dos movimentos. Esse é um outro tipo de movimento. Mas, por que tudo isso? Porque a educação deixou de ser simplesmente o primeiro direito para a garantia de outros direitos. Isto é muito importante! Toda criança na escola passa a ter garantia de direitos de trabalho, de terra, de casa. Mentira pura! Por favor! Percamos a inocência. A escola não é um berço de garantia de outros direitos. O que nos falou aqui a representante do movimento dos sem-terra. Eu aprendi com o movimento do sem-terra. Luta pela terra, luta por outro projeto de sociedade e aí, luta por educação. A educação não é o primeiro direito, a educação só acontece como direito se articulada ao conjunto de direitos humanos mais básicos do ser humano. Isto não é novidade. A escola não é apenas o lugar do direito à educação, a escola é o lugar do direito à vida, do direito à proteção. Vou colocar uma coisa que me aconteceu quando eu era secretário. Uma escola - não quero nem falar que uma escola foi, em uma assembleia, legitimamente democrática e expulsou vinte adolescentes por serem violentos, por serem agressivos, por serem indisciplinados. No dia sequinte, no meu lugar na secretaria lá estavam as mulheres, mães desses adolescentes expulsos da escola. Por favor, professor! Que nossos filhos voltem à escola! E eu perguntei: mas, porque que vocês querem que voltem a escola? Nenhuma me falou para aprender a ler e a escrever na idade certa. Não, me falaram algo muito mais radical. Professor, se nossos filhos não voltarem à escola. não voltarão vivos para casa, serão exterminados! Essa é a função mais radical da escola pública popular, garantir vidas ameaçadas. A quantidade de jovem adolescentes que morrem em cada fim de semana, e a maior parte deles, dois em cada três, negros. Qual é o grito da juventude adolescente negra? Por favor! Parem de nos matar.

Qual é a função da escola que as mães dessas crianças adolescentes querem? Que a escola proteja a vida de seus filhos. Quando nossos alunos articulam as fronteiras de luta com os movimentos sociais, sobretudo, com os movimentos e envolvimentos das mulheres, mulheres pobres, trabalhadoras, negras, que lutam pela vida dos seus filhos, a escola ganha outra dimensão, função social. A escola é outra. A escola não é só pensar nos ilustrados, onde é só apender a ler, a escrever, para entrar na sociedade letrada.

O mais importante para uma mulher pobre trabalhadora, quando eu saio de manhã, às vezes, às seis horas da manhã para ir ao aeroporto, quem que está nas ruas de Belo Horizonte? Não está a classe média alta em carros luxuosos. São mulheres negras, sobretudo, que deixaram as favelas, as vilas, para trabalhar nas escolas, para trabalhar e cuidar dos seus netos. Onde deixaram essas mulheres seus filhos? Onde? Essa é a pergunta. Deixaram com as crianças de 7, de 8, de 9 anos para que os levem às escolas, lugar de vida, lugar de proteção que a favela e a vila não oferecem. Eu diria para vocês, todos os movimentos de resistências do movimento docente, junto com os outros movimentos nos ensinaram uma coisa: Por favor, superemos a visão ingênua, romântica da escola, de sua função, da docência e de nossa função. Isto é sério, é duro, mas é real. Há muitos professores e professoras que escutam tudo isso.

Eu lembro, me desculpe que coloque casos - causos de Minas. Quando eu ia nas favelas, na escola da Serra, naquela escola maravilhosa, lembro de uma vez que aconteceu o seguinte: eu fazia questão de estar lá na escola, na sala de aula. Era uma segunda-feira, a professora fazendo a chamada: Fulano! Aí se levantou um colega e falou: professora, ele não voltará nunca mais à escola. Todos já sabiam o que tinha acontecido no domingo, no fim de semana. Tinha morrido, como tantos adolescentes mortos, negros. Nesse momento, a professora em um gesto de extrema dignidade: alguém guer falar sobre esse colega morto? E mais de um colega falava, falava que era bom, que mexia na droga para ajudar a mãe que estava doente ou nao veio à escola para ajudar o pai, que estava desempregado. A imagem que essas crianças, adolescentes, tinham de seus colegas mortos era extremamente positiva. E essa educadora, padronizava essas imagens e dizia que tinha um momento de silêncio pelo colega morto. Isso é educar. Isso é entender essas infâncias e adolescências. Será que isso acontece em todas as escolas? As interrogações que chegam dessas infâncias e adolescências são demasiadas desestruturantes para nossa escola, para nossa teoria pedagógica, para nossos cursos de formação, para nossos currículos e até para nossas identidades docentes.

Eu diria para vocês, que estamos em crise de identidade docente diante dessa infância e adolescência? Eu prefiro dizer que não, estamos em momentos em que tanto educadores, educadoras, em convívio com essas infâncias, com essa brutalidade, com que a sociedade os trata, reinventam suas identidades. Não estamos em crise de identidade docente, estamos em tempos de reinvenção de identidades docentes. Muito mais resistentes, muito mais libertadoras.

É o movimento negro, é o movimento feminista, é o movimento indígena, é o movimento quilombola, é o movimento operário, a CUT que está aqui, o movimento dos semteto, é o movimento dos sem um lar. Esses movimentos são educadores, educadores porque resistiram.

"





Queria passar para o segundo ponto. E como manter essas lembranças? Como manter essa história de resistências e de libertação? Eu queria dizer para vocês, que esta conferência deveria terminar com um compromisso: sermos guardiões dessa resistência e desse processo de educação libertadora. Guardar essas memórias. Que essa memória não se perca como tantas memórias dos vencidos.

Uma das tarefas da história oficial é que essas histórias se percam, como fizeram coma a história dos indígenas, que lutavam por suas terras, de tantos negros que lutavam contra a escravidão - como se perderam nas memórias. Estamos terminando o mês da Consciência Negra. O que o movimento negro tem feito? Não comemorar o dia 13 de maio, que a princesita, por um gesto materno, libertou os negros. Comemorar o dia de Zumbi, o resistente! O líder de tanta resistência e fazer com que Zumbi, no mês de novembro seja o mês da Consciência Negra. Para que vocês mulheres negras, homens negros, professoras e professores negras - para que o mês da Consciência Negra? Para que essas memórias não se percam. Lembram daquela música: "Tantas lutas inglórias vencidas, tantas lutas gloriosas tratadas como inglórias vencidas"?

Por favor! De nós depende, educadoras, educadores, sindicatos, Sind-UTE/MG e de todos os movimentos sociais, de nós depende que essas memórias não se percam. Sejamos guardiões dessas ricas memórias de resistências e de lutas. Como guardar essas memórias? Me permitam que eu coloque alguns pontos que me parecem fronteiras de luta para guardar essas memórias.

Primeiro - que os cursos de formação, que os currícu-

los, os currículos em disputa, quardem por favor essas memórias. Uma das primeiras coisas que coloco nesse currículo território em disputa, minha pergunta é essa: Porque vocês passaram 4 anos nos cursos de Pedagogia ou Licenciatura e não ficaram sabendo nada do movimento docente? Por que? Porque essas histórias não se contam, essa pedagogia dos oprimidos de vocês não se conta. Nem seguer nos cursos de Pedagogia, muito menos nos cursos de Licenciatura. Lutemos por favor! Sindicatos, é preciso que nos currículos de formação de Licenciatura, de Pedagogia, estas lutas não inglórias, gloriosas, continuem sendo memória, continuem sendo centrais. Mas, também, por favor! Isso depende de nós. Nós somos educadores, somos professoras, professores, por favor! Contamos essas lutas de resistências, de libertação aos nossos educandos? Façamos essa pergunta com todo realismo. Não! Nos currículos de formacão, até de História, até de Geografia, não se contam as lutas inglórias ou gloriosas de resistências.

Fazem poucos dias, eu encontrei com um jovem da favela e que estuda na EJA (Educação de jovens e Adultos). Não nos conhecíamos, e me falou: Arroyo, tivemos essa semana uma prova de Geografia, que eu gostei. E eu disse: olha, sobre o que? Sobre o governo metropolitano. Ah! Que bom! Ótimo! E eu perguntei para ele: você que mora na favela, quando estudou o governo metropolitano, quando você estudou sobre a metrópole, você aprendeu que a metrópole tinha a favela onde você vive? E ele me olhou com uma cara e disse: professor, isso não se aprende nem no curso de Geografia. Isto é muito sério! Ontem guem estava agui lutando junto às lutas por ocupação de terra em Belo Horizonte? Lula! Ele estava aí, e eu me pergunto: será que amanhã, quando vocês voltarem às escolas, vocês vão ensinar que existem luta por terras agui, em Belo Horizonte, na cidade de vocês? Vocês vão levar isso? Será que isso não faz parte do território, do espaço? As lutas pelo espaço são uma grande questão, uma grande lição que eles têm que saber nos cursos de Geografia. As lutas por terra são uma grande lição que eles têm que saber das escolas do campo, das escolas e dos quilombos. Isso, por favor, é um compromisso sério desta conferência.

Disputemos que nos currículos de formação, não só de Pedagogia, de Licenciatura, mas, nos currículos de formação, do material didático que você ensina, que você trabalha, que se apresente essas histórias de resistências e das lutas por libertação. Esse é o compromisso que tem que sair daqui. E para isso, se a Base Nacional

Comum Curricular não incorporar isso, manda essa base nacional comum para as "cucuias". Nós não temos obrigação de seguir o que ditam lá em cima, temos obrigação de sermos profissionais que saibam o que ensinar nas escolas.

Mais um ponto onde temos que ser guardiões dessas histórias. Eu queria colocar também um ponto que me parece muito importante: o direito dos educandos a saber-se. Não só os educadores têm direito ao saber nos cursos de formação. Aqui, na última parte desse livro, "Currículo, Território e Disputa", eu dedico mais de cem páginas a essa questão. Será que a criança pobre, da vila, da favela, filha de trabalhadores, trabalhadoras que passa 8, 9 anos na Escola Básica, no Fundamental ou no Ensino Médio, será que sabe alguma coisa da sua própria história? De que é filha de trabalhador? Da história do trabalho? Dos padrões racistas, sexistas de trabalho? Será que sabe alguma coisa de tudo isso? Normalmente, não sabe! Podem sair da escola sem saber nada sobre si mesmo e depois falavam - essas crianças, esses adolescentes não querem saber nada do que ensinam! Mas, o que tenho que perguntar é: será que o que ensino tem interesse para eles? Não tem interesse. Uma coisa é eu saber o oficial das elites e outra coisa é saber o que tem direito o povão, a EJA, na Escola Básica, na Escola Fundamental, na Escola Média, o direito a saber-se.

Eu acho que os educandos nos colocam uma pergunta: Professora, professor, direito que não me ajuda a saberme, para que me serve? Essa é a pergunta que nos coloca. Pare de falar de conhecimentos que não me ajudam a resolver-me. Por favor! Prepare sua aula com conhecimentos que me ajudam a saber-me, porque são os que



me servem. Não é fácil guardar essas memórias de resistências, mas, eu queria dizer uma coisa. Procuremos não só guardar essas memórias, procuremos entender o significado político dessas memórias. Essas memórias, este tema chegam num momento de extrema gravidade para nosso país e para a América Latina como um todo.

Estivemos há quase 15 dias na cidade do México. Qual era o tema? O tema dos professores que estão andando por toda a América era o mesmo. O que esse professor, professora, trabalhador da Educação, em tempos tão sombrios, de tantos golpes, vivem em nossa América Latina? Não só o Brasil está sendo golpeado, a América Latina está sendo golpeada.

Coloquemos uma pergunta. Qual o significado político de guardar essas memórias?

Sempre se tenta ocultar, ignorar a memória dos vencidos, isso é um gesto da maior gravidade. Sempre que os vencidos tentam mostrar sua memória e desocultar suas memórias é um gesto político da maior radicalidade. Estes são os significados desse guardar as memórias. Por favor! Avancemos nessa direção!

E passo para o terceiro ponto: Que novas resistências? Que novas fronteiras por libertação? Eu colocaria algumas que me parecem fundamentais hoje. Primeira fronteira de luta: Uma das resistências que nós tivemos nas últimas décadas foi ocupar o Estado. Os movimentos sociais tentaram ocupar o estado. A CNTE, os movimentos docentes, tentaram ocupar o Estado. Criaram a Secretaria e Ministério da Igualdade Racial, a Secretaria e o Ministério da Igualdade de Gênero, a Secretaria e o Ministério dos Direitos Humanos, a Secretaria e o Ministério da Juventude, criaram o Ministério da Reforma Agrária, criaram o Ministério do Desenvolvimento Social, criamos no MEC a Secadi.

O que significou tudo isso? Significou uma luta para ocupar um estado. Não é suficiente lutar na escola, não é suficiente lutar ocupando terra, é necessário ocupar o estado. E o golpe é uma reapropriação do estado. Isso é muito importante! Esse golpe é um golpe de estado. Para dizer: o estado tem dono, a terra tem donos, a escola tem donos, a cidade tem donos e esses donos são a cara da fotografia da tomada de posse do novo ministério de Temer. Esse é um ponto de extrema importância, por favor! Eu participei do SINPEEM em São Paulo, mais de 4.500 a quase 5 mil professoras e professores. Qual era o tema? Recuperemos a escola pública, recuperan-



do o estado público, o estado de direitos. Esse talvez seja o ponto mais complicado e mais difícil.

A primeira medida do novo ministério foi acabar com a CEPIR, acabar com a Secretaria da Mulher, acabar com Ministério dos Direitos Humanos, acabar com o Ministério da Reforma Agrária, acabar com o Ministério do Desenvolvimento Social. O que significa isso? Por favor, este lugar não é o seu lugar, nunca foi. E essa pretensão de que posso estar no nosso lugar, acabou! Esta é a fronteira mais difícil de resistência. O que que aconteceu ontem? A aprovação daquela PEC. O que que está acontecendo em tudo. A Reforma do Ensino Médio, que nem seguer estão consultando o Conselho Nacional de Educação, percebe? Acabou. Agora o estado, ele é quem decide o que que tem que ser as políticas de estado. E não vai ser políticas pelos direitos sociais, pela educação. Ontem, eu ouvi um comentário terrível da Rede Globo. Temer deixou muito claro: não vai ser um governo de direitos sociais, vai ser um governo de trazer os grandes empresários, os grandes fundos de investimentos para a Economia.

É um governo que está a serviço do capital. E onde se coloca o Estado a serviço do capital, não se pode colocar o Estado a serviço do trabalhador, nem sequer a serviço do trabalhador da Educação. Então, tenhamos clareza em que tempos estamos por favor! Essa é uma grande fronteira.

Eu queria também colocar uma outra fronteira que me parece muito importante. Temos que colocar a fronteira em que a Educação está agora; não mais uma educação igualitária, não mais uma educação de formação humana plena, não mais uma educação do campo, indígena, quilombola, das mulheres, dos negros, vai ser uma educação de classe. O decreto da Reforma do Ensino Médio deixa muito claro a cara desse governo. Você jovem não vai se formar como sujeito de direitos humanos, não vai se formar para ter sua identidade cultural, ética, estética. Você vai já, com 15 anos e meio, escolher e vai escolher a partir do que pretende ser. Você pretende ser engenheiro, médico, administrador, escolhe essas áreas. E você, pobre, pretende o que? Eu não sei professor, eu não sei ministro da Educação. Você, faça um curso de técnico, que está muito bem para você. Esse é o sentido dessa Reforma do Ensino Médio. A educação média, humanista, formadora, para os poucos. A formação para o trabalho para os trabalhadores.

Esta é uma questão que temos que olhar com toda delicadeza. Agora, a Educação tem uma marca de classe.



Lutamos para que a Educação fosse igual para todos, lutamos pela igualdade, pela diversidade. Estamos dizendo, basta! Não tem nem ministério da diversidade, nem no ministério do MEC terá diversidade e menos ainda vai ter diversidade nos currículos. Vamos ter classes! E uma coisa impressionante: se diz a um adolescente, quase adolescente, jovem de 15 anos e meio - você pode escolher o seu futuro. Por favor! Você pode escolher o seu futuro. O filhinho de papai já sabe qual é o seu futuro. Filho de empresário sabe que seu futuro é ser empresário, e futuro de trabalhador é ser trabalhador. Então, é isso que se oferece para ele.

Estamos num momento em que as nossas lutas por igualdade da educação, todas as lutas para que os diversos também tenham direito à educação estão sendo jogadas no lixo. Este é o campo de resistência. Eu queria também colocar como campo de resistência, unindo com que foi falado aqui já na abertura: Por favor! Não nos dispersemos! Continuemos lutando juntos em todos os movimentos e todas as fronteiras dos movimentos.

Uma das questões mais sérias que estão para chegar é a seguinte: estavam falando que 60% chegam nas escolas, pobres, chegam do trabalho para a escola, trabalho infância, dez milhões que chegam da escola para o trabalho, do trabalho para a infância, corpos precarizados que chegam para o trabalho infância.

Tudo isso que nós tentávamos incorporar em nossas pedagogias, o que que eles estão dizendo: preparem-se educadoras e educadores! Se até agora chegavam corpos precarizados em nossa escola, teremos mais precarizados. Agora, com essas políticas de destruição do trabalho e precarização dos direitos do trabalho vão chegar ainda mais precarizados e não vão ser dez milhões que

vão chegar do trabalho para a escola; mais crianças, mais adolescentes terão que trabalhar porque o pai estará desempregado, a mãe estará desempregada. Se até agora chegavam 30 milhões de pobres às escolas, diante dessas políticas de contensão, dessas políticas de recessão, de negação do trabalho, aposentadoria, vão chegar mais pobres ainda nas escolas. O que fazer? Como resistir a essas fronteiras?

Eu gueria propor e vou terminar com um ponto que parece importante, por favor! Se a infância e a adolescência pobres, se os jovens e adultos na EJA já chegam pobres do trabalho para escola, para a EJA vão chegar ainda mais pobres. Vão chegar ainda mais do trabalho, vão chegar mais corpos precarizados. E aí a pergunta que nós queremos colocar como central nesta conferência. Qual vai ser a nossa postura de educadora e educadores? Vai ser uma postura de tentar entendê-los, vai ser uma postura de tentar incorporá-los? Essa é uma realidade vivida dos nossos currículos. Vai ser uma postura de não segregar os já segregados pela sociedade? Ou vai continuar sendo uma postura de reprovar? Reter? Segregar? Você, pobre, você jovem, você que chega da favela, que chega da vila, que chega do campo, não tem cabeça para as letras - reprovado. Por favor! Posso pedir uma coisa? Acabemos com a reprovação daquelas infâncias e adolescências que a sociedade reprova. Por favor! Isso depende de nós. Vocês sabem que aqui, na escola plural, tínhamos acabado com tudo isso.

Mas, se não reprovar não estuda, se não reprovar é violento, se não reprovar é indisciplinado. Por favor! Pensem na sociedade e no governo Temer que já reprovam nossas infâncias e adolescências. Mas, nós não aumentemos ainda essa reprovação.

Agora ninguém bate palmas, não é? Por que? Porque ainda a cultura da reprovação está arraigada nas escolas. E quem são os reprovados? Os que a sociedade reprova! As vítimas da sociedade são vitimadas na escola. Por favor! O mínimo de ética. Ética docente, ética profissional, ética política. Essas são as fronteiras onde temos que colocar nossas resistências.

Eu queria terminar com uma coisa. Quando a infância e a adolescência, jovens e adultos populares que chegam a nossas escolas são golpeados, nós seremos golpeados. Quando esses adolescentes, jovens e adultos e sua educação são considerados como desnecessários, quando são mandados para a justiça penal, rebaixar a idade penal dessas infâncias e adolescências, quando estamos num momento em que se prefere que sejam exterminados ou que vão para a justiça penal, o que nos resta? Eu sempre aprendi uma coisa, com vocês, o movimento docente. A nossa sorte, como profissionais do direito ao trabalho na Educação é inseparável da sorte da infância e adolescência, dos jovens e adultos trabalhadores com que trabalhamos. Seremos tratados com a mesma medida com que forem tratadas as crianças, jovens, adultos populares com que trabalhamos. Não pensemos que nós vamos ser os primos bem tratados, impossível! Em tempos em que os direitos do trabalho são golpeados, em que a pobreza vai aumentar, em que a miséria vai aumentar, em que as favelas vão aumentar, em que o trabalho infantil e adolescente vai aumentar, nos preparemos, educadoras e educadores, nós seremos ainda pior tratados do que já fomos durante tantas décadas. Que fazer? Articular-nos com essa infância e essa adolescência, não só articularnos com os movimentos sociais, articular-nos com o movimento infantil, com o movimento juvenil, articular-nos com essa infância e adolescência que fala: professor, por favor! Me trate com toda dignidade! Articular-nos com tantas professoras, tantos professores, que vêm construindo outras identidades docentes. Há muita vida nas escolas, há muita inovação nas escolas, há muita resistência nas escolas, e os sujeitos dessa inovação não são o MEC e o Conselho Nacional de Educação, não é nem a secretaria. Os sujeitos dessas lutas são vocês. Por favor! Articulemos infâncias e adolescências, jovens e adultos, como educadores e educadoras de jovens e adultos.

Muito obrigado a vocês!

30 de novembro de 2016



A privatização da educação por meio das PPPs

Mostrar os prejuízos causados pela Medida Provisória 746, que reformula o Ensino Médio e a Proposta de Emenda à Constituição (PEC 55), do governo ilegítimo de Michel Temer, foram dois assuntos que marcaram o segundo dia da VIII Conferência Estadual de Educação, realizada pelo Sind-UTE/MG, na Serraria Souza Pinto, em Belo Horizonte/MG.

Durante o evento, que reuniu cerca de 2.500 participantes, entre educadores (as), estudantes e representantes de movimentos sociais e de trabalhadores, os palestrantes debateram os efeitos devastadores das medidas deste governo contra a educação, por meio da PEC 55 e da MP do Ensino Médio, bem como, os projetos de privatização das escolas pelos governos estaduais por meio das Organizações Sociais (OS) e Parcerias Público-Privadas.

Ao abrir os trabalhos do dia, o diretor Regional do Sind-UTE/MG (Subsede Uberlândia), Ronaldo Amélio Ferreira, destacou a importância de o encontro reunir não só os profissionais da educação, mas, toda a sociedade, que é prejudicada com os ataques do atual governo à educação. "As nossas convidadas fizeram um debate propositivo do qual sairá os nossos próximos encaminhamentos para reverter os efeitos da MP do Ensino Médio. Despertamos a categoria para a necessidade de lutar contra essas MPs e PECs, que vão transformar a educação para pior e vêm sendo empurradas pelo Governo golpista Temer", afirmou.

Ensino como mercadoria

Abrindo a série de conferências e painéis do dia, o tema "Contextos da privatização na Educação por meio de Parcerias Público-Privadas" apresentou os modelos de exploração da educação que os governos estaduais querem impor sob a justificativa de 'melhorar o ensino'.

Trazendo a experiência de seu estado, a professora da Universidade Federal de Goiás, Míriam Fábia, apresentou as características dos modelos de privatização por meio das Organizações Sociais (OS) e das Escolas Militares.

"O que nós estamos debatendo é a entrega da gestão da escola e, consequentemente, a quebra dos princípios constitucionais, como a gestão democrática e o ingresso dos docentes na carreira por meio de concurso. E sabemos que tem gente favorável dentro da própria rede estadual goiana à implantação das OS, das Escolas Militares. Por isso, devemos ser unânimes para ter uma frente de enfrentamento a esse modelo de negócio que querem fazer do ensino", considerou.

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.





Conferência – Contextos da privatização na educação por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs)

Palestrante - Míriam Fábia

stamos hoje com um desafio, que é conversar so-Lbre a relação difícil, tensa, entre público e privado, e eu acho que é importante a gente considerar o tema que nos pediram que foi a questão da privatização da educação. E aí, eu vou falar do meu lugar, do Estado de Goiás e do que eu tenho acompanhado enquanto trabalho de pesquisa dentro da universidade, dos meus orientandos de mestrado e doutorado, mas, também do meu lugar de fala, meu lugar de militância. Então, a primeira coisa que eu quero dizer para vocês que eu sou uma professora da Universidade Federal de Goiás, com uma trajetória exclusiva dentro da escola pública. Primeiro, dizer que eu sou filha de escola pública, quase que me criei dentro da escola, uma vez que eu sou filha de porteiro e servente de escola estadual e, desde cedo, meus pais trabalhando e a gente vivia na escola. É desse lugar que eu, de fato, tive acesso à escola. Então eu sou da escola pública, da alfabetização ao doutorado. Também tem um lugar de fala de quem é filha de porteiro e de servente. Esse é um termo que há alguns anos atrás, 1920, se dizia daqueles que eram responsáveis pela limpeza da escola, esses eram meus pais. Era a 4ª série primária a escolarização deles. E eu sou fruto de uma geração que saiu de um lugar de pobreza e passou pela universidade. Quase que uma das primeiras gerações neste país, de um lugar de origem muito pobre, que consegue chegar à universidade.

E é obvio que a gente não pode deixar que essas conquistas vão para o chão. A classe trabalhadora tem que ter direito a ir para a universidade, então é dessa defesa que eu também faço. Hoje eu sou professora da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás, trabalhando com políticas educacionais.

Estou na diretoria da nossa Associação que é a Anped - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação e sou militante de um monte de lugar daquele Goiás. E a gente está na briga naquele Goiás com muita coisa: com o Fórum Estadual de Educação, e com o Observatório da Juventude trabalhando ali com a moçada.

O que que eu pensei? Pensei um pouco em apresen-

tar o cenário da educação em Goiás. Disseram que eu tenho 40 minutos, então eu vou fazer uma delonga aqui e quero dizer um pouco sobre os movimentos de organização da nossa rede, porque esse é um movimento que, no ano passado, culminou nas ocupações pelos estudantes em São Paulo, mas, em Goiás, isso tem acontecido na surdina. As questões dos colégios da Polícia Militar, quero falar um pouco sobre isso. Acho que essa é uma coisa que tem se espalhado pelos estados, é importante dizer disso, e sobre as OS - Organizações Sociais - na rede estadual. Então esse é um pouco do percurso que eu quero fazer com vocês aqui hoje.

Vamos entender o cenário da Educação em Goiás. Outro dia eu falei com uns colegas do Mato Grosso do Sul e eles disseram assim: Nossa Míriam! Muitas coisas se assemelham à realidade dos nossos estados. Quando a CNTE me convidou para fazer a fala lá, muitos estados disseram: olha, muita coisa está acontecendo semelhante a Goiás. Então acho que é preciso a gente entender um pouco desse lugar, né? Em Goiás, a gente tem dito que há uma política sistemática de desvalorização da escola pública, do público e do setor público. Não é Goiás, a gente está vivendo isso nacionalmente. Quando se atribui aos funcionários públicos e aos ganhos, o superfaturamento do setor público, nos últimos anos, colocou em saúde, em





educação, em moradias populares, nos programas sociais, não é? E aí a gente está numa onda de retomada de um discurso virulento e perigoso de que só o privado é bom. É claro que em Goiás a gente está vivendo isso muito especificamente por dois setores que estão na berlinda: a Educação e a Saúde. E o governo do Estado vem apresentando soluções para esse problema e eu quero dizer quais são as soluções que Goiás tem encontrado.

Outra questão é que esse "não lugar da educação" se manifesta por exemplo, na não construção de prédios escolares, na não reforma dos prédios escolares, na não manutenção de uma infraestrutura quebrada, degradada e feia para as escolas estaduais de maneira geral. Não há modernização dos recursos técnicos das escolas, não é? Eu acho que uma parte dos que aqui estão presentes deve se lembrar de quando a gente teve a história da televisão e das antenas parabólicas das escolas, a gente não saiu do lugar, não é?

O mundo sofreu uma revolução tecnológica e nossas escolas ainda são as mesmas e essa é uma coisa para pensar. A não realização de concursos públicos para professores e também para funcionários que é mais grave ainda pelo tempo que nós não fazemos uma atualização desses profissionais. Há uma descontinuidade das propostas curriculares. Goiás tem uma discussão do Ensino Médio muito interessante, mais ou menos por volta de 5 ou 6 anos atrás. Um processo bastante democrático envolveu a rede e que era chamado de ressignificação do Ensino Médio. E era um governo que, tinha sido vice do Marconi Perillo, vocês conhecem, nosso governador, famoso no Estado, não é? Marconi Perillo já está no PSDB há 20 anos, no governo não são 20, mas, quase completa esse ciclo. E quando terminou todo o movimento e elaborou o material para a Reforma do Ensino Médio, o Marconi retornou como governador e, no dia seguinte, não se falou mais sobre a ressignificação e aí o Thiago deixou de ser secretário de Educação e trouxe um pacto da educação em Goiás. Eu estou puxando um debate de guatro anos feito na rede. E agora, por medida provisória pode não é? Vamos entender a lógica de construção dessa política.

Outra questão que Goiás tem chamado muito atenção é o fechamento das escolas do campo, das escolas que estão nas zonas mais periféricas das cidades e nas zonas mais urbanas e centrais. Goiânia, por exemplo, tem tido um fechamento significativo de escolas É preciso entender que a educação perde a qualidade para todos e começa a ganhar, especialmente nos últimos anos, as experiências específicas.

em regiões importantes da cidade, regiões centrais, sob o argumento de que não tem estudante para aquela escola e de que aquelas escolas deveriam estar nas periferias.

Se fecha no Centro, mas, em contrapartida, não se abre novas escolas também nas periferias, ou seja, a gente está enxugando a rede, fazendo uma reorganização. E outra questão que em Goiás tem sido uma marca muito violenta é que a Secretaria de Estado da Educação não tem conseguido estabelecer um diálogo com posições diferentes. Eu acho que a intolerância que nós estamos vendo em relação a muitas temáticas no Brasil hoje, em Goiás, tem sido experimentada, especialmente, quando a política educacional começa a retomar critérios com os quais a gente não concorda. Por que? O que sobrou da educação Goiana? Qual é o lugar que nós ocupamos em termos de política de Estado, mas, também de política de governo. Deste governo que não está aí há pouco tempo, mas, que já completa com esse mandato atual - 25, 20 anos de atuação. Então, acho que é preciso entender que a educação perde a qualidade para todos e começa a ganhar, especialmente nos últimos anos, as experiências específicas. Eu queria dizer que isso é revelado no número de matrículas. A gente não teve crescimento de matrícula, então vamos pegar o Ensino Médio para poder balizar a nossa fala.

O Ensino Médio, que é de competência da rede estadual, exclusivamente, quase que hoje representa 85% das matrículas. Como que podemos falar de universalização do Ensino Médio (a Emenda Constitucional é de 2009) se a gente não tem acréscimo de matrícula, ou seja, a rede não cresceu, ela diminuiu? Isso acontece não só com Ensino Médio, mas, tem acontecido com Ensino Fundamental e a gente precisa pensar um pouco nisso. O que estamos dizendo

é que a gente não consegue fazer o enfrentamento, por exemplo, do Ensino Médio. De 208 mil matrículas para 213 mil, de 1999 a 2014. A gente não está incluindo o jovem do Ensino Médio na idade correta e nem os que não tem idade correta. Então nós estamos com um problema grave.

E aí, o que a gente está dizendo é que há uma política de reordenamento da rede, que vem sendo praticada desde 2003. Se fecham as turmas, se fecham as escolas, mobilizam os jovens ou simplesmente dizem agora: essa escola não oferece turma e vocês se viram não é caixote? Se quer estudar, vai estudar em outro lugar. Em Goiás, tem uma gerência na estrutura na Secretaria de Educação que cuida disso, mas, é um processo silencioso, tão silencioso que envolve a gestão e não a comunidade escolar. Então, não teve ocupação de escola em Goiás por causa da reordenação da rede, diferente do que aconteceu em São Paulo, teve foi outra coisa.

Esse processo tem atingido de maneira muito especial as turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essa é uma outra questão importante para a gente pensar a educação como direito nesse país. Assim como é preciso dizer que Goiás está fazendo um movimento de diferenciação da rede que é muito interessante, para entender privatização. Quais são esses movimentos? Uma coisa que é muito antiga na educação brasileira são os convênios com as congregações religiosas.

Isso não é novo no cenário. Nos séculos XIX, XX e XXI, as escolas conveniadas famosas em muitas cidades desse país são consideradas como melhores, não é? Porque as irmãs tomam conta, porque os irmãos



tomam conta, porque os padres tomam conta, as diferentes denominações tomam conta. Essa é uma questão que a gente vai entender como uma questão muito importante aqui, que é o Colégio da Polícia Militar. Ora, mas pode convênio? Para a Polícia Militar pode. Lá em Goiás, está dizendo que pode. E pode OS? Pode OS também. Vamos fazer uma escola de qualidade, é esse o discurso que está na pauta das ações governamentais. Eu guero pegar o Colégio da Polícia Militar como exemplo. Sabe o que é o Colégio da Polícia Militar gente? A escola é estadual, o prédio é do Estado, os trabalhadores são do Estado, mas a Polícia assume a gestão e direção da escola (o diretor dançou, tá gente?). Assume, faz a gestão da escola e imprime a doutrina militar. Sim senhor, não senhor, farda, tudo. A escola é de quem? Estadual. Quando o aluno se matricula, se inscreve no Enem, Sisu e chega na universidade ele é aluno da escola pública da rede estadual, mas, essa escola é da Polícia Militar.

Em Goiás, é preciso entender que essa gestão, que é compartilhada em parceria com a Polícia Militar, ganhou uma adesão muito grande e eu vou dizer por quê.

Outra forma de diferenciação da rede são as chamadas parcerias com as fundações. Tem um projeto, que não é de Goiás, que é o projeto Jovem do Futuro do Instituto Unibanco, que já está fazendo Ensino Médio e Ensino Integral. O Instituto Unibanco está fazendo isso aqui muitíssimo bem, Jovem do Futuro já é assim as escolas são reordenadas e oferecem Ensino Médio de tempo integral. Se elas tinham dois turnos de Ensino Médio agora tem um turno só. E quem faz o acompanhamento pedagógico dessa escola? Não é a rede estadual, é o Instituto Unibanco. E os profissionais que estão com o Jovem do Futuro são atendidos com outra lógica. Porque que eu chamo atenção disso? Porque isso causa uma ferida, quebra a espinha dorsal da escola pública. E cria uma escola da Polícia Militar, cria outra escola do Unibanco. E o resto? O resto vira escola da rede estadual, numa mesma cidade, escolas que têm condições precárias e que não têm nenhuma infraestrutura. Em contrapartida, escolas de boas condições, de boa infraestrutura, professores com gratificação, com acompanhamento pedagógico diferenciado. Escola estadual é de quem? É do pobre miserável. É daquele que não está nem na polícia militar, nem no Unibanco, por meio do projeto Jovem do Futuro. E quem banca é o Estado. O financiamen-





to é público gente, o financiamento é do governo do Estado. Essa escola é pública em sua essência, em sua condição, em sua materialização, no funcionamento do trabalho dos professores. Só que a estrutura de organização é da Polícia Militar, é do Instituto Unibanco. Pedagogicamente, ela segue uma outra lógica, não é? As escolas militares em Goiás são criadas por lei, desde 1976. No auge da ditadura militar, se cria uma lei para dizer do Colégio Militar, só que essa lei ficou lá quietinha.

Em 1999, duas escolas são militarizadas. Eram escolas que estavam enfrentando problemas que nós conhecemos muito bem. Nas grandes, pequenas e em cidades de médio portes, era uma escola que estava extremamente depredada, era uma escola que estava convivendo com a questão das drogas, era uma escola que estava convivendo com a questão do tráfico na sua porta. E aí, o que que aconteceu? A Polícia Militar chegou, como a escola estava esvaziada, porque os pais não querem essa escola para os seus filhos e com toda razão. Essa é uma escola que não atrai o jovem, mas, também não atrai a formação pensada pelos pais, é uma escola que estava esvaziada. Qual é a forma de retomar toda a trajetória dessa escola? O governo entregou para a Polícia Militar a gestão dessas duas escolas. Hugo de Carvalho Ramos é a escola militar mais antiga e mais tradicional de Goiás, é a primeira que começa. Eu já disse que os colégios têm toda infraestrutura, corpo docente, funcionários, só que tem um elemento aqui para considerar. Em 2015, o Hugo de Carvalho Ramos tinha 2.769 alunos e 105 professores. Que professores são esses? Os professores da rede estadual e 64 militares fazendo todo o apoio disciplinar e de controle da escola.

Eu falo: vamos colocar 64 funcionários escolares dentro da escola e resolvemos o problema e a Polícia não precisa estar lá. Vamos colocar mais gente nas escolas. E 51 funcionários que eram funcionários da rede estadual. Então se tem agui um upgrade de 64 militares armados dentro da escola. E tem outra coisa. Esse colégio cobra uma taxa hoje que é de R\$80,00 (oitenta reais). Então vejam: R\$80,00 (oitenta reais) vezes 2.769 alunos por mês, qual é a renda que essa escola tem por mês, para manter toda a sua infraestrutura impecável? Faz a conta aí, povo! No mínimo 20 mil (vinte mil). Qual é a escola da rede estadual, em Goiás, que recebe 20 mil/mês no cash para gastar sem as regras da licitação, sem as regras dos gastos do serviço público, R\$20 mil no cash para se manter. Quebrou alguma coisa na escola, contrata alguém e arruma. A escola precisa de um a pintura, arruma alguém e faz, a escola funciona, a infraestrutura é bela, está bem arrumada, a quadra está bem mantida, a sala de aula não está quebrada e tem grade parecendo um presídio. Ah, mas não são 20, são R\$200 mil não é? Vocês estão ruins de conta, 80,00 (oitenta reais) vezes 2.769 (dois mil setecentos e sessenta e nove). Olha, eu estava feliz com 20.000 (vinte mil), agora com 200 (duzentos mil) eu vou pra galera, né? Então pensa aí.

A taxa é voluntária gente, quem faz a administração da taxa é a Associação de Pais e Mestres. Só que esse voluntário nunca é tão voluntário assim não é? E é muito interessante porque eu acompanhei no ano passado quando militarizaram uma escola ao lado da Universidade Waldemar Mundim e o que aconteceu? A gente teve uma movimentação dos pais. A escola é numa região um pouco mais afastada da cidade e era a única escola de Ensino Médio que se tinha ali, da rede estadual. E aí, o governo anunciou a militarização no final do mês de junho para iniciar em agosto. Teve uma movimentação dos estudantes, dos pais, dos professores contrária à militarização dessa escola, porque, inclusive, é uma escola de muitos projetos coletivos e com estágios da universidade e, nas escolas militares, gente, é muito diferente! A entrada dos pesquisadores da própria universidade, o jeito como nós entramos na escola não é igual, é uma escola que se fecha para tudo. Os meninos e as meninas têm regras rígidas no controle do corpo, da aparência, é uma outra lógica, é uma lógica militar mais autoritária e eu não estou nem falando que uma coisa e outra correspondem, mas, eu estou falando que os pais adoram.

Eu acompanhei umas três reuniões na porta da escola, a escola foi fechada, nós não conseguimos entrar, mas, nós fizemos na porta. Eu figuei impressionada com os pais. Eles não queriam a escola militar gente, não é porque eles eram contra a escola militar. Os pais não queriam a escola militar porque muitos deles não tinham condições econômicas para a manutenção dos seus filhos nessa escola. Porque a ideia da disciplina, porque a ideia de ser uma escola de boa qualidade está dada. Porque essa ideia que está aqui e no discurso em Goiás ela ganhou muita força nos últimos cinco anos. Porque a escola Militar impõe disciplina, impõe regras, impõe hierarquia, impõe respeito à autoridade e, na escola estadual, reina o caos e a violência. Ai tudo quanto é notícia que a gente vê, pergunta se tem uma notícia dessa de um Colégio Militar, não tem, não é? Como se diz, o menino que vem do juiz não fica na escola militar, aqueles que não se adequam são expulsos. A escola militar expulsa o estudante que não se conforma, não se conforma no sentido de não se enquadrar. E para onde vai o menino que o juiz mandou para a escola? Para uma escola estadual. Mas, a militar é o quê? É estadual, mas ela já impôs uma diferenciação porque já não é uma escola da rede como as outras. E é nesse vácuo, é nesse buraco, em que a gente pode fazer uma escola estadual de um jeito e outra de outro jeito, que vieram as OSs.

A gente fez escola. Pode olhar os jornais em Goiás. A escola militar tem tudo isso, tem disciplina, qualidade, ensina valores e civismo e é desejada pela comunidade. Quando o Marconi militarizou na canetada, no ano passado, os deputados de Goiás - depois das últimas do nosso Congresso - é só dizer assim: são deputados, não é? E o que eles fizeram? Eles incluíram na lista de militarização várias escolas, porque eles fizeram acordo com os municípios, de colocar uma escola militar no município. E aí nesse aspecto, se a gente pensar no que eu estava dizendo anteriormente, que numa mesma cidade a gente tem escola de boa qualidade do Estado e escola quebrada também do Estado, ela torna-se mais evidente. Onde se tem uma escola militar, essa diferença é gritante. Não só é gritante do ponto de vista interno do funcionamento da escola, como ela é gritante do ponto de vista do trânsito de estudantes na cidade. Isso é impressionante! E aí vem as OSs como estou dizendo, elas vêm no vácuo desse poder. Nossa colega Liliane estava conversando comigo um pouquinho dizendo: - bom, mas, as OSs e mais as OSCIPS ainda não são... - posso



usar um palavrão? Dá um "p" no meu palavrão: "Não são só uma desgraça pelada; mais pelada ainda é a parceria público-privada. Sabe por que? As OSs ainda são pessoas jurídicas de direto privado. Elas não têm fins lucrativos, pelo menos por vista da lei não é? Sem fins lucrativos, diz a lei de 99 e por que? As OSs não distribuem entre os sócios, os associados, os conselheiros, os diretores, os empregados, ou seja, aquele que compõe o corpo efetivo da chamada organização social, não distribui dividendos, bonificações, participações em parcelas do patrimônio, auferidos mediante exercício da atividade, que tem que aplicar integralmente, o que ela recebe na concepção, ou seja, na realização da sua finalidade.

Bom, essa é a lei que está fazendo gestão das OSs de Saúde no Brasil. E as OSs de Educação? Dizem que nós somos pioneiros. Eu queria ser pioneiro noutra coisa,

A escola militar expulsa o estudante que não se conforma, não se conforma no sentido de não se enquadrar. E para onde vai o menino que o juiz mandou para a escola? Para uma escola estadual.



nisso diz que somos, mas, infelizmente, ser pioneiro em coisas ruins nesse país devia ser proibido, não é? Ninguém devia fazer mais nada ruim do que já tem.

Mas, como é que a gente começa essa história de OSs?

Em 2014, quando o governador foi eleito, ele fez um anúncio dizendo assim: olha, eu vou fazer uma grande reforma na educação Goiana. Aí eu fico pensando, foi ele que fez o pacto no primeiro mandato, não é? Mas isso não era a grande reforma? Não estou entendendo! Só que assim, o pacto não resolve o problema que ele quer. Então o que que ele vai fazendo? Em janeiro, fevereiro do ano passado circulou na mídia essa história da OSs, a senhora Raquel Teixeira assumiu a Secretaria, foi para os Estados Unidos e Europa, copiar os modelos... oh desculpe! Foi buscar os modelos para adaptar à realidade goiana. E aí, qual é o modelo de OS que vai se colocar? Assim, essa história vai ganhando corpo. Em março, a gente fez um debate no Fórum Estadual de Educação, chamamos a secretaria e a gente teve um representante deles e tivemos gente que perguntava assim: como é que vai ser esse processo de organização das OSs? A resposta era a sqeuinte: nós ainda não temos informações, nós ainda não definimos.

Durante o ano 2015, a informação era quase inevitavelmente essa. Não sabemos como será, estamos aprendendo e pensando com as experiências bemsucedidas dos Estados Unidos e com as experiências de saúde.

Em dezembro, a Seduce lançou o famoso edital de chamamento para as OSs e o que que ela fez? Ela pegou 23 escolas da grande região de Anápolis, que é uma região rica do Estado; uma região próxima à Goiânia, que tem ali uma rede de escolas de condições boas. Ela selecionou 23 escolas e montou o primeiro lote. Isso foi em dezembro. Aí o que que aconteceu? Nesse mesmo mês, a reação mais importante e mais incisiva que a gente teve foi a dos secundaristas. Eles disseram não! Mas, não é assim bagunçado não, nós não vamos aceitar! E aí nós tivemos o movimento de ocupação das escolas em Goiás, em dezembro, o ano já estava acabando, veio logo o final do fechamento ali e uma confusão sem fim. Os estudantes ocuparam as escolas, entraram e resistiram. E eu acho que em torno dos movimentos da ocupação dos estudantes nós fomos agregando novos sujeitos coletivos. Os Os estudantes
ocuparam as escolas,
entraram e resistiram.
E eu acho que em
torno dos movimentos
da ocupação dos
estudantes nós fomos
agregando novos
sujeitos coletivos.

sindicatos, as próprias associações que estão na militância educacional, a gente ganhou um apoio grande do Ministério Público, mas, a Secretaria não recuou. A Secretaria de Educação manteve o edital até o final quando, em março, soltou um resultado dizendo assim: nenhuma OS foi credenciada, ou seja, ela não recuou conforme o Ministério Público pediu para cancelar o edital de chamamento. Mas deu como resultado o nada.

Aí eu pensei assim: bom, a gente vai ganhar um fôlego para poder reestruturar as forças. Quando foi em agosto, saiu novo edital de chamamento. Só que vocês estão lembrando que, agosto de 2016 não é agosto de 2015 não é?







Em agosto de 2016, esse país já estava com um monte de olhares para um milhão de outras coisas que estão nos consumindo. Então, há reações às OSs. Nunca vi um edital tão oportuno! De agosto para outubro foi assim... meses de muita mobilização para coisas nacionais. Então, o edital transcorreu normalmente. A gente teve de novo um pedido do Ministério Público que não considerasse o resultado porque a OS que ganhou é uma OS que tem problemas. Quais os problemas? O Ministério Público entrou com resultado, mas, eu estou dizendo que nós tivemos um silêncio.

Eu estava contando aqui para a Liliane que esse silêncio todo me atordoava e atordoada eu permaneço atenta, porque vai emergir um monstro da lagoa. E me parece que essa OS, com toda as conjunturas nacional e internacional, vai tomar conta das 23 escolas.

Quem são essas OSs? As quatro OSs que foram credenciadas: A ISI, a Ekiman, o Ibrasi e o GTR. A organização social GTR é a OS que ganhou agora esse edital das 23 escolas, é a vencedora.

Quem é que está à frente dessa organização social? Um grupo ligado ao PSDB do estado de Goiás e esse é um problema. Esse é para, muita gente, um problema e com uma série de ações que - não sei se vocês se lembram que no ano passado - no começo deste ano, quando as OSs de Goiás estavam no auge da confusão, a Revista Nova Escola fez uma lista de quem eram as OSs de um trabalho que eles fizeram interessante, não faço propaganda de folhetim golpista, mas, pelo menos, nesse aspecto, a revista prestou um serviço,

e essa OS que ganhou tem implicações com o PSDB, com os membros do PSDB que estão na Secretaria de Educação. Ou seja, uma OS que neste aspecto não cumpre as exigências legais e é isso que a gente estava falando não é Liliane? Pelo menos, tem norma no ponto de vista do que é a OS.

Quais são os problemas que o Ministério Público entrou e que esse edital não resolveu em relação à ilegalidade da implementação das OSs em Goiás?

Primeiro, ela fere todo o arcabouço legal que a gente tem educacional no Brasil. Especialmente no que tange à gestão democrática e aí a Secretaria fez uma cartilha de esclarecimento dizendo o seguinte: não, mas o diretor eleito não vai ser substituído. Se a gente olhar a Polícia Militar como referência, que é o que a gente tem de mais perto, a gente vai entender que não é bem assim não. A Polícia Militar colocou a PM como gestor da escola, então como ele é interlocutor entre a Seduce e a OS, que é o termo que eles estão usando. Outra questão para a contratação de professores sem concurso. A OS não vai fazer concurso público, não vai efetivar e vai contratar professores como? Nas normas da CLT? Outra questão é o uso do recurso público, o uso do Fundeb. Gente, aqui está em jogo como nós vamos nos apropriar do fundo público, do recurso público, como aconteceu na saúde. Outra questão é o controle social do recurso público. A gente está à duras penas sofrendo em Goiás para fazer funcionar o Conselho Fundeb. Imagina conselho do Fundeb avaliando prestação de conta apoiando a execução das OSs. Não funciona!

Outra questão é a contratação de profissionais sem licenciatura. Isso porque tem uma cláusula dizendo que a OS, em caso de não ter profissional formado, ela pode fazer a contratação com autorização da Seduce e de outro profissional, depois do "notório saber", da medida provisória voltada para a questão do ensino técnico e profissional, é isso que está na medida provisória não é? Eu já estou achando que esse notório saber vai voltar com força total às disciplinas de História, Geografia, Matemática e Português, porque um cara do Direito não poderia dar aula de História, de Geografia, não é?

Outra questão é o pagamento do Piso. A gente está dizendo: a briga para repassar todo começo de ano o valor do Piso em Goiás é emblemático. Ano passado, a greve foi por isso.



Então, essas são questões que estão aí. Agora, se a gente pegar os discursos usados para convencer, quais são os discursos que Goiás tem usado?

Primeiro: OS não é privatização! A Secretaria soltou panfleto, cartilha; gastou uma fortuna de propaganda com o edital das OSs no começo do ano. Tem uma jornalista nossa, Fabiana Puccineli, que fez uma pesquisa com muita dificuldade para ver quanto o governo gastou. Tem discurso para convencer que não é privatização, que a gestão compartilhada pelos empresários, parceria, etc.

E a professora Raquel Teixeira tem muito discurso e muito mesmo junto aos empresários dizendo assim: não, eles são melhores para administrar, vocês são só professores. Gente, peraí! Vocês nunca administraram nada, vocês são todos um bando de pobres, que não sabem administrar escola, então vamos trazer os empresários, eles sabem, são idôneos, são magnânimos e eles são generosos, não é? Então tem o discurso aí.

Outra questão, o discurso é muito contraditório. Estão dizendo que as OSs vêm para melhorar a transparência e o uso do recurso público. As OSs de saúde do Rio de Janeiro e de Goiás que o digam como melhoram a transparência, não é? Que o Estado não vai gastar mais, vai investir o mesmo recurso e melhorar a qualidade. Que não vai alterar o direito dos professores. Óh professores, prestem atenção! Porque vocês estão contrariados? Vocês vão trabalhar numa escola mais organizada, não é? O diretor passa a diretor pedagógico, isso que a gente falava, interlocutor da Seduce, e aí, em Goiás, o sucesso...

Esse ano, já foi mais difícil fazer esse discurso porque já estourou um monte de escândalo, dinheiro da Saneago para a OS de saúde. Neste setor, a gente tem problema com as OSs que começaram a deixar pacientes sem fazer exames de alto custo, sem diagnóstico e sem tratamento. Já começaram a explodir questões relativas ao auto custo de determinados pacientes. Por exemplo, pessoas com câncer, linfoma, que são pacientes caros, ficam lá no hospital passando 40 dias à base de dipirona.

Então, acho que estas coisas começaram a estourar esse ano, que no Rio de Janeiro já tinham estourado ano passado. Outra questão é que as escolas vão ter



o que nunca tiveram. Elas terão aula de reforço. Estudantes - tem algum estudante aqui presente? Levantam as mãos estudantes! Eu quero dizer a vocês: as escolas das OSs anunciadas em Goiás serão um paraíso. Elas não serão militares, então você pode usar piercing, pode colocar a unha vermelha, o batom. O short eu já não sei se a OS vai controlar.

Tem a questão da moral e do bom costume. Não sei, pergunta difícil, essa eu não pensei ainda. Mas, olha, vocês vão ter estudantes, presta atenção: aula de reforço, escola mais organizada, professores e diretores integralmente dedicados a vocês, pois, eles não precisam fazer nada da gestão da escola. A história de participar do projeto da escola acabou não é?

E a questão da infraestrutura será outra. Então, se vocês forem estudantes das escolas que têm Jovem do Futuro, das escolas militares e das escolas das OSs, vocês estão no Paraíso. Mas, e vocês que não estarão em nenhuma dessas escolas? Eu vou chutar um número: 80% dos estudantes de Goiás ou 75% porque as escolas militares não aumentaram muito nos últimos anos, o que sobra para vocês? Sobra escola estadual.

Então aí, eu trouxe alguns slides da questão do que estão as OSs lá da saúde, né? Eleva o custo, mas, não melhora a qualidade do atendimento, e eleva muito os custos, né? Verba desviada da Saneago foi utilizada para pagar dívidas eleitoral para pagar OS, para pagar OSs, porquê? Está aí o esquema da Saneago em Goiás, né?

E aí eu gueria terminar, para nós pensarmos juntos e vocês que vão continuar o debate hoje à tarde. A guem interessa o discurso de desvalorização do serviço público. A nós, os mais pobres desse país. A quem? A privatização da gestão da escola atende a quais interesses objetivos? Que grupos são beneficiados? Se a rede estadual em Goiás tem melhores resultados no IDEB nos últimos anos porque que a gente vai privatizar a gestão? Goiás, fez uma propaganda imensa que nós éramos o melhor do IDEB, agora nós somos o terceiro. Então, se está tudo tão bom no IDEB, porque precisa de OS? Inovar não seria fortalecer a rede pública com gestão pública, infraestrutura, equipamento, tecnologias, concurso e remuneração docente, escola de verdade, para gente de verdade que merece escola?

As OSs credenciadas serão mesmo capazes de melhorar a qualidade da Educação em Goiás? Porque o interesse das OSs em gerir a escola se elas não podem juntar patrimônio, remunerar diretores, pegar dinheiro para as pessoas? Hummmm...

Porque que a gente tem que fazer uma luta contra as OSs, as parcerias público-privadas, as militares?

Primeiro, em defesa da escola pública. Segundo, em defesa da escola pública, mas, escola pública de qualidade como os direitos de todos os brasileiros, da garantia dos direitos. Em defesa dos princípios constitucionais, da gestão democrática, do ingresso na carreira por meio de concurso e da qualidade da escola. Se a gente não fizer isso, quem fará? Não vai ser a rede golpe né gente?

A quem interessa o discurso de desvalorização do serviço público. A nós, os mais pobres desse país, a quem? A privatização da gestão da escola atende a quais interesses objetivos?

Que grupos são beneficiados?

Em defesa da educação como projeto de nação, de formação humana, em defesa da qualidade do ensino aprendizagem, em defesa da transparência e dos gastos, do controle dos recursos públicos da educação. É em defesa da escola pública, dos nossos jovens, dos nossos profissionais que doaram suas vidas, 20/30 anos de magistério e espero dessa escola, a formação da nação, que é para mim um interesse muito importante.

E eu termino com Florestan Fernandes que aqui estava no auge da briga pós-constituinte, Constituição e pensando nos embates com a LDB. "Nós não devemos alimentar ilusões. Os embates vão recomeçar, de modo negativo tanto na comissão, quanto na sociedade. Era um debate sobre a LDB, não é? É uma pena permanecermos presos ao passado. Só que nos cumpre fazer tudo o que for possível para não ficarmos com 'meia vitória'. Precisamos cortar o nó górdio de nossa história. "Os conservadores escolheram a educação como o terreno de luta principal"- Florestan Fernandes, 1990.

São as escolas, os estudantes, são eles que ocupam, são eles que têm feito o movimento, se juntando àqueles que defendem a escola pública. Com Florestan Fernandes só me resta, convocá-los à luta. Ou nós vamos para a luta para tentar minimamente algumas vitórias ou o gosto amargo da derrota de que estes últimos anos que nos permitiram, eu e um bilhão de gente nesse país, entrar na universidade, vai para o chão. É isso gente! É isso que está no jogo. Ou a gente vai para a luta ou vamos voltar aos anos anteriores.

E aí, Anísio Teixeira, num congresso em São Paulo, em 1957, disse assim: olha, a gente não pode sair daqui sem um temo de compromisso. E a rua e o espaço do debate seguem ocupados. Porque se a gente espera deles, esqueçam! Nós vamos ser, de novo, colocados no nosso lugar. Lugar de pobre nesse país está bem determinado. Resta saber se nós vamos nos acomodar a ele ou se nós vamos, de novo, nos movimentos, ocupar os espaços.

Obrigada! Bom Congresso para vocês!

1º de dezembro de 2016

A quem interessam as PPPs?

Ainda no contexto das discussões do painel de conferências sobre o tema "Contextos da privatização na Educação através de Parcerias Público-Privadas", a economista da Subseção do Dieese no Sind-UTE/MG, Liliane Resende, fez uma abordagem sobre os modelos de exploração da educação.

A economista do Dieese fez algumas abordagens do que está por trás do interesse de governos estaduais ao querer impor o projeto de parcerias público-privadas sob a justificativa de melhorar o ensino.

Esclareceu em que contexto a ideia de PPPs aparece em Minas Gerais, em 2012, e lembrou que esse modelo já vem sendo adotado em outros estados do país nas áreas da segurança pública, sistema prisional e saúde.

Em Minas, segundo ela, a gestão Aécio Neves foi a primeira a criar a lei das PPPs. No bojo do choque de gestão, Minas se antecipou um ano antes de criar a legislação da Parceria Público-Privada. Um ano depois, o governo federal publicou a lei nacional do que seriam as PPPs.

De lá para cá, nas gestões Aécio/Anastasia, várias PPPs foram feitas em Minas. No entanto, no segmento educacional é a primeira vez que essa possibilidade é apresentada no Estado.

Liliane Rezende também falou dos prejuízos na gestão democrática e na função social da escola. Ressaltou que tanto as propostas de emenda à Constituição quanto as medidas provisórias atacam diretamente a carreira e a valorização do trabalhador e da trabalhadora em educação, substituindo o modelo de financiamento da educação (antes público e solidário) para um modelo mercantilista.

O índice per capita de recursos do Fundeb para o Ensino Médio é o mais valorizado e, por isso, gera mais recurso para o Estado. Assim, interessa ao Governo esse modelo de PPP porque ele vai gerar uma 'correia transmissora' da formação desses jovens para o mercado de trabalho e, consequentemente, para o capital. "E a Secretaria da Educação usa isso como justificativa cumprir a meta do PNE - Plano Nacional de Educação. "PPP gente é capitalismo sem riscos, é garantia de mercado, monopólio por vinte, trinta anos de posse, seja das escolas, postos de saúde, hospitais ou rodovias."

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.





Conferência – Contextos da privatização na educação através das parcerias público-privadas

Palestrante - Liliane Resende

Primeiramente, Fora Temer! Segundamente, Fora Temer! E, terceiramente, que nunca é demais, Fora Temer!

É com muita honra que estou aqui hoje, mais uma vez, trocando uma ideia com vocês na Conferência do Sind-UTE/MG. Eu fui convidada para trazer esse tema muito espinhoso que é da parceria público-privada, que infelizmente esse governo teve a "cara de pau" e muita coragem de colocar o edital das PPPs no Ensino Médio. E a Miriam Fábia já trouxe vários impactos e apresentou discussões que eu também pensei em tratar.

Na verdade, nesse primeiro momento da minha fala pessoal, eu queria esclarecer em que contexto a ideia de parceria público-privada aparece não só em Minas, mas desde 2012, 2013 e 2014, em outros estados, mas, não na educação. Nesta área é a primeira vez que o governo apresenta essa proposta.

E como a Miriam Fábia já adiantou, a PPP, ela é bem mais radical do que entregar a educação para Organizações Sociais ou OSCIPs. Porque a PPP deixa muito claro: lucro! É empresa e o objetivo de assumir os empreendimentos, construir e gerir escolas é para angariar lucros... lucros crescentes. Então, em Minas este governo radicalizou e optou por PPPs.

Poderia até, no sentido que a Macaé justificou na última audiência pública que eu participei do Ensino Médio, porque esse edital foi publicado quase às vésperas do Natal. O edital da PMI do Ensino Médio aqui em Minas foi publicado em 25 de dezembro, no apagar das luzes não é? Vamos ficar aí monitorando agora em dezembro para ver que bomba mais que vem.

Esse edital foi publicado e a Macaé justificou a parceria porque Minas teria que cumprir metas e o compromisso do Ensino Médio. Mas, antes disso, a gente precisa entender como essa história de



PPP aparece. É obvio! A gente está vivendo um contexto e Minas conhece muito bem de estado de resultados, de estado mínimo, do choque de gestão. Na verdade, a parceria público-privada ela é tão radical, tão ridícula porque, literalmente, constitui um capitalismo sem riscos para o capital. PPP gente é capitalismo sem riscos, é garantia de mercado, monopólio por vinte, trinta anos de posse, seja das escolas, postos de saúde, hospitais ou rodovias.

Em Minas, infelizmente, a gestão Aécio Neves foi a primeira a criar a lei das PPPs. No bojo do choque de gestão, Minas se antecipou um ano antes de criar a legislação das parcerias público-privadas. Um ano depois, o governo federal publicou a lei nacional do que seria a PPP. E de lá para cá, nas gestões Aécio/Anastasia, várias PPPs foram feitas em Minas.

Vocês já devem saber das PPPs do Mineirão, do sistema prisional, das rodovias MG 50 e querem mais. Tem várias propostas de parcerias público-privadas além da educação por esse governo, conforme aprovado no Plano Plurianual do Estado.



Querem entregar até a cobrança do IPVA e de emplacamento para as PPPs. Vão ampliar o Expominas 2 ? Por meio de PPP. Vão fazer a sede do DER? Também por PPP. O Circuito Peter Lund de Grutas? Por meio de PPP. Tudo isso são projetos novos de parcerias público-privadas, que se unem a essa proposta de Ensino Médio.

Então, esse capitalismo de serviço pessoal garante o que? O mercado monopólio para o capital torna o estado um parceiro obrigatório porque, em 2012, modificaram uma lei federal promulgada em 2004, para colocar o seguinte: que em nenhum lugar do mundo a PPP - seja na Inglaterra, seja em outros países - tem esse detalhe... o que é o que? O Estado vai colocar o dinheiro no modelo de PPP antes do servico ou da obra ser concluída. Isso é coisa de brasileiro, que quer entregar ao capital privado todo tipo de prestação de serviço. E isso gente não é novidade no Brasil, não é? Desde Dom Pedro I, que houve uma garantia aos empresários nacionais daquela época, de lucro de 5% garantido para empreendimento no Brasil.

Também no século XIX, por volta de 1.850, para a construção das rodovias e das ferrovias, e sabem que Minas Gerais tem mais de 4.000 (quatro mil) estações de ferrovias, na época da República Velha, em 1.850, também a eles, ao capital inglês, foi garantido um lucro anual de 7%, ou seja, a burguesia brasileira e o capital brasileiro sempre sobrevivram das benesses do Estado.

E essa parceria público-privada, além de ter a

As PPPs colocam em risco todo o tipo de política pública universal, porque 75% das escolas da parceria do Ensino Médio em Minas serão ilhas de prosperidades.



garantia do lucro, coloca o Estado como aquele que vai patrocinar, antecipar recurso, num momento da chamada crise econômica, arrocho fiscal e crise de orçamento, o Estado tem que entrar com o dinheiro antes. E isso pessoal, coloca em risco o quê? Inclusive as ditas metas da nova Proposta de Emenda à Constituição (PEC 55), porque vai obrigar os estados a se endividarem. E mais do que isso, o modelo de PPP prevê sabe o quê? Que os fundos de pensões dos trabalhadores também comprem ações dessas empresas que vão gerir as PPPs, e esse governo de Minas preparou muito bem o meio de campo. A última reforma administrativa do Pimentel potencializou as funções da Codemig, que é uma empresa que vai gerir os ativos do serviço do Estado. E o modelo de PPP precisa de uma empresa que faça sua gestão, uma empresa que vai gerir os imóveis, as ações, inclusive, determine, os fundos de pensão dos trabalhadores, comprem ações dessas empresas que vão gerenciar os modelos de parceria, no caso, em Minas, das escolas. Então é muito sério.

Mais do que isso, coloca em risco todo o tipo de política pública universal. Porque 75% das escolas da parceria do Ensino Médio aqui em Minas serão ilhas de prosperidades. Isso porque serão construídas, segundo está lá na proposta de procedimento de interesse, no site da Secretaria de Educação, escolas conceitos. Mas, a gente vai ver devagarzinho em que medida esse modelo que cria monopólio para o capital, que pode gerar maior endividamento do Estado, que pode quebrar os fundos de pensão dos trabalhadores e principalmente alterar um quesito fundamental da política pública que é o interesse público, que é o bem comum da sociedade. Então, é «cara de pau» demais envolver Saúde e Educação como a gente tem visto em Goiás e agora em Minas dentro da lógica das PPPs.

E aí, eu pergunto para vocês? Porque PPPs no Ensino Médio em Minas? Os governos anteriores, nem Aécio e nem Anastasia, tiveram essa coragem. Como esse governo está trazendo agora essa proposta. Por que será que a PPP vai se dar no Ensino Médio, pessoal?

No contexto ainda da Reforma do Ensino Médio. Será que é para cumprir as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) que, em 2024, o Estado teria que atender 85% das matrículas? Tenho muitas dúvidas, porque, segundo o cronograma que está neste edital das PPPs em Minas, no Ensino Médio, só em 2018, é que as primeiras quatro das 75 escolas que estão no pacotão serão construídas. E dessas 75 escolas, eu fiz as contas lá, lendo todo o material e somei: tem cerca de 1.400 salas, que na média da Secretaria não serão como o custo/aluno/qualidade determina, de 30 alunos por sala. A Secretaria prevê 35 alunos para o Ensino Médio. Envolveriam essas 75 escolas e essas 1.400 salas que vão ser construídas apenas para 49 mil alunos, ou seja, para que PPP para o Ensino Médio se o Estado tem que atingir 85% das matrículas em 2024 e as parcerias não vão envolver mais do que 50 mil alunos.

A gente sabe e o Sind-UTE/MG já divulgou um estudo que a subseção Dieese fez, que existe um déficit de mais de um milhão e meio de alunos que não tiveram acesso ao Ensino Médio, alunos abandonados do Ensino Médio. E essas PPPs, só nessas 75 escolas e nessas 1.400 salas jamais vão dar conta desse fascismo, quanto mais cumprirem as metas do PNE.

E eu pergunto, por que o modelo de PPP e não de OS ou Oscip, em tese, que não tem o objetivo do lucro, e pelo menos foi aprovado o marco regulatório do terceiro setor, então, elas são obrigadas, pelo menos do ponto de vista da lei, da regulação do marco, a divulgar os seus dados no site,

mostrar as suas finanças públicas, tem que divulgar quem são os diretores, se existe nepotismo ou não, se tem servidor público nas gestões das OSs e das Oscips, etc. Existe um marco regulatório.

Parceria Público-Privada pessoal é Estado-Empresa, e a justificativa das leis de parceria no Brasil, de 2004 para cá. É que esse modelo traria mais transparência, sustentabilidade aos empreendimentos públicos, daria mais confiança na relação entre o Estado e as empresas, que lindo não é?

Só que a PPP é empresa, objetiva lucro e o lucro previsto que estão lá nos modelos do plano de negócios do site da Secretaria é em torno de 9 a 10% ao ano. De graça e garantido com o Estado mandando o dinheiro. Se é para salvar a crise financeira dos estados, se é para salvar a falta de recursos, porque dizem no edital que o Estado só vai colocar R\$170 Milhões em recursos ao longo dos 20 anos nas PPPs que serão contratadas. Mas, aí pessoal, eu fui olhar lá o material que o Departamento de Obras Públicas de Minas (DEOP) fez vistoria em mais de 60 terrenos, e eu vou contar para vocês: sabe qual é a situação dos terrenos nesses vários municípios onde estão previstas as escolas? Do total de mais de 60 terrenos, 5 apenas são do Estado e não estão em condições razoáveis. Entre 10 a 5 terrenos de estados, alguns estão inundados, outros estão apropriados por terceiros, vários tipos de problemas. Um desses terrenos pertence à União, ou seja, o Estado vai





ter que tentar apropriar e comprar da União. E o restante pessoal, eu falei de 6, na média de 60 terrenos para as escolas, o restante, mais de 50, sabe de guem são? De particulares. Terão as prefeituras que comprar os terrenos para doar ao Estado, e a gente sabe como acontece a doação entre prefeito e Estado. Toma lá, dá cá. Eu te dou o terreno e o que você me dá? Alguma coisa em troca vai acontecer. Porque não é transparente essa relação e nem vai estar em nenhum site da Secretaria de Educação essa troca de doação de terreno e nem a construção da escola. E o pior, eu vendo lá todos esses terrenos, eu vou contar para vocês, dá vontade de chorar. A maioria deles ou mais de 40% não têm água, esgotamento, telefonia, nem rede elétrica. Isso é onde vão construir as tais escolasconceito, que são maravilhosas, que você abre os desenhos arquitetônicos que estão no site. Mais do que isso, tem terreno gente, dois ao lado do cemitério. Dá para vocês? Ao lado do cemitério.

De duas escolas, apenas uma está dentro de um condomínio privado numa cidade. A outra está num terreno do Minha Casa Minha vida. E então, a gente percebe que a escola totalmente perde a sua função de instituição social. Algumas escolas, alguns terrenos têm até possibilidade de inundação! E outro terreno vão tirar o João Raimundo da casa dele, para poder fazer um acesso na rua, para poder entrar dentro da escola. Gente, eu convido vocês a visitarem esse material no site da Secretaria, porque é de doer. Então, além dos R\$170 milhões (Cento e setenta milhões) que o Estado disse que não vai colocar dinheiro nenhum, e ainda tem que antecipar o dinheiro porque é modelo de PPP no Brasil, o Estado coloca dinheiro antes da obra acabar, tem toda a infraestrutura em Cemig, Copasa, asfaltamento, pavimentação, tudo isso será a empresa que vai fazer? Não, é o Estado que vai colocar. Então como dizer que o Estado, sem recurso, opta pela PPP para aliviar o caixa?

E eu pergunto para vocês, em termos de custo, a gente estava fazendo as contas aqui, eu e o Ronaldo, cada lote pessoal, de 25 escolas, sabe quanto vai custar ao ano? R\$120 milhões (cento e vinte milhões). Sabe quanto custa as 3.560 (três mil quinhentas e sessenta) escolas do Estado de um orçamento de R\$9 bilhões, que a Secretaria tem? R\$ 2 milhões e meio ao ano. E dizem que não tem di-



nheiro. E dizem que a PPP não vai dar lucro. R\$120 bilhões (cento e vinte bilhões) por ano em 75 escolas. E o Estado gasta R\$ 2 milhões e meio com as 3.500 escolas no ano. Isso é só uma contabilidade que dizem que é para justificar a PPP.

Os planos de negócio, porque lá em cada plano de negócio está escrito o seguinte: o Estado pode entrar com 0% de contrapartida em dinheiro até no máximo 20%, mas, eles não dizem que a empresa que é a Codemig que vai gerenciar, pode colocar até 80% de capital do Estado. Como gente? Com ações das estatais, com os fundos de pensão das estatais, quiçá, fundo de pensão complementar dos servidores, fundo de pensão do regime próprio dos servidores. Porque a Reforma da Previdência casa muito bem com esse processo de privatização da educação básica.

A PEC 55 casa muito bem com a PPP na educação ou na saúde. A Reforma do Ensino Médio combina muito bem com o modelo de escola-conceito e do currículo que o MEC quer trazer. E outra pergunta eu coloco. Porque as empresas Andrade Gutierrez, Odebrecht, Cowan são as vencedoras do modelo referência arquitetônico, e sabe-se lá se não seriam as vencedoras do contrato das PPPs? Alguém já ouviu falar dessas três? Sabe a Cowan, aquela respnsável pelo Viaduto Guararapes, que até hoje ninguém foi para a cadeia? É essa 'fofa' que está lá fazendo o projeto arquitetônico e concorrendo a ganhar o contrato de parceria, gente. E só para vocês terem uma ideia. A Secretaria tem lá no

edital vários esclarecimentos que fez junto à empresa. Porque na verdade é mais uma rifada, uma puxada de tapete que o governo está fazendo. Porque tanto na lei federal quanto na lei estadual, nos decretos que regulamentam, tem dois artigos que dizem o seguinte: deverão ser convocadas consulta pública e audiência pública para discutir propostas de PPPs, e eu pergunto para vocês: alguém aqui foi chamado? Só com as empresas que a Secretaria conversa.

Vocês vão ver lá um tanto de cartinha de esclarecimento em relação ao edital, que as reuniões aconteceram ao longo desse ano da Secretaria com as empresas. Numa delas, a empresa fala assim: no projeto 2, foram projetados pilares de concreto artesanais de qualidade, cumprindo todo o tipo de cultura da cidade de Minas, segundo modelo das escolas das parcerias da prefeitura de Belo Horizonte. Só que o prazo foi entregue em 12 meses e essa Secretaria está pedindo seis meses para entregar as escolas, como faremos?

Resposta da Secretaria: imagina a Cowan com uma resposta dessa. De jeito nenhum, os pilares podem ser industrializados. Ou seja, se cair, caiu né? Já inaugurou, qual é o problema? Problema nenhum. Pode agilizar.. e mais, eu pergunto para vocês: a parceria público-privada, modelo arquitetônico está preocupada com violência na escola? Não! Só haverá muros laterais, à frente da escola tudo transparente, convite para uma interação com toda a comunidade. E eu pergunto para vocês: vejam lá onde estão alocados os terrenos das escolas. Perto de cemitério, perto de fábrica, perto de passagem de gado e em vários lugares esquisitos. Eu pergunto: esse modelo de escola vai conter a violência? Tenho muitas dúvidas.

E para fechar, no sentido de trabalhar a ideia de que a parceria público-privada, além de todos esses descalabros que estão no modelo de Minas, ela afeta e ataca, principalmente, os princípios da categoria que a educação pública conquistou. A concepção de educação vira uma indústria de diploma, é uma mercadoria que gera lucro, vamos criar escolas! A educação vira uma indústria de formatura como no ensino privado, que o menino faz formatura na creche, na pré-escola, no Fundamental tem formatura, no ensino médio tem for-

matura. É dinheiro adoidado! É isso que é a concepção da educação, é para conformar trabalhadores do capital e não para a escola libertadora.

E, principalmente, Ensino Médio né gente, o que é uma grande sacanagem! Porque esses jovens do Ensino Médio serão entregues a essas empresas como aprendizes. As escolas vão vender esses meninos como já fazem. Eu já tive a oportunidade de visitar algumas escolas de Ensino Médio, as empresas vêm com um troquinho, com uma doaçõezinha e esses meninos são entregues às empresas como aprendizes, como subempregados. É literalmente construir a passarela da classe trabalhadora para o capital. Porque dali do Ensino Médio não sairão. Farão cursos técnicos nas empresas e tchau universidade. Por que todo o clima e a cultura dentro das escolas serão uma cultura de gestão privada, ou alguém tem dúvida?

E aí, a concepção de educador... gente, esquece! O foco é o ensino aprendizagem! Falar que funcionário dessa escola é educador, já era! Acabam com a lei recentemente aprovada. Isso tudo é lixo. Isso porque, quem vai gerir as escolas vai contratar todo o pessoal de prestação de serviço. Secretaria de escola sabe como vai chamar? "Helpness", tá? Isso que vai virar secretaria de escola. Então todo profissional de apoio, da prática cotidiana da escola, já era! Vão rasgar com isso. Essa escola será de todos os mercenários, para obtenção de resultados. Escola vira um empreendimento e deixa de ser uma instituição social. Gestão? Há gente, a Miriam já falou da gestão democrática.

E eu pergunto para vocês: vejam lá onde estão alocados os terrenos das escolas. Perto de cemitério, perto de fábrica, perto de passagem de gado e em vários lugares esquisitos. Eu pergunto: esse modelo de escola vai conter a violência?



Sabe como será a gestão das escolas de PPPs? O comitê técnico vai ocupar o lugar da diretora da escola e da vice-diretora. Superintendência Regional aqui olha pessoal: tchau! Superintendência não vai nem ter nenhuma gerência sobre essas escolas geridas pelas empresas. Tchau superintendências!

Servidores, superintendências, sequer vão entrar nessas escolas, porque se na Militar não tem acesso, imagina nas privadas vão abrir os portões para o sistema educacional ver o que está acontecendo. Pensa bem se vai acontecer cursos de CRB nessas escolas. Pedagogia de alternância, ocupação de escola... é never! O portão vai estar fechado e entregue a esse comitê técnico, que só vai ter: estado, executivo e representante da empresa. No lugar do Conselho Escolar, olha o nome gente: eu passei mal a hora que eu li. Sabe quem vai estar no lugar do conselho escolar? Comitê de Ocorrências, que tal? Igual a uma delegacia. Comitê de ocorrências vai substituir o conselho escolar. Que tal? Para resolver todos os pepinos.

Se você abrir o site da secretaria, vocês vão ver a quantidade de função desse comitê de ocorrências, porque ele vai ser o ouvidor mor, para levar ao Estado todos os pepinos, se é que o estado vai estar preocupado em resolver algum pepino. E o pior pessoal, se é que tem mais coisa pior, modelo de financiamento, Fundeb, eu acho que a gente tinha que impedir que o recurso do Fundeb fosse repassado para este tipo de empreendimento pri-

Servidores, superintendências, sequer vão entrar nessas escolas, porque se na Militar não tem acesso, imagina se nas privadas vão abrir os portões para o sistema educacional ver o que está acontecendo.

vado para a Educação, é um absurdo! Porque eles estão querendo fazer um modelo de financiamento que é o Fundeb Solidário, que repassa recursos entre os entes mais pobres, que vai para as escolas independentes, se é escola conceito, se não é escola conceito que financia os alunos, Ensino Médio, o coeficiente de financiamento, ele é 1,3 superior ao Ensino Fundamental, por isso que estão de olho, que é justamente de onde vem mais verba do Fundeb e do Ensino Médio. Eles querem transformar, acabar com o Fundeb e criar um modelo de financiamento, um modelo Chileno, que chama financiamento compartilhado. Ai, vão perguntar: compartilhado com quem? O estado e a família, por quê?

São tão espertinhos, que colocaram no edital de PPPs das escolas aqui em Minas, que a empresa que ganhar a concorrência vai poder, se quiser, cobrar taxa dos alunos para estudar. Que lindo! Está lá!. Se a empresa, com recursos do empreendimento, quiser mudar modelos de concessão administrada, que é esse que a gente conhece básico, que entra o dinheiro do Estado e o empreendimento coloca lá a obra e cobra, se quiser pode cobrar do modelo patrocinado, o que é o que é? Os alunos vão pagar taxa para estudar nas escolas de ensino médio, entendeu? E isso é um modelo chileno de financiamento compartilhado. Vão rasgar a lei do Fundeb.

Para não falar da carreira né pessoal? Acabou a unidade que o Sind-UTE/MG construiu desde o início da sua história. Porque se vai ser um encontro pedagógico, segundo o edital, está fora da parceria público-privada, por enquanto, porque atrás daí, atrás da MP, atrás da Reforma do Ensino Médio, atrás do MEC, estão lá o BID, a Unesco e o Banco Mundial, vamos combinar, né? Ninguém é bobo aqui!

Então, a princípio pedagógico está fora, o resto acaba com a unidade que o Sind-UTE/MG construiu ao longo de sua história, por que funcionário de escola é tudo privado, celetistas, com regime de hora, do tipo 11horas vai funcionar a escola aberta, manutenção e limpeza também 11horas, vigia, 11horas, e nos finais de semana.. funcionarão. É um regime celetista e está, inclusive, para ser flexibilizado na reforma do Temer.

L Essa categoria derrotou o projeto de qualidade total do Estado, essa categoria derrotou a proposta do subsídio, e nós estamos com vocês, para ajudar na subseção Dieese.

Acabou! E mais: Plano de Carreira gente, pode rasgar, pode rasgar esse plano, que foi construído agui no estado. Pode rasgar porque não existe mais, não existe a chance de pagar o piso salarial para os demais trabalhadores, que não os profissionais de magistério. E o pior: dois regimes de previdência convivendo. A turma que estará na escola, que pertence ao regime próprio do estado e a turma que estará vinculada ao INSS.

E para fechar, que já me avisou o Ronaldo que já passei do prazo, e para terminar, se não tem carreira, se não tem concepção de educação de escola, se a gestão é à base de comitê de ocorrência, como é que a gente vai falar de qualidade? Ainda que a escola-conceito seja toda bonitinha e cheia de "perepepé", mas, que pode cair, não é? Se a Cowan levar, cai tudo, não dura nem cinco anos, não é? Apesar de ser arejado, o CAC não entra nessa história.

Como é que vai falar de qualidade, cumprir os artigos 3 e 4 da LDB, os artigos 206 e 211 da Constituição? Já era! Não tem qualidade se não tem valorização; não tem qualidade se não tem gestão democrática; não tem qualidade se não tem carreira; não tem qualidade se não tem concepcão de educação transformadora. Que qualidade é essa? Construir infraestrutura... que infraestrutura é essa que pode cair? As próprias empresas questionam a Secretaria. Como é que nós vamos montar uma sala polivalente de Arte, Cinema, Informática, não sei mais o quê, em 150m²? Será que não dá para ampliar o projeto não? Aí a Secretaria responde: vamos avaliar na próxima reunião. Olha, me ajuda aí, é muita sacanagem! Cadê a qualidade social sem controle social, gente? O Fundeb vai poder controlar essas escolas? O Conselho do Fundeb, o Conselho do CAE? Esquece, esquece... não tem essa chance, não tem qualidade sem controle social também. Então é só para resumir um pouquinho para vocês o que que é esse projeto de parceria público-privada no ensino médio mesmo.

Há, eu quero dizer antes de terminar. Essa categoria derrotou o projeto de qualidade total do Estado, essa categoria derrotou a proposta do subsídio. Nós estamos com vocês para ajudar na subseção Dieese. Obrigada!

1º de dezembro de 2016



Os impactos da MP 746 na educação

"Eu gostaria de começar agradecendo, primeiramente, aos milhares de jovens do Brasil que ocuparam as escolas brasileiras", disse a professora Sandra Garcia, ao iniciar sua abordagem sobre os impatos da MP 746 na educaão.

No seu estado, o Paraná, 900 escolas, nos deram exemplo de resistência e coragem. E como esses jovens, segundo ela, incentivaram os profissionais da educação para que também seguissem resistindo.

"Acho que o alento que da juventude nos possibilitou realimentar a luta, para que a gente pudesse continuar na defesa da educação pública no nosso país."

A professora recomendou a união na luta contra a PEC 55 e lembrou o que tem dito aos seus alunos e alunas: "estamos só começando! Porque a nossa história daqui para frente vai ser uma história de muita luta e de muita dificuldade, mas, nós somos resistentes."

Ao falar da Reforma do Ensino Médio contextualizou o discussão do Congresso Nacional durante suas audiências públicas.

Junto à Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) ela participa do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio, que surgiu logo após a apresentação no Congresso do Projeto de Lei nº 6.840/2013, que não é nenhuma novidade. Isso porque, a constituição da Medida Provisória não é solta no processo e ela faz parte de uma proposta de sociedade que foi perdedora nas últimas eleições. Agora ela surge como uma nova proposta em relação à sociedade brasileira e se apresenta como uma ponte para o futuro. Mas, no fundo, significa uma ponte para o passado, para o retrocesso e para o abismo.

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.





Conferência - O direito à educação X a Medida Provisória 746

Palestrante - Sandra Garcia

Dom dia a todos e todas! Gostaria de agradecer o convite do Sindicato para nós estarmos aqui hoje dialogando com vocês. E eu poderia começar a minha fala com aquela frase: Primeiramente, fora toda corja de golpistas, mas, eu quero começar diferente. Eu gostaria de começar agradecendo, primeiramente, aos milhares de jovens do Brasil que ocuparam as escolas brasileiras. No meu Estado, foram 900 escolas, sou do Estado do Paraná e lá foram 900 escolas que nos deram exemplo de resistência, tema dessa mesa. E que nos alimentou para continuarmos resistindo, assim também como os estudantes do Ensino Superior. Acho que o alento que da juventude nos possibilitou realimentar a luta, para que a gente pudesse continuar na defesa da educação pública no nosso país.

Ontem eu estava na minha universidade e no Centro de Educação, Comunicação e Artes em que trabalho com estudantes de Jornalismo, Pedagogia, Artes e Música. Ele estava ocupado por estudantes e encontrei duas jovens que estavam terminando de fazer a limpeza do espaço. E elas estavam muito desoladas, chorando, porque muitos jovens estavam lá em Brasília, na luta contra a PEC 55 e se sentiram muito derrotados com o que aconteceu lá e com o que vai acontecer ao Brasil. Eu abracei essas meninas e disse: a gente só está começando! Porque a nossa história daqui para frente vai ser uma história de muita luta e de muita dificuldade, mas, nós somos resistentes. Muitos de nós aqui viemos da época da ditadura militar. Eu era estudante na época da ditadura, em toda a minha formação até o curso superior e lá nós resistimos e conquistamos muitas coisas. Apesar de a gente ver um desmoronamento das conquistas que nós tivemos no nosso país, nós teremos força sim, para chegar no fundo do poço e retomar as políticas que vão melhorar, com certeza, a vida de todos os brasileiros.

Eu vou falar um pouco da Reforma do Ensino Médio. Eu e a Marta Vanelli nem conseguimos conversar, a Marta veio direto de Brasília e tem enfrentado lá todo o processo de discussão no Congresso Nacional parti-



cipando das audiências públicas. Junto à Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) ela participa do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio, do qual eu participo também e a gente fala um pouco em nome desse movimento nacional em defesa do ensino médio, que surgiu logo após a apresentação no Congresso Nacional do Projeto de Lei nº 6.840/2013. Então já faz algum tempo que nós estamos nessa discussão. A Medida Provisória não é uma novidade, ela nasce do PL nº 6.840/13.

E é um pouco disso que eu vou contar para vocês, um pouco dessa história. Eu vou deixar para a Marta Vanelli falar de todo o embate que houve agora em relação ao que aconteceu no Congresso Nacional nos últimos meses, e principalmente, na última semana.

A constituição da Medida Provisória não é solta no processo, ela faz parte de uma proposta de sociedade que foi perdedora nas últimas eleições, mas, que vem agora como uma nova proposta em relação à sociedade brasileira. Então ela se coloca como uma ponte para o futuro, não foi assim que ela foi apresentada? Na verdade, o Brasil ia ter uma ponte para o futuro e ela se coloca como uma promessa. Mas, para a gente que vem discutindo o Ensino Médio e a Educação



Brasileira, essa ponte se constitui em uma ponte para o abismo. Na minha terra, a gente fala que é uma pinguela. Então essa é a realidade: a ponte para o futuro se constitui numa pinguela, num retrocesso, num abismo, no qual a gente está dando grandes passos em falso.

A trajetória que constitui essa medida provisória, na verdade, vem de um grupo que entrou pela porta dos fundos do Ministério da Educação (MEC). Agora, é preciso dizer que esse grupo que entrou pela porta dos fundos estava nos corredores do MEC nesses 15 anos do governo Lula e do governo Dilma. Diferente do governo Fernando Henrique Cardoso, em que nós nem andávamos nos corredores do Ministério da Educação, porque não éramos bem-vindos e não éramos ouvidos, como não estamos sendo ouvidos agora, neste momento.

Então, para mim, esse grupo ele retoma na verdade as políticas neoliberais dos anos 90 que, de alguma forma, estavam inacabadas. A gente também tem que dar a mão à palmatória aqui para dizer que essa construção nos anos 90 teve amarrações. Ela começou com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e terminou com a avaliação do Ensino Médio no ENEM, passando por dentro disso, a discussão de parâmetros das diretrizes curriculares, dos parâmetros curriculares. Então, todo esse processo foi construído, culminando com a proposta dos anos 90 em relação à proposta do ensino médio brasileiro. A ponte para eles, na verdade, tem um sentido de ignorar os quinze anos de políticas, de programas e de ações que foram realizadas no governo Lula e no governo Dilma Rousseff.

Então quando se apresenta essa Medida Provisória, ela ignora o que existiu, não trata do que existiu e volta ao projeto dos anos 90. Porque o ministro da Educação dos anos 90, Paulo Renato, que se estivesse vivo seria ministro novamente, ele já falava nessa mudança que eles estão propondo. Não é uma coisa nova. Eu não sei se vocês se lembram, mas, nos anos 90, existia uma propaganda que dizia: agora o Ensino Médio é para a vida. E essa proposta de ensino médio para a vida já retirava a centralidade do conhecimento e colocava a centralidade na prática do saber fazer.

A trajetória da Medida Provisória surge na verdade no PL nº 6.840/2013 quando se constituiu uma comissão. E vou fazer um parêntese aqui. Depois que foi instituído o Ideb, todo ano que sai o seu resultado e também o próprio resultado do ENEM, cria-se uma crise nacional em relação à Educação Brasileira, especificamente em relação ao ensino médio, que não conseguiu alcançar as metas. E o Ministério da Educação, que não é o responsável direto pelo ensino médio e, sim, os estados, cria alguma ação para dar resposta em relação à crise do ensino médio brasileiro.

Eu sempre digo que a crise do ensino médio avaliada pelo IDEB e avaliada pelo próprio ENEM não avalia o ensino médio, mas, a educação básica brasileira. Ela não está avaliando o conhecimento de três anos, está avaliando o conhecimento que esse sujeito teve como um processo de formação. Porque, se o aluno apresenta uma dificuldade em Matemática, essa dificuldade ele vai carregando no seu processo formativo, e lógico vai culminar com ensino médio. Então é um equívoco a gente dizer que o ENEM avalia apenas o ensino médio. Se fosse uma avaliação da qual nós iríamos mesmo nos respaldar para a instituição de políticas públicas, nós teríamos que pensar que ele está avaliando o processo e não estas séries, ou seja, os anos finais do ensino médio.

Esse grupo então se constitui, em 2011, no momento em que são divulgados novos índices em relação ao ensino médio. Foi um deputado aqui de Minas Gerais presidiu essa Comissão constituída pelas diversas siglas partidárias. Ela acompanhou o Congresso Nacional e iniciou um processo de discussão em relação a uma proposta da reforma do ensino médio. Esse



grupo, na verdade, a meu ver, por ter discordâncias ao que estou falando, fez várias audiências públicas. E a gente não pode negar que eles realizaram audiências públicas em todos os estados. Eu gostaria de perguntar aqui, como eu tenho perguntado em outros estados: quem aqui participou da audiência pública que aconteceu em Minas Gerais sobre a Reforma do Ensino Médio? Um absurdo: duas pessoas, três pessoas, quatro pessoas aqui nesse auditório participaram. Em alguns estados nenhuma pessoa participou. Não que não tenha pessoas que participaram, mas, as pessoas que participaram muitas vezes, são mais ligadas à Secretaria de Estado da Educação do que, na verdade, professores e estudantes do ensino médio.

Eu tive a oportunidade de participar de algumas dessas discussões e estar na última audiência pública que aconteceu no Congresso Nacional. E nessa audiência pública, as pessoas que estavam sentadas na primeira fila demonstraram muito guem são. Eu falo guem: o próprio grupo teve ouvido de mercador, porque ele ouviu alguns segmentos, todos foram chamados como agora foram chamados para discutir a Medida Provisória, que teve quatro audiências públicas, 52 pessoas que foram lá falar sobre seus pontos de vista a favor e contra essa MP. Esse grupo também fez isso.

Muitos de nós participaram dessas audiências públicas. Só que no dia da última audiência ficou muito claro quem os deputados tinham ouvido, verdadeiramente. Na primeira fila estavam a ex-secretária do Estado de Minas Gerais, Ana Lúcia Gazolla, a representante do "Todos pela Educação", Priscila Cruz, o representante do Instituto Unibanco, o representante do Consed, que hoje é presidente do Consed, Secretário de Santa Catarina, que também comunga com essas propostas aqui colocadas, a Fundação Nemo, a Fundação Ayrton Senna, a Fundação Coparticipação, enfim, estavam todas as fundações que são aquelas parceiras no processo também de privatização da educação brasileira.

Todas essas instituições que eu citei aqui e poderíamos citar outras, nos últimos anos, têm se colocado como aquelas que sabem o que é melhor no ensino brasileiro. E, portanto, apresentam propostas, seja de currículo, seja de gestão, seja de material pedagógico, seja de propostas de ensino médio integrado, de tempo integral, todas elas de alguma forma apresentam algum modelo que deve, como eles próprios uti-



lizam, ser publicizado para escolas públicas. Podemos destacar a influência e aqui também de Minas Gerais, que vocês conhecem bem, que é o Reinventando o Ensino Médio do governo anterior, que eu não preciso falar dele porque vocês conhecem bem. Mas, o PL nº 6.840/13 tem um pezinho naquele projeto Reinventando o Ensino Médio.

Eu fiz uma análise desse programa e compreendo que ele foi um dos interlocutores, por isso, a ex-secretária da época participou ativamente em relação à proposta que estava se organizando. Eu já disse que eles realizaram audiências públicas, realizaram debates no Congresso Nacional e, em dezembro de 2013, sempre é interessante perceber que as coisas acontecem em dezembro nesse país. Então, em dezembro de 2013, a Medida Provisória foi aprovada quando nós já estávamos nos preparando para as nossas merecidas férias e a gente tem uma surpresa. Então, o Projeto de Lei foi apresentado.

Em 2014, nós iniciamos um movimento nacional para discutir esse projeto de lei. E eu vou fazer um voo bem grande agora para chegar na Medida Provisória. Qual foi o papel do MEC? Eu vou falar um pouco de 2013 a 2015, lembrar que nesse período nós tivemos oito ministros. E o governo que assumiu, em 2013, o qual eu sou participante no sentido de ser uma militante, sempre disse que Educação é prioridade. Sempre entendemos isso, que saúde e educação são prioridades. Aí nós vemos oito ministros que passaram pelo governo, que começou com Cristovam



Buarque e terminou com Aloizio Mercadante.

Em 2013, o governo Lula começa muito bem. Ele faz um diagnóstico muito interessante em relação ao ensino médio brasileiro, a partir de dois seminários que ocorreram em Brasília. Talvez muito de nós aqui tenhamos participado. Um sobre o ensino médio e outro sobre a educação funcional e lá, já se apontava qual era o fio condutor de uma política para a Educação, especificamente para o ensino médio brasileiro, que era retomar as discussões do final dos anos 80. pós-constituição do projeto que nós perdemos de Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que era a concepção de formação humana integral, que não pode ser confundida com educação em tempo integral, que são coisas diferentes. E parece que as pessoas estão querendo fazer uma alusão para a sociedade ao dizer que é tudo a mesma coisa, e não é. Educação em tempo integral é a extensão do tempo na escola. Que pode ser muito perigoso para a juventude. Porque, se o aluno hoje não quer permanecer na escola, se for para uma escola e continuar fazendo a mesma coisa, com os mesmos espaços, ela vai continuar sendo uma escola que não vai conseguir fazer com que os alunos possam permanecer.

Então, esse diagnóstico foi muito importante. Só que ao meu ver, houve um processo sem tanta efetividade em relação ao que se queria com a educação brasileira, especificamente, para o ensino médio.

Em 2004, cai o Decreto nº 2.208/04 e é homologado o Decreto nº 5.154/04 que possibilita a integração da Educação Funcional com o Ensino Médio. Em 2005, cria-se a formação dos funcionários colocando a discussão de que os funcionários na escola são trabalhadores em educação e, portanto, precisariam fazer o processo de compreensão no espaço escolar. Criam o Proeja, que é o Programa de Integração de Jovens e Adultos, criam o Programa Brasil Profissionalizadoque leva recurso para os estados para implantar para o Ensino Médio Integrado. Cria-se, em 2007, o Plano 256 da Educação. Em 2007, também criam o Fundeb, o Fundo Nacional para a Educação Básica como um todo e, portanto, a alimentação, o transporte e o material didático também passaram a ser uma possibilidade para os jovens do ensino médio, que antes não poderiam ter acesso. Cria-se o Programa No Limite, uma ação importante em relação à aproximação da universidade com a educação básica. Cria-se o Parfor - Plano de Formação do Professor, possibilidade da formação da segunda licenciatura dos professores que davam aulas - não a disciplina da sua formação. Aprovam a Proposta de Emenda Constitucional nº59 que diz: o aluno dos 4 aos 17 anos têm que estar na escola.

A gente, num primeiro momento, compreendeu que nós estávamos falando da universalização do Ensino Médio. Mas, na verdade, o que se diz é que tem que estar na escola, não fala em que etapa o jovem de 17 anos tem que estar. Até porque hoje nós temos em torno de 10 milhões e 500 mil jovens, de 15 a 17 anos, e os que estão no Ensino Médio são apenas 59% desses jovens. A outra parcela está retida no Ensino Fundamental e mais de um milhão e 700 mil jovens estão fora de escola.

Se hoje, em 2016, que é o prazo da Emenda Constitucional, nós tivéssemos que ter todas as crianças na escola, talvez nós não teríamos sala de aula suficiente para todos os jovens que estivessem na escola. Esse ano já estamos descumprindo a Constituição Federal porque não demos conta de trazer todos os jovens que estão fora da escola para a porta da escola.

Cria-se o Programa Inovador, em 2009, em plena crise do ensino médio. Então o MEC aponta para um programa que era para discutir o currículo no interior da própria escola. Só que discutir só o currículo não resolve o problema do ensino médio.

A grande contradição do governo se dá, em 2011, com a criação do Pronatec, que vai contra tudo aquilo que vinha sendo construído pelo governo Lula. E a gente tem que dizer isso. Homologam as diretrizes veiculadas nacionais do ensino médio com a educação funcional, uma contradizendo a outra, e se contradizem em relação ao Pronatec.

Em 2012, inicia-se a elaboração dos direitos à aprendizagem do desenvolvimento. Em 2013, lança o Pacto Nacional pelo Fortalecimento, que foi uma tentativa de articular as ações existentes e outras ações para fazer um verdadeiro enfrentamento em relação ao ensino médio e retomar o fio condutor que era a formação humana e integral.

Em 2013, a única coisa que se efetivou no pacto, em um momento de crise na política e também na economia, foi a formação de professores no âmbito de Minas Gerais, que aconteceu junto com as universidades. Em 2013, em relação ao PL nº 6.840/2013, houve uma omissão em relação ao que seria o Projeto. Aprova-se o Plano Nacional de Educação e no Plano vai dizer que tem que ter uma Reforma do Ensino Médio, está escrito lá, é verdade. Depois, a consulta pública da Base Nacional Comum, que tinha um sentido, e que agora passa a ter outro sentido, a partir do momento que essa Medida Provisória foi aprovada da forma como ela está hoje.

Então isso foi o que o governo Lula e o governo Dilma fizeram em relação ao Ensino Médio. A meu ver, houve uma desarticulação. Ele começa, em 2013, apontando o fio condutor, mas, não consegue fazer as amarras até o final de 2015 em relação ao que se propunha para a Educação e o Ensino Médio.

No governo golpista que entra e entra pela porta dos fundos, a proposta que é apresentada, ela não traz nenhuma contribuição que possa afetar positivamente a atual condição do Ensino Médio brasileiro. Não tem nada, nada... E daí a gente pode dizer que é uma forma cínica que as pessoas que vão à televisão dizer que há uma preocupação com a juventude brasileira e que a mudança irá trazer contribuição para essa formação e que os jovens serão mais felizes a partir desse momento, em que essa escola puder fazer essa mudança formativa.

A Medida Provisória é uma forma autoritária, então isso a gente não precisa nem discutir. Sabemos que é uma forma autoritária, e ontem saiu um parecer de um deputado sobre a MP, e ele até afirma que não é uma forma autoritária, é uma forma emergencial e que, portanto, ela tem sim a sua a constitucionalidade garantida, porque ela trata de uma emergência no país, que é a educação brasileira, que é o ensino médio.

Na Medida Provisória, o que mais nos preocupa, são quatro pontos:

- 1. A organização e o trabalho pedagógico
- 2. O currículo
- 3. A formação de professores
- 4. O financiamento

Que não mudou muita coisa em relação ao que o relator fez sobre a Medida Provisória. Primeiro, do ponto de vista da organização. A ideia progressiva da



carga horária acumulada se contrapõe à falta de recursos de financiamento dessa ampliação. Eu não sou contra à educação integral, mas, tem uma pergunta que tem que se fazer antes: quais são as condições efetivas que nós teremos para implantar a educação em tempo integral? Eu vi uma vez um empresário apresentar no Ministério da Educação uma proposta que é realizada em Pernambuco, que é do Grupo Coparticipação das escolas vocacionais. Ele chegou para mim e disse assim: eu preciso de R\$300 mil para dar "uma reformardinha" na escola, "uma maquiada". Vamos reformar o refeitório, a biblioteca, algum espaço de laboratório, etc e tal.

E aí começam os problemas, porque esse é um dos exemplos que estão sendo usados pela Medida Provisória. O que que eles fizeram lá? Fizeram uma seleção de professores, dentro do quadro de professores concursados e, a partir da proposta da concepção que tinham, fizeram uma seleção de professores. Esses professores ganham 100% a mais e trabalham numa escola, com dedicação exclusiva. A escola é melhorada, as escolas que têm uma estrutura melhor, e aí eu pergunto: não vai dar certo? Será que nós não queremos para todas as escolas brasileiras? Que os professores tenham dedicação exclusiva e que o professor tenha um salário digno?

Outro dia eu também fui fazer uma entrevista com um gestor que já foi do Ministério da Educação e que hoje está na escola do Sesc, no Rio de Janeiro, na



Barra da Tijuca, o bairro mais famoso do Rio de Janeiro. E lá, eles têm uma escola de tempo integral e que fazem uma seleção de alunos de escola pública dos 26 estados, uma seleção mesmo, não é? E dai, eles pegam os melhores alunos das escolas públicas de todos os estados e levam para lá, e esses alunos ficam internos por três anos. Com excelente alojamento, com excelente alimentação, com piscina, quadra de esporte, tablet, acesso à Internet e biblioteca. Eu entrei no auditório e eu nunca havia entrado num auditório tão bem arrumado, tão bem elaborado, com toda estrutura necessária. Os professores ganham muito bem, moram dentro da escola também, com a dedicação exclusiva.

Daí eu pergunto: essa escola não vai dar certo? É claro que vai dar certo. Então não precisa falar da Inglaterra, não precisa falar do Japão, não precisa falar da Coréia, não precisa falar da Finlândia. Nós temos aqui experiências que dão certo. Mas, são experiências que fazem seleção dos alunos para entrar nas escolas e nós estamos falando dos alunos que terminaram o nono ano e que têm direito à educação. Que não tem que passar por seleção porque eles passaram pelo processo formativo no Ensino Fundamental, portanto, têm direito ao ensino médio.

Então, mostrar experiências como essas, a gente tem que se perguntar: as condições serão as mesmas da escola do Sesc? As condições serão as mesmas da escola do Coparticipação? As condições serão as mesmas do Japão, da Inglaterra, sei lá de onde mais, que aparecem nas redes de televisão. Então não há financiamento. Está acabando de ser aprovada a PEC 55, que fala que, por 20 anos, não terá financiamento, não só como alguns pensam que só os servidores públicos serão afetados, mas, a educação será afetada, a saúde será afetada no país.

Na tentativa de escamotear isso, eles apresentam uma proposta de financiamento de quatro anos, e eu conheço bem essa proposta de financiamento. Primeiro, porque mexe com o Fundeb. Não está explícito isso, talvez agora o relatório explicite mais isso, que mexe no Fundeb e eles propõem para quatro anos o financiamento. A partir também de uma orientação que o ministério já fez à Secretaria de Estado da Educação, o que cada estado pode oferecer em termos de escola de tempo integral. E esse financiamento significa três anos para implantação e mais um ano

para sua materialidade, depois o Estado se vira.

Se vai haver cortes por conta da aprovação da PEC, como é que vai ter financiamento? Essa é uma pergunta. Como é que vai ter financiamento se está se apostando no corte?

Ainda no campo da organização, fala-se em, no máximo, 1.200 horas para o ensino médio. Ora, 1.200 horas significam 50%, que agora o relator aumentou para 60%. Se a escola for de tempo integral, ela terá 4 mil e poucas horas. Então vai continuar sendo 1.200 horas para a Base Nacional Comum? E que base será essa? Porque ninguém mais sabe qual é a base nacional comum que estão propondo. Se for aquilo que a Fundação Lemann, ITE e o Todos Pela Educação defendem, será um currículo único para o país. Também vai falar da obrigatoriedade do Português e da Matemática em todos os anos do ensino médio, Inglês como obrigatório e não mais o espanhol. Porque será que o inglês é obrigatório? Eu só vou dizer uma coisa que preciso explicar para vocês. Nós temos hoje um ministro chamado Serra, um ministro de Relações Internacionais. Por que será então que nós vamos agora ter preferência pelo inglês e não pelo espanhol e não pelo Mercosul do qual nós fazemos parte?

Tira a obrigatoriedade da Sociologia, da Filosofia, da Educação Física e das Artes. Sabemos que volta agora Artes e Educação Física, nao é? E Filosofia e Sociologia voltam para o rol de todos os componentes vinculados e que o sistema de ensino vai dizer quais aqueles que lhe interessa oferecer.

O que é mais grave para mim são os itinerários formativos em Linguagens, Matemática, Ciências da Natu-

Então não há financiamento. Está acabando de ser aprovada a PEC 55, que fala que, por 20 anos, não terá financiamento. E alguns pensam que só os servidores públicos serão afetados, mas, a educação como um todo será afetada, a saúde será afetada, a segurança pública será afetada, tudo será afetado no país.

reza, Ciências Humanas e Educação Profissional.

Por que é grave? Porque tira dos jovens a possibilidade de um conhecimento básico. Coloca a responsabilidade na juventude por definir seu futuro no segundo ano de formação.

Essa é uma responsabilidade muito grande. Eu tenho um filho de 15 anos e que, no ano que vem, vai estar no ensino médio cursando o segundo ano. E eu fico olhando para meu filho e pensando se ele tiver que fazer uma opção no ano que vem, para Ciências da Natureza ou Ciências Humanas, Linguagens ou Matemática ou Educação Profissional. Tira a possibilidade do conhecimento, volta aos anos 60, aos anos 70, quando eu fiz curso normal. Eu fiz dois cursos para o ensino médio e no curso normal a gente tinha só conhecimento necessário para ser professora. A gente aprendia português para dar aula de 1ª a 4ª série, matemática, geografia, história, etc. Tirou da gente, aqueles jovens dos anos 60, dos anos 70, o conhecimento necessário para a nossa formação como sujeitos sociais. Eu fiz dois cursos, então eu fiz um pouquinho aqui, um pouquinho lá. Mas, muitos ficaram restritos aquele conhecimento que era feito. E eu figuei muito mais assustada, quando me falaram e eu não ouvi, quando o tal de presidente que nós temos agora, dize que ele estava muito feliz, porque estava voltando o ensino médio para o tempo em que ele fez. Ele disse isso. Daí é muito assustador, não é? Ou então quando a presidente do Todos para a Educação, numa reportagem na Gazeta do Povo, no Paraná, disse que essa proposta estava voltando para "um científico melhorado". Nós já passamos por isso e sabemos o que significa. Então, querem tirar o conhecimento e voltar com tudo que foi um erro nosso no governo Lula e no governo Dilma, que não fizemos enfrentamento em relação à concepção de conhecimento de competências e habilidades. E as competências e habilidades voltam com tudo, e elas retiram o conhecimento que foi produzido pela humanidade, retiram o direito a esse conhecimento, quando trabalha com aguilo que a propaganda dos anos 90 falava, que era: agora vamos nos preparar para a vida.

Ela é simpática, ela vai dizer assim: a Medida Provisória afirma que, se o aluno se arrepender - olha como eles são bonzinhos - ele fez três anos, terminou Ciências da Natureza, não é aquilo que ele queria, e olha que isso é uma coisa que a juventude passa por esses

momentos, e diz assim: se a escola tiver vaga, pode voltar, pode voltar. A Marta vai falar daqui a pouquinho que o relatório diz que vai ficar muito caro isso. O relator vai dizer: olha, essa brincadeira vai fica muito cara, não é?

Também vai falar que a educação funcional abre todas as porteiras, parcerias, certificação intermediária, convalidação de crédito do ensino superior, contratação de professores com notório saber. E aí gente, o tal notório saber, gravíssimo, abre uma porteira e olhe só: quando o relator e quando a Medida Provisória fala que é só para educação funcional é mentira. É mentira porque o estado de São Paulo acabou de soltar há duas semanas atrás um projeto de lei que oficializa que os professores da rede da educação básica do Estado de São Paulo poderão ser contratados pelo notório saber. Já está lá, abriu a porteira. Isso é uma desqualificação das universidades na formação de professores, é uma desqualificação da profissão de professores. O decreto ofende o ensino médio Integrado em educação profissional porque não existe ensino médio integrado de educação profissional de um ano e meio, ou ele é integrado ou ele não é integrado. E afeta diretamente a rede federal, ou seja, os institutos que foram criados recentemente com a conquista da população brasileira.

Em relação à formação de professores, eu já falei: abre a porteira com o notório saber. A questão do financiamento não existe. Eles apontam a instituição de um programa em quatro anos e nós vamos ver que o relator vai dizer que quatro anos é pouco, mas, coloca uma palavrinha lá, "desde que tenha disponibilidade orçamentária". Não tem financiamento. Ora, se está aprovando a PEC, como é que vai ter financiamento?

Ao mesmo tempo, tem financiamento para instituições privadas e as parcerias. Por que o recurso que já é pouco, ele vai poder ser utilizado naquilo que as professoras falaram antes de mim, aqui na mesa anterior, não é? Para as OSs, para o Instituto Unibanco, para o Coparticipação, para a Fundação Ayrton Senna, seja para quem quiser, para o Sistema S que, mais uma vez, em relação à educação profissional, vai ser o principal parceiro das escolas. Para isso, vai poder utilizar recurso. Isso foi um erro que nós cometemos lá no Plano Nacional de Educação. Cometemos não! Nós, Sindicatos, todos, defendemos que recurso público é para instituição pública, mas, o Plano Nacional



de Educação deixou isso em aberto. E deixou isso em aberto por várias razões que não vou discuti-las agora, mas deixou.

O financiamento das instituições privadas abre porteiras. Eu dei o exemplo aqui de Goiás, não só Goiás, porque é um governo do PSDB, e as parcerias também estão no Pará, no Ceará, então, elas estão no crescente em várias localidades do país.

Em relação às universidades, o que muda? Vestibular por área do conhecimento e formação de professores de acordo de uma Base Nacional Comum. Nós estamos acabando de passar por uma discussão da reformulação das licenciaturas, que foram aprovadas, recentemente, as novas diretrizes da formação de professores. E agora eles estão colocando um prazo de dois anos para que as universidades se adequem à nova Base Nacional Comum, que vai ser um currículo único. E, no caso, eu sou contrária em número, gênero e grau do currículo único do país.

Abre o comércio da formação de professores. Gente, eu não gosto de fazer propaganda não, mas, eu tenho que falar. O Sesi acabou de abrir, recentemente, quatro cursos de licenciatura para formar superprofessores: um que vai ser de linguagens, que vai ser professor de português, língua estrangeira, artes e de educação física. Em qautro anos, ele vai ser formado nas quatro matérias. Ciências da Natureza, Química, Física e Biologia, Sociologia, Filosofia e Geografia, His-

tória e Matemática, à merreca, como dizia meu pai, de R\$ 990 a mensalidade. E você vira em quatro anos um superprofessor. Porque esse é o objetivo, resolve um problema que é da Secretaria de Educação, que é falta de professores. Não tem nada de bacana, porque o aluno não vai poder escolher, está muito claro que ele não vai escolher.

Eu ouvi no Distrito Federal que eles vão fazer escolas vocacionadas. O que é uma escola vocacionada? Uma escola vai oferecer Ciências da Natureza, outra Ciências Humanas, Linguagens e assim por diante. Isso funciona na Europa, é verdade. Tem lá a escola de Gastronomia, escola de não sei o quê, e o aluno tem que se deslocar de uma cidade para outra, inclusive, para que ele venha fazer os cursos que ele tem vontade de fazer. Essa é a proposta. Então não tem nenhuma escola, nenhuma eu não posso dizer, mas, a maioria das escolas dos municípios menores não oferecerão as cinco áreas que estão sendo propostas. Então o que vai ser oferecido será aquilo que a escola tiver professor, porque resolve o problema da Secretaria de Educação. Não tem professor de Química? Legal, vamos oferecer a área de Ciências da Natureza. Ou o próximo passo que vai ser... os professores formados por áreas de conhecimento que o Sesi já está saindo à frente de alguma forma, não é? E daí, resolve-se o problema, em vez de ter quatro, terá um professor.

A principal questão em relação à universidade é a desvalorização do professor. O que que eles ignoram? Ignoram o Ensino Noturno e a Educação de Jovens e Adultos. Não falam, mas agora o relator vai falar "en passant". Nós temos proposta? Temos e podemos discuti-la. Não adianta mexer em currículo, não adianta falar em escola de tempo integral, não adianta áreas de conhecimento. Primeiro, porque vão minimizar, vão transformar num ensino médio de migalhas para a juventude brasileira, que não vai ter a oportunidade de conhecer no todo. Então, nós temos propostas, nós queremos que as escolas possam ser reestruturadas, ninguém aqui vai se encontrar em uma educação integral, gueremos uma escola de tempo integral, que realmente possibilite que o aluno tenha aquilo que está nas diretrizes do ensino médio aprovado e homologado, em 2012, que fala que o jovem tem o direito a uma formação humana integral, a partir das dimensões, do trabalho da Ciência, da Tecnologia e da Cultura. Não basta só Ciência, estar na escola, conteúdo na escola, nós temos que

trabalhar essas dimensões para que o jovem tenha aquilo que nós chamamos de autonomia intelectual. E não é doutrinação não como querem dizer que nós fazemos. Nós trabalhamos a perspectiva que ele tenha autonomia intelectual, que ele consiga fazer a leitura da realidade em qualquer posicionamento, e foi isso que os jovens secundaristas mostraram agora. Porque num primeiro momento, nós achávamos que eles iam gostar, não vou mais precisar estudar matemática, não vou precisar mais estudar química, física, biologia ou história e filosofia. Os jovens disseram para a gente: não! Nós sabemos a necessidade de uma formação integral e essa formação fragmentada não é a formação que nós queremos. Isso foi muito importante para nós, professores, compreendermos que aquilo que nós estamos fazendo nos últimos anos na nossa escola tem surtido resultado.

Um dia eu fiquei muito feliz com meu filho! Ele tinha 10 anos de idade e tinha essa professora de História, e isso eu não perdoo. Professora de História fazer isso eu não perdoo. Era o ano de 2010, ano de eleição para presidente. E a professora foi discutir política, foi discutir eleição na sala de aula e os alunos perguntaram em quem ela ia votar. Ela disse que não podia dizer porque o voto era secreto. Só que ela disse: mas, vocês devem chegar em casa e falar com seus pais, que existe uma candidata que ela é sequestradora. Isso é você não fazer uma leitura do que foi a década de 60 e o que significou as lutas em relação ao golpe militar. E meu filho chegou em casa, naquela época, ele ainda deitava no meu colo para conversar, e disse assim: mãe, a professora de História quis induzir a gente hoje. Isso é autonomia intelectual! Isso é o que eu quero. Eu nem fui reclamar nos dias, eu esperei terminar o ano e aí eu fui conversar na escola, assim como outros pais também o fizeram. Isso é autonomia intelectual. Porque nos acusam da doutrinação e isso não é verdadeiro. Nós fazemos os alunos pensarem, portanto, eles conseguem fazer essa leitura da realidade e colocam seus pontos de vista. Às vezes, é muito difícil e a gente até brinca dentro de casa que está criando cobrinhas não é? Porque elas vão nos morder em cursinho, se colocar em questionamento, mas é isso que nós queremos criar. Então, esses jovens que saíram às ruas e ocuparam as escolas demonstraram que nós estávamos no caminho certo, e que nós temos que resistir nesse caminho.

Então gente, nós temos que mudar sim. Nós não que-

remos uma escola pobre para os pobres, não é isso que nós queremos. A promessa deles é uma escola empobrecida para a classe trabalhadora. Nós não queremos uma escola de migalhas, nós queremos uma escola que, efetivamente, proporcione autonomia intelectual para a juventude brasileira. É isso que nós desejamos e não vamos nós omitir, não vamos nos calar, não vamos parar de fazer discussão, o embate, porque a disputa que está colocada é uma disputa de sociedade, é uma disputa de projeto de formação dos trabalhadores brasileiros e nós não podemos nos omitir. Nós vamos continuar na luta mesmo sabendo que a luta vai ser difícil, que vamos perder muitas batalhas, mas, nós vamos continuar insistindo para que a gente não perca tudo.

Eu estou defendendo nesse momento também, que a gente tem de chegar no fundo do poço logo, para que a gente possa se reerguer. Que seja logo, que esse ano que vem seja o fundo do poço, e que a gente possa unir as nossas forças e nos reerguer. Nós somos uma população valente, somos professores valentes, somos jovens valentes e vamos mostrar para a classe política brasileira, para esses golpistas que estão no poder, que nós não abaixaremos a cabeça, nós continuaremos na luta e desejo que todos vocês assumam esse compromisso, que aceitem esse compromisso, mas, que a gente volte para as nossas escolas e a gente consiga trazer os nossos amigos da escola, da universidade, para que a gente possa fazer um bom combate.

Muito obrigada!

1º de dezembro de 2016



A escola como campo de resistência à MP 746

Mensino, aos docentes e aos estudantes pela Medida Provisória 746, que segue em votação no Senado Federal, a escola é o campo de resistência e luta.

Assim, defendeu a Secretária-Geral da CNTE, Marta Vanelli. Segundo ela, o governo ilegítimo de Michel Temer passou por cima da voz de 6 milhões de educadores e educadoras que, juntos, construíram em 2009 o novo Plano Nacional de Educação (PNE).

"Fomos o único país do mundo que ousou dizer que ia dobrar o investimento em educação, com a destinação de 10% do PIB para a área.

Contávamos com os royalties do présal pra isso. Agora, não só temos esse descompromisso como a MP 746 traz uma desprofissionalização do Ensino Médio, sem valorizar o docente, o plano curricular e a escola. Por isso, Nossa resistência deve ser na escola.

Mesmo que o Senado e a Câmara golpistas aprovem essas medidas nefas-

tas, nós devemos juntos resistir. Não deixe que nenhuma escola opte por esse novo modelo de ensino, pois quem luta, educa!", afirmou.

Essa foi a temática da conferência "O direito à educação X Medida Provisória 746", proferida por Marta Vanelli e pela Professora da Universidade Estadual de Londrina da área de Políticas Educacionais, Sandra Garcia, que acrescentou: "tão importante como lutar e resistir contra essa MP, é construir uma agenda de luta conjunta com a juventude, conscientizando-a de que precisamos estar juntos."

Na Educação Básica, o acordo que o golpista Temer fez com os governadores, segundo Marta Vanelli, é para que eles também diminuam o investimento em Educação. "Portanto, não temos nenhuma dúvida de que a única intenção dessa Medida Provisória é piorar aquilo que existe hoje", alertou.

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.





Conferência - O direito à educação X Medida Provisória 746

Palestrante - Marta Vanelli

Dom dia companheiras, bom dia companheiros! Nosso grito de guerra, qual é? Primeiramente, Fora Temer! E eternamente, Fora Temer!

Primeiro, é um prazer muito grande estar aqui com vocês, em especial dividir essa mesa com a Miriam Fábia, a Sandra, a companheira Liliane e o companheiro Ronaldo, da direção do Sind-UTE,/MG, cumprimentar aqui cada um e cada uma, a Bia, a Marilda, que é nossa companheira da direção da CNTE e não está aqui porque está numa agenda na Colômbia, numa representação nossa da Confederação. Eu vi o companheiro Tino, da executiva Nacional da CUT que também está aqui. Bom dia especial todas e todos.

Queria começar dizendo para vocês que esta Medida Provisória, ela é nada mais, nada menos, que a materialização da PEC55 para a Educação Básica. E não é por acaso que ela começou a tramitar exatamente na discussão desta PEC, porque como eles estão colocando na Constituição Federal, que vão diminuir os recursos para a educação, vão desvincular os recursos desse segmento na Constituição Brasileira, como eles sabem que vão ter menos dinheiro para financiar a educação, então, o que é que o governo federal vai fechar? Campus de universidades federais, vão fechar institutos federais.

Na educação básica, o acordo que o Temer golpista fez com os governadores é que eles também vão diminuir o investimento, ou seja, vão deixar de gastar mais dinheiro com educação básica do país. Porque a do ensino médio é de responsabilidade, exclusivamente, dos governadores. Então, para ele poder ter o voto da bancada dos governadores, na PEC 241, que agora é 55, ele colocou para tramitar essa Medida Provisória no Congresso Nacional.

Portanto, não temos nenhuma dúvida que, a única intenção dessa Medida Provisória não é para melhorar o ensino médio brasileiro. É para piorar, é para piorar aquilo que existe hoje, e vocês vão entender até o final, e vão me dar razão naquilo que eu estou dizendo.



Tanto essa Medida Provisória, como a PEC, elas também estão tramitando para enterrar o Plano Nacional de Educação. O Plano que foi construído com a participação de seis milhões de pessoas, em 2009 e 2010, na 1ª Conferência Nacional de Educação. Seis milhões de pessoas participaram daquela Conferência Nacional de Educação (Conae), que elaborou propostas de um Plano Nacional de Educação, que demorou três anos e meio no Parlamento brasileiro, para ser aprovado. E demorou três anos e meio por um único motivo: dinheiro.

Foi a Meta 20 que fez com que o Plano Nacional de Educação demorasse três anos e meio para ser aprovado, os 10% foram o motivo da demora. E foram necessários três anos e meio para que a gente pudesse convencer os deputados da Comissão Especial, principalmente, a base do governo Dilma e, especialmente, a ex-presidenta Dilma de que eram necessários 10% do Produto Interno Bruto (PIB) em Educação. Este foi o motivo da demora dos três anos e meio. E agora foram aprovados os 10% do PIB e a gente já dizia que não bastava o recurso vinculado que existia naquele momento, pois era insuficiente. O Brasil gas-



tava naquele momento 5,3% do PIB em educação, e ele ia dobrar. O único país do mundo que ousou dizer para a sua sociedade, em lei nacional, que o país iria dobrar o seu investimento em Educação. O único país do mundo. O outro país que estava discutindo ampliar o recurso para educação era uma ilha aqui da América Latina, a República Dominicana. Eles gastavam 3% do PIB, eles ousaram aumentar para 4% do PIB, e nós, ousamos colocar na Constituição os 10% do PIB em Educação.

Para isso, com que a gente contava? Com o que já estava vinculado. Municípios, estados e governo Federal contavam com os royalties, com o fundo do Présal, que já foram para o espaço. Já nos dias 3 e 4 de outubro, o Congresso Nacional já nos tirou os royalties, entendeu? E aí precisava de mais. Era preciso dizer para onde viria o dinheiro para a gente alcançar 10% do PIB, para cumprir as 19 metas do Plano Nacional de Educação. E aí os royalties já foram, os recursos vinculados já foram, quer dizer: como que o Estado brasileiro vai cumprir o Plano Nacional de Educação? Não vai, não vai.

Esse governo do golpista não reconhece o Plano Nacional de Educação construído com seis milhões de pessoas e aprovado pelo parlamento brasileiro. São os mesmos deputados, os mesmos senadores que aprovaram o Plano Nacional de Educação que estão dizendo agora: aquilo não vale mais, eu já me arrependi, entendeu? Aquilo não vale mais.

Então é isso que está colocado para nós. O que a gente precisa entender é o momento que a gente está vivendo. E entrando especificamente no Ensino Médio, eu que acompanhei diretamente no Congresso Nacional as discussões, estava lá no relatório do relator e, por isso, que eu não vim antes, só vim ontem à noite aqui para Belo Horizonte.

Olha só, vou resgatar um pouco. A Sandra já resgatou, mas, eu vou resgatar de novo. O grande debate na LDB, em 1996, o que que a gente discutia? Que ensino médio nós vamos oferecer para os nossos adolescentes? Porque, de quinze a dezessete anosidade para o ensino médio - são adolescentes. Então o grande embate que nós fazíamos naquele momento era se nós teríamos o ensino médio de formação geral, de formação humana, porque o adolescente está em processo da sua formação, com "n" gama de conhecimentos para sua formação ou, se a gente ia

oferecer um ensino técnico profissional, se a gente ia dar o curso técnico profissional para prepará-lo para o mercado de trabalho, e que seria a sua terminalidade. E quem faz um curso técnico profissional vai exercer profissão, não sonha com ensino superior. E nós discutimos há vinte anos atrás, na LDB, que o Ensino Médio é um ensino de formação geral. No ano seguinte, resgatando aquilo que a Sandra falou, o presidente Fernando Henrique Cardoso, pelo decreto nº 2.208, acaba com todos os cursos técnicos profissionais ofertados pela rede pública. Proibiu! Proibiu! Simplesmente, nenhum curso técnico profissional pode ser oferecido na rede pública.

Em 2003, com a eleição do presidente Lula, o Ministério da Educação resgatou ou ofertou de novo o ensino profissional na rede pública brasileira de três formas: ou você faz o ensino médio de formação geral, no mínimo 800 (oitocentas) horas anuais, portanto 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas e você pode fazer o curso técnico profissional. Ou você faz esse curso após concluir o ensino médio ou faz concomitante. Pode-se fazer ensino médio normal e outro curso técnico profissional de forma paralela, ou você faz de forma integrada. Têm várias experiências em escolas públicas, no Paraná, em Santa Catarina e os próprios institutos federais oferecem ensino médio integrado ao profissional. Você tem a carga horária da educação geral e você tem mais a carga horária do técnico profissional, que a escola oferece e que o aluno possa fazer. Bom, então, isso já é permitido. Qual é o problema da minha experiência e vivência e conhecimento em algumas redes? Acontece que onde tem o ensino médio integrado ao profissional, a escola não foi equipada com os laboratórios da parte

O único país do mundo que ousou dizer para a sua sociedade, em lei nacional, que o país iria dobrar o seu investimento em educação.

O único país do mundo.

O outro país que estava discutindo ampliar o recurso para educação era uma ilha aqui da América Latina, a República Dominicana.

técnica profissional. Este foi o grande problema, entendeu? A gente não tem uma avaliação boa desse ensino médio integrado ao profissional. Porque se as escolas tivessem tido o investimento necessário seria uma grande oportunidade do nosso estudante ter a sua formação geral e de ter a sua formação profissional, entendeu? Mas não teve investimento, nem na escola, nem no seu laboratório. Aí foi-se desclassificando, desqualificando esse curso do Ensino Médio integrado profissional, diferente do investimento que teve nos institutos federais. Esses cursos de Ensino Médio integrado aos profissionais dos institutos federais são cursos excelentes, excelentes! Por quê? Porque teve investimento. E agora eles dizem assim lá na Comissão: não, mas, aquilo não é para todos, aquilo é para alguns. Mas, nós queremos para todos, não é? Nós queremos para todos, então esse é um dos problemas.

Bom, então, qual é o objetivo dessa Medida Provisória? São dois que nós estamos trazendo aqui:

- 1- Privatizar o Ensino Médio brasileiro. Então se ela está casada com a PEC, ela vai privatizar o ensino brasileiro, eu vou explicar depois com o financiamento como que ela vai privatizar o ensino brasileiro.
- 2- Desprofissionalizar a nossa profissão. Nós demoramos duzentos anos, para ter direito a ter um Piso Salarial Profissional Nacional e ainda não temos o direito de ter diretrizes nacionais de carreira que a gente queria e estava discutindo com o Ministério anterior. Agora, nós conseguimos colocar na legislação quem somos. Quem são os profissionais de Educação, e, hoje, a educação brasileira regra quem são os profissionais da educação. Para você ser professor ou professora, você precisa ter um curso superior em uma das licenciaturas, agora, desprofissionaliza com o chamado notório saber. Por isso, que têm esses dois objetivos desta Medida Provisória.

Eu vou fazer agora um comparativo. Vou entrar um pouco no conteúdo, tanto do que estava na MP, com aquilo que foi aprovado ontem na Comissão Especial que vai para o plenário na Câmara dos Deputados.

Primeiro em relação a currículo. Esta Medida Provisória não trata da melhoria do ensino médio. Porque nós entendemos que para melhorar o ensino médio,

você precisa reorganizar talvez o currículo, você precisa dizer que tipo de escola, de equipamentos, que materiais didáticos, pedagógicos, laboratórios, terão nessa escola para desenvolver esse currículo, e que tipo de profissionais vão ter para desenvolver esse currículo. Então é um tripé. Não existe melhora da educação sem você não pensar no currículo, na escola e nos profissionais. E aqui, quando fala dos profissionais é para desprofissionalizar. Porque só trata de currículo. Por isso que não é nenhuma proposta para melhorar o Ensino Médio.

Então, o que dizia em relação à jornada de trabalho? Primeiro, trata de forma progressiva, de 1.400 (mil e quatrocentas) horas anuais. Como é a escola em tempo integral, portanto, em tempo integral para eles tem que ser mais horas por dia. Então, estava aumentando, passando de 800 (oitocentas) horas, que é hoje, para 1.400 (mil e quatrocentas anuais). Até aí, podemos pensar que bom que o nosso adolescente não tenha só 800 (oitocentas) horas de conteúdo, mas, ele vai ter 1.400 (mil e quatrocentas). Nós poderíamos imaginar que ele vai aprender mais. Mas, dessas 1.400 horas, somente 400 horas eram de formação geral. As outras mil horas eram de formação profissional e de outro itinerário formativo que o aluno quisesse escolher, não que a escola tivesse obrigação de ofertar. Porque essa liberdade de escolher itinerário formativo é liberdade do aluno, mas, não é obrigação da escola ofertar.

Portanto, se quiser, vai fazer Linguagens e vai fazer Matemática. Ciências da Natureza e Ciências Humanas, se eu quiser, eu posso fazer, o aluno tem a liberdade de escolher. Mas, aqui não diz onde vai ofertar e onde ele vai fazer isso. Pode ser em uma outra escola, pode ser numa escola pública, que por acaso tenha professor efetivo formado nestas áreas, que são Ciências Humanas, História, Geografia, Sociologia e Filosofia, Ciências da Natureza, Física, Química e Biologia. Português é obrigatório e Matemática também. Ciências da Natureza, Ciências Humanas e a técnica profissional, que é mais um itinerário informativo, estas, ele pode escolher, mas não significa que a escola onde ele está matriculado é que vai ofertar.

No relatório que foi aprovado ontem, ele mantém as 1.400 (mil e quatrocentas horas), aumento progressivo de 1.400 (mil e quatrocentas) horas. Ele estabeleceu uma meta intermediária até o quinto ano, são



mil horas até o quinto ano, significa cinco horas de estudo por dia. E o que é de Base Nacional Comum, o que eles chamam de Português e Matemática, porque agora, a Base Comum vai se concentrar em Português e Matemática. Porque basta que ele conheça e saiba interpretar o alfabeto e basta que ele saiba conhecer os números, trabalhador hoje só basta isso, mais nada, sem entender, sem nenhuma interpretação. Então ele passa das 400 (quatrocentas horas) dessas 1000 (mil) passa para até 60% dessas mil horas. Até 60% dessas mil horas ele vai ter de conteúdo e precisa ser a Base Nacional Comum Curricular. A palavra até 60% pode ser 5, pode ser 10, pode ser 15, 20, 30,40, 50 até 60%, no máximo.

É isso que estava ontem. Aí quando o deputado Reginaldo Lopes perguntou, porque no debate, a fala dos deputados e senadores, ontem, ele tinha falado já estive com o relator em Campo Grande, em uma audiência pública e ele me disse que ia aumentar essa Base Nacional Comum que estava máximo 1,200 (mil e duzentas) horas pela Medida Provisória em três anos, portanto, 400 (quatrocentas) horas por ano, ele ia aumentar para 1.800 (mil e oitocentas) horas por ano, 600 (seiscentas) horas por ano de Base Nacional Comum Curricular. Só que, ontem, por isso está confuso na minha cabeça. Antes de colocar o relatório em votação, já anunciou algumas mudanças que ele fez no seu relatório. Incluiu a Língua Espanhola como segunda língua estrangeira. De anteontem para ontem, tá? Ele já incluiu Educação Física e Artes e as mantém como obrigatórias. E ontem ele anunciou que também ia incorporar a língua espanhola, como uma segunda língua estrangeira como é hoje e necessária para nós, que estamos aqui num continente da América Latina, onde só o Brasil é da língua portuguesa e só o Haiti é da língua francesa. Todos os demais dezoito países da América Latina são língua espanhola. Portanto, para integração latinoamericana nós precisamos, no mínimo, dominar e entender o espanhol. Não apenas o inglês, mas, o espanhol também é importante para nós. Portanto, eu tenho agora, nesse momento, eu confesso para vocês que não sei se mantém até os 60% ou se ele vai colocar no seu relatório que são 1.800 (mil e oitocentas horas). Porque se são 1.800 (mil e oitocentas horas), significa que são 600 (seiscentas) horas, por ano, de Base Nacional Comum. Mas, continua centrado em Português e Matemática. A lógica não mudou.

Eles falam em flexibilização do currículo. O que eles dizem: no ensino médio, treze disciplinas é demais! Nós não temos nenhum problema em pensar numa lógica de reorganizar a forma como estão as diretrizes nacionais da Educação Básica e do Ensino Médio. Nós não temos nenhum problema de pensar na reorganização disso. Agora dizer que o nosso ensino médio de hoje, que todos dizem que é ruim, dizer que 800 (oitocentas) horas de formação geral é demais, aí companheirada, de fato, é uma grande contradição. Mas, ele vai muito além.

Eu postei ontem de manhã, no meu facebook, um pedido para os professores me ajudarem a entender uma coisa: eles estão dizendo que esse ensino médio vai ser integral. Beleza! Nós também gueremos. Agora, ele é integral, mas é à distância. Na Medida Provisória isso não estava muito claro, a gente tinha que ler nas entrelinhas, atrás da folha, para entender o que era a educação à distância. Agora não! Está escrito assim: os programas educacionais obrigatórios deverão ser transmitidos em horários compreendidos entre às 7 e 21 horas. O Ministério da Educação poderá celebrar convênios com entidades representativas do setor de radiodifusão. É a volta do telecurso! Não só para parte profissional. Por que que ele inseriu de novo Educação Física e Artes? Porque ele vai colocar o estudante para assistir o Bem Estar da Rede Globo de manhã e vai fazer exercício físico na sala da sua casa e isso será aula de Educação Física, e não é essa aula que nós queremos. É isso que está colocado aqui. É colocar dinheiro público para Rede Globo. Agora escancarou. No seu relatório escancarou de vez. Mas, não nos surpreende. Tanto o presidente da Comissão quanto o relator são empresários da educação. Nós não tínhamos expectativa que ia melhorar isso, nenhuma expectativa, então está claro aqui que vão fazer convênios.





Na área de financiamento diz o seguinte:

Primeiro - a ajuda do governo federal era até quatro anos, ou seja, de zero a quatro. Agora é até dez anos, portanto, é de zero a dez. Mas, o dinheiro do governo federal não vai para o governo do Estado, vai direto para a escola, entendeu? Vai direto para a escola que oferecia esse Ensino Médio. Aí, esse novo ensino médio, "novo" entre aspas, né? Porque é mais velho do que nunca isso. Aliás, não sei se um dia existiu esse ensino médio. E mais agora, dentro do Fundeb, ele cria um item de ponderação de custo/aluno. Tem a ponderação do Fundeb para ensino médio integrado ao profissional, que é ofertado nas escolas públicas estaduais. Agora, aqui ele vai incluir uma ponderação deste novo ensino médio dentro do Fundeb. Vocês já ouviram falar de uma figura chamada Eduardo Deschamps? Ele é o Secretário de Educação de Santa Catarina, onde sou professora há 34 anos. Ele era presidente do Conselho Nacional de Educação (Conseb). A Sandra conhece ele bem. O que ele falou para o sindicato em Santa Catarina? Ele vai começar no ano que vem com quatorze escolas, que só vão terminar o ensino médio de formação geral, a partir do segundo ano. Quem entrou esse ano, ele não oferece mais essas quatorze escolas. Terminaram as de formação geral, ele vai entregar estas escolas para as OSs. Vão deixar de ser escola da rede pública estadual. Ele falou isso com todas as letras lá para o sindicato.

Por isso, que o dinheiro do governo federal não vem para o governo do estado que é o gestor das escolas estaduais. Precisa ir diretamente para escola, porque vai colocar o dinheiro federal na mão das OSs e aí o Fundeb que hoje não permite colocar o dinheiro em nenhuma escola privada vai colocar dinheiro na escola privada. É por isso que o objetivo é apenas privatizar.

Em relação ao notório saber, é aquilo que a Sandra falou. Apesar de aqui, nessa Medida Provisória dizer que é para a formação técnica profissional, eu tenho usado uns exemplos bem radicais. Eu acho que um eletricista, um profissional que faz esse serviço de troca de lâmpada, de troca de chuveiro, enfim... eu acho que ele é um excelente profissional. Ele é um profissional de notório saber da profissão que escolheu, mas não tem notório saber para ser um professor. Para ser um professor tem que ter pedagogia, tem que ter a didática. Tem que saber trabalhar, ao mes-



Para melhorar o Ensino Médio tem que discutir currículo, tem que discutir a infraestrutura das escolas, e tem que discutir a valorização dos profissionais de educação, sem isso, é balela! É pura balela!

mo tempo, com no mínimo quarenta ou cinquenta adolescentes na sua frente. Esse é o desafio do ato de educar. Entendeu? Não é somente eu dominar meu conteúdo sobre biologia. Eu preciso dominar a minha relação e a minha empatia com os estudantes, coisa que o eletricista não sabe fazer.

Eu quero saber qual é a pessoa da sociedade que tem coragem de fazer uma cirurgia e procurar o açougueiro. Ele tem notório saber do corte de carnes e tem mesmo. Eu quero saber se este profissional que tem notório saber do corte de carnes, se alguém se sujeita a fazer uma cirurgia com ele. Ninguém tem essa coragem! Então é isso, companheirada, é muito sério.

Por isso, que nós continuamos insistindo. Para melhorar o ensino médio tem que discutir currículo, tem que discutir a infraestrutura das escolas, e tem que discutir a valorização dos profissionais de educação, sem isso é balela! É pura balela!

Para finalizar, não temos dúvida, ontem, dos 21 (vinte e um) votos, na Comissão Especial, foram 16 (dezesseis) a 5 (cinco). Não temos dúvida de que a Câmara dos Deputados (golpista) e o Senado (golpista) vão votar essa proposta. Qual é o nosso espaço de resistência? A escola. Ela continua sendo e deve ser o nosso foco da resistência nesse momento. Juntos, estudantes e professores, não deixaremos que a escola adira a essa proposta nefasta, que vai destruir o ensino médio brasileiro.

Por isso, companheirada, obrigada mais uma vez pelo convite, obrigada a todos e todas!

1º de dezembro de 2016

Resistência jovem

Arte, cultura, música, educação e resistência. Essa combinação sempre deu certo e durante a Conferência Estadual de Educação isso se comprovou mais uma vez.

Ao ser recebido com grande empolgacão e carinho pelos partiicpantes da Conferência, o cantor e ativista social, Tico Santa Cruz, afirmou: " fico muito honrado de ter um microfone e uma voz para poder compartilhar com vocês a respeito desse momento tão crítico e tão delicado do país. Deve ser uma sina minha porque, na verdade, olhando para vocês, eu vejo tantos profissionais da educação aqui - e quando eu fui aluno, eu fui tão bagunceiro que o universo fez uma volta e me colocou aqui direto em contato com vocês de novo. Vai ter que voltar às universidades, vai ter que voltar às escolas, vai ter que ir lá dialogar com os professores", brincou.

Irreverência na palavra e coragem no agir. Tico Santa Cruz mostrou que, além de tudo isso, também tem de sobra senso crítico e visão antenada da realidade.

Filho de classe média alta do Rio de janeiro, lembrou dos seus tempos de criança e das dificuldades que sua família enfrentou quando tinha cerca de doze anos. Revelou que foi na escola que encontrou espaço para dialogar com as pessoas, colegas, professores e assim enfrentar os seus problemas. Daí nasceu o gosto pelas causas sociais.

A guerra de interesses pela qual o Brasil atravessa é fruto, segundo ele, dos avanços que o país experimentou nos governos populares de Lula e Dilma, quando houve uma uma mudança na pirâmide social brasileira. "Muita gente conseguiu acender, melhorar de vida, a gente conseguiu diminuir muito a mortalidade infantil.

Tico lembrou que tivemos uma política de educação de cotas sociais que proporcionou às pessoas, sobretudo, as mais carentes, chances de entrar nas universidades e estudar. E toda essa modificação da estrutura da nossa sociedade provocou uma grande retaliação, porque o Brasil tem donos.

Ao contextualizar sobre a luta que deve ser feita principalmente para envolver a juventude nesse processo de resistência, o cantor destacou a necessidade de não se perder de vista a luta das mulheres, do movimento negro, dos quilombolas, dos índios, dos LGBTs e dos estudantes...

"Aprendi uma coisa na minha vida e que eu levo como um pilar máximo da minha existência. As nossas responsabilidades são do tamanho dos nossos privilégios."

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.



Conferência - Juventude em Luta

Palestrante - Tico Santa Cruz

Obrigado! Obrigado Bia! Obrigado Renan! Boa tarde a todas e a todos! Obrigado pelo convite, para participar aqui dessa Conferência. Fico muito honrado de ter um microfone e uma voz para poder compartilhar a respeito desse momento tão crítico e tão delicado do país. Deve ser uma sina minha porque, na verdade, olhando para vocês, eu vejo tantos profissionais da Educação aqui e quando eu fui aluno, eu fui um aluno tão bagunçeiro, que o universo fez uma volta e me colocou aqui direto em contato de novo. Vai ter que voltar às universidades, vai ter que voltar às escolas, vai ter que ir lá dialogar com os professores.

Eu nunca desrespeitei professor porque eu sempre tive o professor como sendo uma autoridade, no bom sentido... muito, muito grande, muito alto, porque eu nunca fui um aluno desrespeitoso, mas, eu fiz muita bagunça. E eu não fui um aluno exemplar na verdade, não é? Eu tive problemas em algumas escolas e, na época, eu passei por umas seis escolas lá no Rio de Janeiro. Então eu conheci bastante o ambiente escolar, vários ambientes escolares, e isso também me deu uma condição de conhecer um pouco mais, obviamente, de universos diferentes do que eu nasci, não é?

Eu sou filho de classe média alta do Rio de Janeiro. Meu pai tinha uma condição muito boa quando eu era criança, e eu lembro que mais ou menos guando eu tinha uns doze anos, ele passou por um problema muito grave, financeiro, e a gente praticamente perdeu tudo que a gente tinha. E eu tenho recordações muito difíceis dessa fase da minha adolescência, porque foi uma fase que eu convivia num ambiente de classe média alta do Rio, mas, eu não tinha dentro de casa nenhuma estrutura para poder usufruir daquilo. Então, era uma situação bem ambígua, e dentro da escola, na verdade, era um lugar onde eu conseguia encontrar um canal de diálogo, um lugar onde eu podia me comunicar com outras pessoas, com amigos, professores, para poder de alguma forma sanar essas questões e, foi ali, que eu comecei a me interessar por questões sociais.

Eu conheci pessoas que me conduziram a um universo muito diferente do que eu convivia, que era dentro de um condomínio fechado na Barra da Tijuca. Comecei a



frequentar algumas comunidades e tal. Meus amigos de infância, alguns deles se tornaram conhecidos também, famosos, artistas, não é? Na época que eu era adolescente, eu convivi muito com Gabriel Pensador, MV Bill, Mr. Catra que, na época, não era Mister Catra, usava outro nome e era um cara que tinha uma banda de Hip Hop que misturava com Rock e tal. E a gente começou a frequentar vários lugares diferentes e eu comecei a perceber que o mundo não estava exatamente vinculado só aquela realidade do condomínio, das grades que estavam cercando e que estava fechando num universo totalmente diferente.

Então, nesse momento, foi que eu recebi esse estalo de que a gente, às vezes, tem que seguir outras referências, para poder entender como é o funcionamento real da nossa sociedade. Então, eu sou muito grato a essas pessoas também, porque são pessoas que me conduziram de alguma maneira a ter um olhar mais humano e menos egoísta em relação às questões, por que eu acho que o principal problema do Brasil, hoje, além de tudo isso que a gente está vendo aí, que a gente acompanha já há muitos anos, que já é uma história na nossa formação como civilização, é a falta de empatia das pessoas. É a dificuldade que as pessoas têm de se colocar no lugar das outras e de olhar para o outro com uma visão menos de julgamento e mais de tentar entender qual é a posição e a percepção que aquela pessoa viveu para poder chegar naquele momento.



Então, amigos e amigas, o que eu tenho percebido hoje em dia, na verdade, é que virou um grande conflito, isso que a gente está vivendo de percepções. A gente tem uma guerra de interesses muito grande no Brasil porque vivemos treze anos praticamente em que houve uma modificação, houve uma mudança na pirâmide social brasileira. Muita gente conseguiu acender, melhorar de vida, a gente conseguiu praticamente diminuir muito a mortalidade infantil.

Tivemos uma política de educação de cotas sociais, que proporcionou às pessoas - para o movimento e para a comunidade negra - chances para que pudessem acessar às universidades, para que tivessem o espaço que merecem dentro do ambiente acadêmico. E toda essa modificação da estrutura da nossa sociedade, obviamente, em algum momento, ia render de alguma maneira uma retaliação, porque o Brasil tem donos. A gente sabe que o Brasil tem donos, e esses donos estavam apenas de alguma maneira administrando essa tentativa de conciliação de classe que a gente vivenciou nesses últimos treze anos.

Num dado momento, depois que a presidenta Dilma foi eleita, em 2014, já com uma polarização extrema no Brasil, e a gente observou, percebeu logo, num primeiro momento, que os donos do Brasil, as pessoas que estão ali juntas com os donos, começaram a mostrar que não iam deixar mais a democracia sobreviver como ela estava sobrevivendo. E eles resolveram fazer essa movimentação toda, que tem uma finalidade, não é? Mas, acho que a minha fala, mais do que qualquer coisa que vocês já sabem, e a minha proposta têm sido tentar dialogar para fora de uma bolha, que foi construída nesse meio tempo e que a gente está vivendo nessa polarização.

Houve uma polarização muito grande entre a direita e a esquerda no Brasil. Eu diria que as pessoas que estavam nas ruas, em 2013, essas pessoas que foram pra ruas em 2014 e, em 2015, são pessoas de direita. Eu não entregaria à direita essa massa porque eu acho que fazer esse movimento é um movimento muito perigoso, de não conseguir interpretar, na verdade, a indignação de muita gente que está lá e que sequer tem uma ideia do que significa os conceitos de direita ou esquerda no Brasil.

Há uma grande confusão na comunicação e o que eu tenho tentado fazer, na verdade, dentro das redes sociais, dos shows, das falas que eu tenho tido a oportunidade de fazer, de poder debater e construir uma narrativa, é exatamente buscar um diálogo para com essas pessoas, que estão indignadas e que não conseguem enxergar dentro dessa crise de representatividade que a gente vive no Brasil, uma representação que lhes atenda e que lhes façam entender qual que é o propósito de um Estado onde a democracia de fato prevaleca.

O que acontece hoje no Brasil, realmente, é uma movimentação insana de pessoas que, a qualquer custo, tentam defender o "seu" sem pensar no coletivo. Daí a apresentação dessa PEC 55, que é uma PEC que congela, por vinte anos, os investimentos na Educação, na Saúde, na Infraestrutura e na Segurança, questões que estão relacionadas diretamente com tudo aquilo que estava sendo pedido nas manifestações em 2013 e que sempre foi pedido em outras manifestações populares. Então, eu acredito muito que nesse momento de polarização, a gente tem que tentar fazer uma comunicação com esse centro que está espalhado aí. Eu diria que tem 20% da população que é da direita, que sabe exatamente os conceitos e estão ali manipulando. Tem outros 20% de esquerda e tem uma massa muito grande ali no meio que não tem a menor ideia do que está acontecendo de fato e quais são os interesses que estão por trás, por exemplo, do impeachment da presidenta Dilma.

Eu vejo que há também uma resistência muito grande por parte da esquerda de tentar dialogar com essas pessoas, de tentar criar alguma abertura com esses setores porque há uma indignação legítima por conta dessa mobilização que foi feita e que ajudou a derrubar a presidenta, e que a gente tem usado palavras, que são palavras que conseguiram configurar realmente, historicamente, que vai ficar configurado como um golpe: o Fora Temer, o não à PEC 55, o não a MP do Ensino Médio.



Estão querendo modificar a estrutura do nosso ensino, depois de tantos anos que a gente conseguiu incluir cadeiras importantes na construção do indivíduo, como a questão da Filosofia, da Sociologia, da Educação Física, de tantas outras cadeiras que são importantes na formação do indivíduo e agora eles estão querendo tirar. E qual é objetivo deles, qual é o propósito? Todo mundo sabe qual é o propósito. Criar robôs, criar indivíduos que não tenham senso crítico desenvolvido para não questionar esse sistema que está falido.

Na verdade, a pauta que a gente devia ter abordado desde o princípio é uma Reforma Política, mas, essa pauta em momento algum foi levantada por esses movimentos que foram se formando nas redes sociais. O que se movimentou nas redes sociais foi a pauta contra a corrupção, como se alguém fosse a favor da corrupção. Mas, ao mesmo tempo, essa questão da moralidade, eles foram se apoderando.

A direita usou o fato de que o PT estava no poder e a mídia seletiva, porque não podemos ignorar o fato de que hoje há uma mídia - hoje não - sempre houve no Brasil, uma mídia bastante seletiva. A gente não pode dizer que vive num país democrático de fato. Se a gente tem seis ou sete famílias que dominam, comandam praticamente toda a informação que é passada ao povo brasileiro, em contrapartida, a gente tem a internet, que é um meio de comunicação muito importante e muitas mídias, muitos coletivos de mídias independentes que vêm fazendo uma contranarrativa muito importante: os Jornalistas Livres, a Mídia Ninja, uma série de coletivos que vêm fazendo um trabalho de informação e de conhecimento para que as pessoas possam ter algum outro horizonte para poder se quiar.

Então nesse meio tempo, hoje, por exemplo, eu estava num debate muito forte dentro das redes sociais em relação a esse momento que a gente está vivendo, em que houve, por parte do Congresso Nacional, a movimentação da votação para poder fazer aprovação de dez medidas contra a corrupção, ignorando até o próprio pacote anticorrupção que a presidenta Dilma já havia apresentado e que foi solenemente ignorado, inclusive, pela própria população. E eu percebi que houve um desconforto muito grande nesta questão, primeiro porque ela engoliu o debate sobre a PEC, que teve a manifestação lá no Congresso Nacional, em que a polícia repreendeu, fortemente, a manifestação dos estudantes, dos professores, de todos que estavam ali envolvidos.



Segundo porque foi colocado em pauta por meio da imprensa, mais uma vez, por todos que estão, de alguma maneira, atuando nas redes sociais, dessa questão da discussão do judiciário, da pauta do judiciário, da questão de como eles guerem impor um sistema, em que, cada vez mais, o judiciário não pode ser questionado. E quem é que julga o juiz na verdade? Essa pauta é muito espinhosa, não é? E eu vinha recomendando aos meus amigos, aos meus aliados que estavam debatendo, para que a gente debatesse essa questão, mas, que deixassem que outros partidos, que também estão ali envolvidos nessa questão tomasses um pouco a frente nesse debate. Porque é interesse deles também que esse debate vá adiante, para que se configurasse a nossa tese de que, quando o Michel Temer entrou na presidência, ele estava entrando para derrubar a lava-jato.

Para o país, para a grande maioria da população, a lavajato hoje é o bálsamo que eles enxergam como salvação. A gente sabe o quanto é perigoso quando a gente está dentro de um momento de histeria e enxergar, numa coisa só, em um herói, em uma figura, a salvação para todos os problemas, para a complexidade de um problema tão grande como é no Brasil.

Mas é difícil também você hoje bater na lava-jato, não é? Você bater na lava-jato, para a sociedade significa que você está a favor dos corruptos, o que não é verdade. O que a gente queria e o que a gente quer é que a lava-jato atinja, investigue todos os partidos, não de forma seletiva como vem fazendo, desde que começou.

Então, essa fala que aqui serviu para levantar os aplausos, eu tenho tentado levar também em lugares aonde a gente não está conversando, para pessoas que têm uma consciência tão mais profunda, em relação a essas



questões políticas e institucionais que são importantes.

O que a gente quer para a lava-jato?

A gente quer que a lava-jato atue para fazer uma limpa no sistema e ajude a gente, de alguma maneira, a identificar esses agentes, que são agentes de todos os partidos, de todas as legendas, de todas as ideologias, que estão envolvidos há décadas, muito antes dos treze anos do PT no poder, e antes, muito antes disso aí que a gente está observando. Mas, infelizmente, nesse primeiro momento, ela só se deteve a um partido político, a um segmento da esfera. Então, é isso que a gente está tentando fazer, com que as pessoas despertem. Só que a esquerda tem um viés combativo, tem um viés de luta, de sempre estar ali na frente, a gente tem muitas pautas, e o nosso problema, a nossa complexidade é muito grande, a nossa divisão interna é muito grande.

Enquanto a gente tem que se preocupar, porque é importante que a gente se preocupe com a questão da luta das mulheres, com a questão da luta do movimento negro, dos quilombolas, dos índios, dos LGBTs, dos estudantes, com tudo isso, que a gente está envolvido em tantas questões, eles só estão envolvidos com uma questão: em oferecer dinheiro, em consumir e com família tradicional. Então, é muito fácil falar para as pessoas o que elas querem ouvir. Isso que vem ganhando força, segmentos fascistas da sociedade, segmentos de extrema direita, porque a extrema direita, não precisa se aprofundar em nada. Basta dizer: bandido bom é bandido morto!

A sociedade está oprimida, está se sentindo insegura, está vivendo e vivenciando diversos casos de violência. Para a sociedade como um todo, pensar o que é, o que gerou, quais são as questões que abordam esse tema e a complexidade disso, o que que é mais fácil? Eu dizer, bandido bom é bandido morto ou vamos debater as questões sociais, as questões econômicas, a crise do capitalismo, para a gente entender como é que se gera a criminalidade. E muito mais fácil eu falar: bandido bom é bandido morto e conseguir por meio do populismo a adesão simples e fácil da população.

Então, em relação ao que eu estava falando da lava- jato, essa questão das dez propostas contra a corrupção e tudo mais, ontem fiz um vídeo com uma fala bastante superficial - que me incomoda ser superficial - mas que eu acho que, às vezes, a gente precisa ser, em determinados momentos, para que a gente possa guiar

as pessoas e fazer atingir o objetivo. Eu falei bem claro que essa movimentação que estava acontecendo agora no Congresso Nacional era para estancar a sangria a qual Jucá se referia aqueles áudios que foram vazados, em que ele dizia que a única solução, a solução mais fácil, era o Michel. Então era colocar Michel Temer na presidência para acabar com a lava- jato.

Essa narrativa foi a narrativa que eu adotei para poder conseguir entrar ou sair, na verdade, da bolha e acessar uma grande parte da sociedade que está envolvida com essas manifestações. Ao mesmo tempo, eu fiz um discurso de tomar muito cuidado para a gente não criminalizar a política, porque quando a gente criminaliza a política, a gente abre espaços para que esses heróis apareçam e, ao mesmo tempo, a gente abre espaço para que as pessoas se desinteressem pela política e que tomem conta esses que sempre tomaram conta, as oligarquias que sempre tomaram conta. A adesão foi boa, até o momento eu olhei, tinha mais ou menos quatrocentas mil visualizações em menos de vinte e quatro horas. E muitos compartilhamentos, muitas pessoas debatendo, poucas ofensas. Porque ao longo de todo esse período, eu fui não vítima porque eu não sou vítima de nada - mas, eu fui foco de muitos linchamentos públicos promovidos, inclusive, pela classe artística, que não se posicionou, que foi omissa em sua grande parte.

Eu não digo a classe artística dos setores de Cultura, que estão sempre lutando, me refiro aos artistas famosos, as pessoas que têm voz pública, as que poderiam dar, de alguma maneira, se posicionando e se ocuparam pela omissão. Então eu não estou aqui para julgar o que cada um desses artistas têm na sua vida e quais são os seus objetivos. Eu cresci a minha carreira inteira ouvindo meus empresários falando: Tico não se mete nisso, que isso ai vai dar problema, não se mete nisso, porque isso vai fechar portas pra você, não se mete nisso, porque isso ai vai gerar confusão, vai fechar espaço para os Detonautas, você não vai conseguir acessar a rede de televisão, não vai conseguir acessar rádio e tudo mais. E eu sempre, sempre falei de política, desde que eu comecei o Detonautas. Só que agora a minha voz ganhou uma amplitude maior, mas, se você pegar o meu DVD lá do início de carreira, 2004, 2003 e pegar um show dos Detonautas, você vai ver que sempre falei a respeito de política nos shows, mas, nunca tive um espaço, nunca tive uma adesão do público.



Então o que acontece?

Eu aprendi uma coisa na minha vida e que eu levo como um pilar máximo da minha existência, então é isso que eu procuro passar para os meus filhos, para as pessoas que eu dialogo. As nossas responsabilidades são do tamanho dos nossos privilégios, vou repetir: as nossas responsabilidades são do tamanho dos nossos privilégios.

Se eu sou uma pessoa que eu tenho condição hoje de colocar meu filho numa escola, infelizmente, por conta do descaso, que a gente tem de décadas, de séculos e séculos com a educação pública, se hoje eu tenho condição de colocar meu filho numa escola particular e pagar de alguma maneira para que ele possa estudar, eu não posso ignorar as pessoas que não tem o mesmo privilégio que eu. Eu não posso virar as costas para essas pessoas, eu tenho que continuar lutando, insistentemente, para que o ensino público seja um ensino de qualidade. Para que eu possa, inclusive, matricular os meus filhos também no ensino público, para eles possam também usufruir desse ensino público. A mesma questão para os planos de saúde, não é porque eu tenho um plano de saúde, nós temos plano de saúde, que nós não vamos lutar para que a saúde pública seja de qualidade, para que as pessoas possam ser atendidas e serem respeitadas em suas questões. Então é simples gente, é simples.

Oque acontece, na verdade, é uma grande dificuldade em relação à empatia. É aquilo que eu estava falando antes. O que eles chamam de esquerda caviar, de socialista de Iphone, de tudo isso que eles rotulam e que é de fácil acesso, para se criar memes em uma comunicação eficiente, a gente tem que ficar desconstruindo o tempo inteiro, para poder dizer para eles: gente, se eu sou um privilegiado, se eu tenho condições, a minha responsabilidade é do tamanho dessas condições. Eu tenho que lutar e entrar na luta de quem não tem. E quem não tem, precisa ter, para que a gente possa usufruir de uma sociedade justa e digna para todo mundo.

Do que adianta eu ter, e ter que andar em carro blindado, e ter que andar em condomínio fechado, viver cercado de seguranças, viver paranoico, inseguro, se a coisa vai acontecer se não vai acontecer, enquanto milhares de pessoas estão sofrendo as consequências de séculos de descasos. Então, o difícil quando a gente fala a respeito dessas questões é a nossa comunicação. A nossa comunicação não fura a bolha, não fura esse espaço ao qual a gente está acostumado.

Não adianta pregar para quem já foi, de certa forma, para quem já está convertido, não é? Para quem já entende o que a gente está falando, a gente tem que falar para quem não entende, para quem não entende, para quem não está aqui dentro hoje. Vocês são muito importantes para mim, muito importantes! Vocês são professores, são profissionais da área de educação, têm estudantes, têm universitários, têm movimento sociais, tem um monte de gente se comunicando, porque se cada um de vocês tem um celular nas mãos ou um computador, pode acessar uma rede social e fazer uma comunicação mais eficiente. A gente precisa acertar na comunicação. A nossa comunicação não é eficiente.

A comunicação dos treze anos de governo do PT não foi uma comunicação eficiente. Se perdeu a oportunidade de criar uma consciência de classe e se ofereceu para o brasileiro uma consciência de consumo, que é uma coisa muito diferente. Eu fui uma pessoa que fiz amplas críticas ao PT ao longo dos anos, mas, eu não posso desconhecer as coisas positivas que o PT fez para o Brasil, eu não posso reconhecer, eu não posso ficar só nas críticas e, mais do que isso, quando se apresentaram as opções que a gente viu se apresentar em 2014 era óbvio para vocês, que são mineiros, mais óbvio ainda, não é? Que a gente não podia simplesmente continuar. Eu, por exemplo, sempre tive um discurso anarquista, mas, eu percebi o crescimento da direita, percebi o crescimento dos setores conservadores ganhando volume e, naquele momento, eu me posicionei um pouco mais à esquerda para poder, de alguma maneira, fazer um contrapeso a essa onda conservadora que a gente está vendo. Então naquele momento que polarizou o Brasil a escolha era essa - não tinha outra escolha - eu ia votar em guem? Era Dilma ou era Aécio.

Era Dilma, não tinha nenhuma dúvida que a Dilma era a melhor opção. E eu digo mais, eu não estou falando isso aqui porque estou em um congresso, em que as pessoas estão vinculadas a sindicatos ou a setores que estão vinculados à esquerda. Eu digo isso porque era a opção que nós tínhamos e foi a melhor opção que fizemos. Infelizmente, Dilma foi derrubada também porque é uma mulher, também tem esse interesse dentro desse golpe. Não vemos a mesma força e a mesma coragem, o mesmo impulso, para se dirigir ao ilegítimo presidente da República, senhor Michel Temer.

Então gente, o que está contido dentro dessa história, e que ficou muito claro para mim, é que estava havendo



uma injustiça em relação à Dilma. Eu percebi essa injustiça e não podia ficar calado. Eu não podia ficar calado diante dessa injustiça e eu saí em defesa da presidenta Dilma porque eu sabia, e tenho até que se prove o contrário, bastante convicção, que Dilma é uma mulher totalmente honesta e que, se ela foi derrubada - foi porque não se rendeu a esses conchavos que são feitos e que se sustentam dentro desse sistema político.

Mas, nós temos que entender que Dilma também cometeu erros, cometeu erros na economia, cometeu erros em algumas questões que poderiam ter sido resolvidas antes e que não foram, mas, não é essa a nossa pauta agora. A nossa pauta agora é resistência. É como que a gente vai resistir a tudo isso e a classe artística é muito importante nessa resistência. É muito importante que os artistas participem disso, pois, a classe artística fala para fora da bolha, a classe artística fala para fora desses universos que são pequenos guetos que a gente vive e que se retroalimentam.

Então, na verdade, o que acontece é que quando você é artista e se posiciona, e isso incomoda o estabilístico, automaticamente, os caras vão te bloqueando. E se eles não podem te calar, porque hoje eles não conseguem mais calar, hoje eles não podem mais calar porque eu não dependo mais necessariamente das redes de televisão deles e nem, necessariamente, das rádios que eles têm, eles começam a fazer uma censura chamada "censura financeira", ou seja, começam a boicotar você, o seu trabalho. Você não é mais contratado para fazer show, não é mais contratado para fazer trabalhos e isso vai dificultando, asfixiando, até que você tenha todas as pessoas em seu entorno, asfixiadas, e ai elas falam para você: pelo amor de Deus, não fale mais sobre política, senão a gente vai acabar sendo asfixiada. E é isso que está acontecendo na minha vida e na vida de vários artistas que se posicionaram. Alguns têm um pouco mais de conforto, outros têm menos, mas, todos sendo asfixiados por terem se posicionado. Vamos nos render? Não! Não vamos! Se a gente se render, se a gente desistir, eles vencerão.

Mas, a gente precisa criar um canal de comunicação eficiente. E eu tenho feito um movimento para tentar ir ali ao centro, que o centro sumiu, simplesmente, sumiu o centro. Agora ou você é esquerda ou você é direita. E na verdade tem muita gente que está na direita porque acha que o PT é esquerda e não gosta do PT. Logo, se o PT é esquerda e não gosta do PT, eu sou direita.

O pensamento binário é isso. Se a gente não desfizer essa lógica e o momento de desfazer essa lógica é agora, que lava-jato vai sim atingir outros partidos, porque também não tem como não atingir. Virão delações da Odebrecht, o Cunha está aí falando, soltando bomba para tudo que é lado. Já está começando a ficar bem claro quais foram, qual foi a movimentação que o PMDB e o Michel Temer fizeram para poder entrar junto com o PSDB e tomar o poder de assalto. Eu fiz uma especulação ainda maior. Me chamaram de louco nas redes sociais, falaram que eu era maluco, que eu estava conspirando, porque na minha visão do que está acontecendo, vai haver ainda uma derrubada do Michel Temer dentro dessa história, para poder fazer uma eleição indireta.

O problema é o seguinte: se o Temer cair, o que não vai acontecer até o final de 2016, teoricamente, pela Constituição, nós teríamos diretas já! A partir de 2017, o Temer caindo, o Congresso Nacional é que escolhe. Então, é o golpe dentro do golpe e uma eleição direta para eleger quem eles querem colocar lá e, na verdade, o Michel Temer foi e está sendo usado para fazer o trabalho sujo. E qual é o trabalho sujo? Aprovar essas medidas impopulares que o PSDB não quer botar a mão, não quer ter o rastro dele lá.

Quais são as medidas impopulares? A PEC 55, a Reforma do Ensino Médio, a Reforma da Previdência, o fim da CLT, uma série de reformas que o PSDB não quer botar a mão para fazer. Então o jogo dentro desta configuração no Brasil, fora do Brasil, ainda tem uma questão geopolítica



- Sind-UTE/MG

envolvida, que é o interesse dos Estados Unidos, do imperialismo americano, de tomar conta das nossas riquezas, por meio do Pré-sal, do petróleo, da água, da Amazônia, das nossas riquezas naturais, que é o que estão fazendo agora, não é?

Na minha cabeça, por exemplo, eu não consigo raciocinar e acreditar que Kim Kataguiri, Alexandre Frota, do Movimento Brasil Livre (MBL) com o Vem Pra Rua, que essas pessoas articularam essa movimentação toda, sozinhos. Não tem como ter sido eles sozinhos. Isso é uma movimentação que veio de um setor muito mais sofisticado em termos de geopolítica, que tem um interesse no território nacional. O Brasil não é um país que tem a natureza de guerra, como tem o Oriente Médio, que vai se defender lá na guerra, vai bater. Então não precisa invadir o Brasil com o Exército, basta invadir com uma mídia seletiva e com informação deturpada, que você consegue configurar as cabeças das pessoas até que elas entreguem tudo de bandeja, sem precisar disparar um tiro.

Então essa é a real. Só que a gente quando vai falar isso para as pessoas lá fora a gente não tem como explicar isso dessa maneira. Quando a gente vai falar com as pessoas lá fora, a gente tem que falar: olha, seu 13º salário é que está em jogo, seus direitos estão em jogo nessa história, é o seu Piso Salarial e o salário mínimo que não serão ajustados acima da inflação, a sua aposentadoria corre o risco de acabar. Essas são as questões que a gente não consegue transcender à bolha, porque não bate nas pessoas. Quando a gente vai falar, estamos sempre falando: porque eu sou contra o imperialismo, eu sou contra o capitalismo, sou contra isso, sou contra aquilo. E quando você fala eu sou contra o capitalismo, na cabeça dessa galera, do senso comum, você está sinalizando para eles que eles não vão poder mais ir à Disney, que eles não podem ter um Iphone, que não vão poder ter um tênis Nike, não vão poder usufruir o que o capitalismo oferece para o comércio, não é?

O cara dá graças a Deus porque é explorado para, no final do mês, poder comprar uma passagem, em vinte vezes, para ele poder viajar para a Disney. Ele não consegue imaginar que está sendo explorado pela minoria, ele acha que é o topo da pirâmide. Ele é um pombo, que acha que é um pavão. Daí começa a consciência de classe.

A consciência de classe atua nesse momento e que coloca o indivíduo consciente a qual classe ele pertence, a qual posição na pirâmide social ele pertence. Quando a

gente fala: vamos criar uma tributação para as grandes fortunas, o cara diz: o que é isso? É como se ele achasse que é um milionário, que tem um apartamento aqui na Savassi.

Gente, pelo amor de Deus! Esses caras que estão ganhando dinheiro com essa crise não estão no facebook, não estão na televisão, não estão aparecendo em lugar nenhum. São os caras que movimentam o mercado especulativo, são aqueles que a gente nunca vê. É uma matrix, a gente vive dentro de um matrix. A sensação que eu tenho é que, a qualquer momento, a gente vai entrar por ali e vai falar: acabou o jogo, vamos embora que já foi. A sensação que eu tenho, é essa.

Como nesse momento de polarização a gente consegue comunicar isso para a população?

Por exemplo, vai ter um movimento agora dia 4, que é o "Vem pra Rua". Hoje, eu tinha até cogitado de alguma maneira conversando com pessoas de dentro dos grupos e de tudo mais, cogitado a possibilidade de, se a gente tivesse se articulado antes, se tivesse pensado antes, o que a gente podia ter feito? Hackeado esse movimento. Todo mundo podia ter entrado lá, só que com pautas, que são as pautas que tem que ser colocadas nesse momento, a exemplo: A PEC 55, o Fora Temer, Diretas já! Todas são pautas importantes. Mas, vai ficar nessa pauta dessa vez e o dia 4 só na questão da corrupção. Então, já levantaram a bandeira do Moro como sendo o herói nacional, da lava-jato, daquela coisa que a gente já sabe que é o senso comum, e é o que o senso comum, está entendendo. Nós demoramos a agir nesse sentido, entende? Demoramos a fazer uma movimentação que pudesse entrar ali no meio daquela manifestação e levantar, sim, pautas que são importantes. Mas, agora já é tarde demais, porque os caras já colocaram hoje lá no "Vem pra Rua", um negócio dividindo: vândalos, que foi





o pessoal que estava lutando contra a PEC lá em Brasília que foi atacado pela polícia e que reagiu; e eles que são os civilizados que tiram foto com a PM, que por sua vez, a PM também são servidores públicos e, portanto, também explorados e que não podem reivindicar os seus direitos.

Então olha só como que a gente está dentro de um xadrez, e o tempo todo sendo jogados uns contra os outros. E no dia 4, eles vão lá fazer a manifestação deles, que é a manifestação que eles já fizeram várias vezes e nós não vamos conseguir, de alguma maneira, acessar novamente essa manifestação, porque conseguiu de novo criar esse maniqueísmo, que é fazer o povo ficar contra o próprio povo. Aquelas pessoas que estão ali gente, não são em sua maioria, pessoas de direita. Não são! Se vocês fizerem uma entrevista básica com elas e perguntar a respeito, do que que elas acreditam para a educação, para a saúde, são as mesmas questões que nós defendemos. Só que para elas é o seguinte: Se o PT é a favor eu sou contra. E para eles, todo mundo que está de vermelho, é do PT, e o PT virou uma coisa demoníaca, e não é.

Então, olha o trabalho que a gente está tendo que ter. Desvincular, descontruir toda essa construção da narrativa única que foi feita ao longo desses últimos anos todos. Isso é muito difícil!

A gente não precisa abrir mão dos nossos símbolos, não precisa abrir mão das nossas ideologias, não precisa abrir mão dos nossos valores, não precisa abrir mão das nossas pautas, mas, a gente tem que encontrar uma rota de diálogo com essas pessoas, seja pelos nossos grupos de WhatsApp, seja pelas redes sociais, pelo Facebook, pelo Twitter, pelo Instagram. Eu acho que a gente tem que sair dessa briga, desse negócio binário de "coxinha versus petralha".

Eu acho um absurdo ter criminalizado a coxinha, porque eu acho a coxinha um salgado maravilhoso, e criminalizamos a coxinha. Não consigo mais comer coxinha. Eu olho para a coxinha e digo: não quero. E eles criminalizaram uma coisa que é uma delícia, que o pão com mortadela. Então virou futebol. E a gente tem que tentar sair desse pensamento do futebol. E se a gente não sair disso não vai acessar essa galera. Se continuar atuando coxinha, petralha, esquerda, direita, que eu sei que tem diferença, tem toda a diferença, mas, a gente tem que mostrar para eles qual é a diferença. Só vamos conseguir mostrar para eles qual é a diferença se conseguirmos mudar a nossa forma de se comunicar.



Essa forma de se comunicar, vocês que são professores, nós que somos pessoas que usamos as redes sociais, as mídias que estão aqui trabalhando, as mídias alternativas, as mídias independentes, sabendo comunicar, conseguem converter e reverter a situação. Eu tenho conseguido, pelo menos nesses últimos dias, desde que ficou bem claro, que o movimento era para estancar a sangria e eu estava num grupo de WhatsApp em que as pessoas estavam desesperadas; meu Deus, por que a chantagem é grande, estão fazendo chantagem lá para poder jogar contra o povo. Ai falei: gente, pelo amor de Deus vamos jogar essa bomba em cima do Michel Temer, ele que derrubou uma presidenta honesta para acabar com a lava-jato, a narrativa é essa. Ele que fez esse movimento. Ele que segure essa bomba. É obvio que a gente tem que discutir as questões que estão em pauta lá no Congresso Nacional, porque são questões importantes, não é possível dar poderes supremos ao judiciário. Mas, deixa eles se desgastarem um pouco também. Vamos nos deter a colocar essa bomba em cima do colo deles. Vamos mostrar várias vezes, frequentemente, os áudios que foram gravados, mostrando que eles se movimentaram, se juntaram para acabar com a lava-jato. Essa narrativa é que a gente tem que jogar no colo dessa turma. Porque se alguém agui acredita que a gente vai conseguir, além de fazer uma resistência, obviamente, em todas as ocupações que são importantes sim, não é?

O movimento secundarista hoje é o movimento mais revolucionário que temos no Brasil. É a revolução que a gente tenta fazer nesse país. As ocupações são importantíssimas. Estão levando pautas e, mesmo quando tentam finalizar, a gente consegue reverter. Mas, eu não tenho muitas esperanças de que nessas ações que a gente vem fazendo e que são importantes e que não podem parar de serem feitas, que eles vão deixar de votar o que é de interesse deles. Não vão, não vão

Essa forma de se comunicar, vocês que são professores, nós que somos pessoas que usamos as redes sociais, as mídias que estão aqui trabalhando, as mídias alternativas, as mídias

comunicar, consequem

independentes, sabendo

converter e reverter a situação. mostrar que existem outras questões acontecendo agui no Brasil e dialogado com pessoas que não estão disponíveis para o diálogo partidário. Porque hoje os movimentos são horizontais e a gente tem que aprender a lidar com os movimentos horizontais.

Hoje, as pessoas não procuram mais os sindicatos com a mesma frequência que procuravam antigamente, não procuram mais os partidos políticos como procuravam, antigamente, para se organizar. Hoje em dia, elas estão se organizando nas redes sociais. Isso está evidente e isso facilita muito, para eles e para todo mundo, até para nós também.

Uma organização que faça com que se paute determinadas questões, como estão sendo feitas agora, mas, para isso há de se ter uma comunicação eficiente. A gente precisa aprender a reconfigurar a nossa comunicação. Então, eu queria deixar aqui bem claro, que eu estou dentro dessa luta, não abri mão da luta, não abri mão de continuar acreditando que a gente precisa batalhar pelas questões que são importantes para o nosso país. Eu tenho tentado, sim, fazer essa ponte. É difícil essa ponte, muito difícil, mas, é possível. Acho que a gente tem que começar a pensar juntos, a partir de agora, uma solução para que a gente não figue criminalizado. E nós sabemos que eles estão fazendo essa movimentação para criminalizar os movimentos sociais, os movimentos estudantis, os sindicatos, os partidos e a política de um modo geral. Não vai ser benéfico para ninguém, isso não é benéfico para o país. É isso que eu tenho para dizer para vocês.

Obrigado!

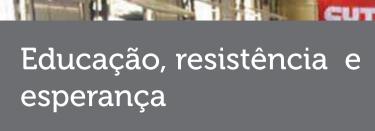
1º de dezembro de 2016

deixar, e outra: O MBL trabalha muito bem a parte de comunicação. O Michel Temer não os contratou, o PMDB e o governo também não. O MBL era para tornar palatável as medidas impopulares. E eles vêm conseguindo fazer isso com sucesso. Enquanto eles estão fazendo isso, criminalizando a esquerda, a gente está brigando. Então como a gente vai conseguir pensar. Isso é uma coisa que todos nós temos que refletir, numa comunicação eficiente com os nossos amigos, com as pessoas com as quais a gente teve algum conflito durante esse período todo. A hora de pegar a narrativa é agora. Porque o Michel Temer vai ruir e se a gente não tiver preparado, em 2018, pra gente conseguir disputar as eleições, o que vai acontecer no Brasil foi o que o Haddad falou lá em São Paulo: nós teremos que escolher entre a extrema direita e a direita. O cenário que vai se configurando para 2018 é um cenário bem difícil e isso a gente sabe que não é bom para ninguém. Não é bom para o país, não é bom para nós, não é bom para nenhuma pessoa, para ninguém que queira, de fato, o bem-estar social deste país. Então se a gente não conseguir se reconfigurar para se comunicar até 2018, nós vamos ter que escolher entre a direita e a extrema direita. Essa vai ser a nossa escolha.

É necessário que agora, as lideranças todas, aqueles que estão pensando, comecem a refletir como é que vão fazer novamente essa comunicação. Como é que vão conectar essa comunicação com o centro, com o centro-esquerda, mesmo que a gente tenha divergências e alguns pontos que são insustentáveis. Mas, a gente tem que se conectar com o que a gente tem em comum e não pelas nossas diferenças. O restante vai ficar brigando, se retaliando, enquanto eles estão crescendo.

Então queria dizer, assim, que da minha parte, o que eu tenho tentado fazer é essa comunicação. E tentado, na medida do possível, traçar uma outra narrativa para





Reflexões e mensagens de esperança, luta e resistência também marcaram o último dia da VIII Conferência Estadual de Educação.

Conferência Estadual de Educação - Educação

O Sind-UTE/MG exibiu um vídeo, no qual fez um retrospecto dos principais momentos da luta dos profissionais da educação e do protagonismo dos jovens que ocupam as escolas públicas, as universidades e os institutos federais. A produção também homenageou o mestre Paulo Freire, com depoimentos dele sobre educação, resistência e militância. Em seguida, os cerca de 2.500 participantes da Conferência puderam assistir ao teólogo, escritor e professor, Leonardo Boff, que discorreu sobre o tema "Educação e Esperança".

Ele abriu sua fala afirmando que o Brasil é um dos países com mais desigualdades sociais no mundo. "E isso, teologicamente falando, é um pecado à obra de Deus. Porque Ele deseja que seus filhos sejam iguais, que haja fraternidade e sejam irmãos, partilhando os mesmos direitos e recursos da natureza. O que não é possível em um sistema desigual e desumano como o nosso", disse Boff.

Na oportunidade, o teólogo falou sobre o papel dos educadores e educadoras enquanto sujeitos ativos na transformação de consciências, sobretudo, das novas gerações de estudantes. "Os jovens são os novos sujeitos históricos, portadores de esperança, iniciativa, coragem." São eles, segundo o Teólogo que estão colocando em xeque o sistema, que vão derrubar o Temer, enfrentando com inteligência os governos corruptos; são eles que possuem projetos alternativos e cobram uma educação de qualidade; são eles que querem transformações que possam garantir-lhes um futuro na esperança de inaugurar outro tipo de democracia para o Brasil inteiro.

"Podemos até não ter fé, mas jamais podemos perder a esperança!", disse isso ao destacar que é preciso cuidar do mundo do espírito, que é feito de amor, bondade e compaixão. "Espiritualidade é a capacidade de compartilhar as coisas da vida e essa espiritualidade deve ser sempre resgatada, pois, dela descobrimos a energia poderosa, que nós chamamos de Deus."

Acompanhe, na íntegra, sua palestra.



Conferência – Educação e Esperança

Palestrante - Leonardo Boff -

Dom dia a todos e a todas. Eu quero saudar aqui Maria Helena e o Fábio a minha esquerda. A todos aqueles que organizaram e estão trabalhando nesse encontro. O tema que foi pedido foi "Educação e Esperança." Eu creio que o tema da esperança é fundamental nos dias de hoje e, como vocês sabem, foi a produção e a preocupação última do Paulo Freire que trabalhou o tema da esperança como fundamental para os educadores.

Fé nós podemos perder e continuamos a viver, o que nós não podemos é perder a esperança. Porque quem perde a esperança está a um passo do desespero e eventualmente até do suicídio. Então, nós temos que manter esse dom talvez mais precioso porque está ligado ao futuro da vida que é a esperança.

O sistema mundial nos está roubando essa realidade preciosa com a frase, não tem outra alternativa senão o capitalismo. Eles usam até em inglês: Alternative! There is no alternative! Não tem alternativa! Estamos condenados a esse sistema, que está destruindo as bases físicas e químicas que sustentam a vida.

Esses sistemas estão numa profunda crise nos Estados Unidos, na Europa, no mundo inteiro, chegou no Brasil, também, porque eles se baseiam em duas ilusões: a ilusão de que é um planeta, é uma espécie de baú cheio de recursos inesgotáveis, ilimitados, e que nós podemos crescer de forma ilimitada para o futuro.

São duas ilusões. A terra é um planeta pequeno, já velho, com recursos escassos. E ele não tolera o planeta Terra, não tolera o projeto de desenvolvimento ilimitado porque não tem os recursos, os nutrientes, o metal, a água, tudo aquilo que precisamos para a vida. Esses sistemas



pioraram de tal maneira a Terra, que ela precisa de um ano e meio para repor aquilo que nós tiramos dela. É por isso que a Terra está doente. E não podemos levar para a frente esse projeto de crescimento ilimitado, de acumulação absurda, ao ponto de 1% da humanidade possuir mais da metade da riqueza de todos os pobres do mundo. Esse é um dado da semana passada de um grande economista Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, que disse que nunca na humanidade houve tanto enriquecimento. Oitenta e cinco pessoas têm mais riqueza que 3,6 bilhões de pessoas. Então, não dá para levar a avante esse projeto, porque se nós quiséssemos universalizá-lo para todos os países, nós precisaríamos três terras iguais a essa, o que é um absurdo.

Então, quando eles dizem: esse sistema não tem alternativa, eles estão matando a esperança em nós, estão nos levando a um abismo, a um precipício. Se nós não cuidarmos, e o papa Francisco disse três vezes: se nós não mudarmos de hábito, se não aprendermos a ficar diferentes, a Casa Comum, a Mãe Terra, nós vamos ter o destino dos dinossauros, que depois de viver cento e



trinta e três milhões de anos sobre a Terra, quando caiu um meteoro na América Central, levantou um tsunami tão grande, tanta poeira, tantos venenos, que eles desapareceram da face da terra. Nós não queremos ter o destino dos dinossauros. Eles dizem que esse sistema mundial capitalista de consumo, de enriquecimento é a culminância da História, por isso, para eles a história acabou, agora é só repetir.

Só que, para a grande maioria da humanidade, isso significa condenação à morte. Nós não aceitamos o veredicto de morte. Nós não aceitamos que esse sistema que explode a Terra, que cria duas injustiças: uma social, grande parte da humanidade pobre, marginalizada, e uma justiça ecológica, destruindo ecossistemas, poluindo águas, envenenando solos, tornando a vida frágil e ameaçada, uma injustiça ecológica. Então, esse sistema não pode mais ser levado avante. Por isso, muitos sábios dizem, e o Papa disse trinta e cinco vezes na sua encíclica sobre a Ecologia: ou nós mudamos ou nós morrermos! Ou nós mudamos, ou nós não temos futuro. Enquanto eles nos dizem que não tem alternativa, eles negam a esperança de que é possível outras alternativas.

Porque os Estados Unidos, por mais de cinquenta anos, tentaram destruir Cuba e por dezessete vezes tentaram matar Fidel Castro?

Porque Cuba mostrava que é possível ter outro tipo de sociedade que não seja aquela consumista,

materialista, capitalista, que podia ser uma sociedade com característica de socialismo, mais igualitária, em que as pessoas pudessem ter acesso, todos, à saúde, à educação, de tal modo que hoje, Cuba, embora uma ilha pequena e pobre, tem a melhor medicina do mundo.

Bem, disse Fidel Castro pouco antes de morrer. Nesse momento, dizia Fidel: "Há quinhentas mil crianças dormindo na rua, nenhuma delas é cubana, nenhuma delas é cubana." Então, a fúria dos Estados Unidos era para dizer que é impossível uma alternativa que não seja o capitalismo. Por isso, destruir Cuba, que vivia o socialismo, e é um milagre que tenham sobrevivido.

Eu mesmo, fiquei muito próximo ao Fidel e ele me disse no último atentado: as duas pessoas treinadas nos Estados Unidos para matálo, quando chegaram na frente dele com os revólveres viram aquela imponência, viram aquela aura, entregaram as armas para ele e disseram: "nós fomos treinados para te matar, mas, você não pode morrer." Isso é um milagre gente!

Então quando nós falamos de esperança, nós falamos de sonho, nós falamos de utopia, nós falamos de projetos alternativos e, hoje, o grande império dos poderosos dos Estados Unidos e da Europa, dizem: vivemos tempos pós-utópicos,



não tem mais utopia, alcançamos tudo, chegamos até o teto, realizamos todos os nossos desejos, todos os nossos propósitos de enriquecimento e acumulação. Só que esse fim, atingir o seu propósito pode significar também o fim deles, porque a Terra não tem mais recursos para eles poderem se reproduzir, para eles poderem explorar avante.

Então é necessidade nossa elaboramos projetos diferentes, projetos que vêm de baixo, de cima não pode esperar nada, nem do nosso parlamento feito de corruptos, nem do nosso presidente ilegítimo, ladrão do poder público, não podemos esperar nada dele.

"Fora Temer! Fora Temer", dizem os conferencistas!

Bom, é vocês que estão dizendo, senão ele manda matar-me, mas ele é tão fraco, que nem chega a isso. Então, o Papa nas três vezes que se reuniu com os movimentos sociais - duas vezes em Roma, três semanas atrás - e outra vez em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, disse duas coisas fundamentais: que todos nós devemos lutar pelos três "Ts". Por Terra - nenhum camponês sem terra, por Trabalho - ninguém sem trabalho e por Teto - ninguém sem uma casa para morar.

Então os três "Ts", Terra, Teto e Trabalho, são as coisas mais fundamentais para o ser humano. Segunda coisa que o Papa disse: para conquistar essas coisas, não espere dos governos, não espere das classes dominantes, não espere das oligarquias, confie em vocês mesmos. Organizem-se, criem laços de articulação entre todos os movimentos, pressionem, comecem vocês a inventar um novo mundo, uma nova forma de habitar o planeta, de plantar, de cultivar a semente, de tratar um ao outro, de ter outro tipo de educação.

A revolução deve vir de baixo

O mundo novo não cai do céu, ele deve vir a partir daqueles que sentem na pele o sofrimento e a dor produzidos por esse sistema. E hoje, por isso é importante, não só os movimentos sociais populares de homens e mulheres, mas, especialmente os jovens que são o novo sujeito



histórico que está questionando o sistema, ocupando as escolas e querendo outro tipo de Educação.

E mais ainda, não é só outro tipo de educação, outro tipo de Brasil, não o país das negociatas, mas, um Brasil de uma democracia participativa, em que o povo possa estar presente, dar suas sugestões, ajudar a criar uma sociedade com menos desigualdade, que é uma das chagas mais profundas que marcam a nossa história. Quando falamos em desigualdade é uma palavra neutra, mas, na política eticamente significa injustiça. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo, significa que é um dos países mais injustos do mundo, que teologicamente significa: o pecado contra o projeto de Deus, contra os filhos e filhas de Deus, que ele quer igualitárias, que ele quer como irmãos e irmãs.



Então quando nós falamos de esperança, nós falamos de sonho, nós falamos de utopia, nós falamos de projetos alternativos



Então quando falamos de desigualdade, pensamos nesse conjunto de perversidade que essa palavra esconde. E o contrário disso é justiça social, participação popular, uma sociedade em que mais gente participa dos benefícios da natureza, da cultura e de tudo aquilo que, nós, seres humanos acumulamos. Daí a importância da esperança, a esperança é mais do que uma virtude, como o amor, como a amizade e como a bondade.

O grande filósofo alemão, Ernst Bloch, conhecido porque trabalha com a sociedade disse que a esperança é um princípio, é um motor que está dentro de nós, que está sempre trabalhando e projetando sonhos novos, alternativas desse mundo perverso que temos, utopias.

A utopia não se opõe à realidade

A utopia é aquela parte virtual da realidade, porque a realidade não é só feita com as coisas que estão aí, ela tem dentro de si outras possibilidades, virtualidades que não foram realizadas, ela é rica, é grávida de realidades que querem emergir, e a utopia nasce dessa dimensão virtual possível.

Então, nós temos um Brasil real. Esse com tantas desigualdades, discriminações, corrupção. E tem o Brasil da esperança, que o povo sempre alimentou, de um país fraterno, de um país rico, como dizia Darcy Ribeiro, da província mais reluzente e bela do planeta terra. Esse Brasil nós queremos gestar, a partir da esperança que ele é possível, ele pode ser criado, desde que nós rejeitemos esse que está aí, não aceitemos e daí resistamos contra ele.

66

Mas, muito mais importante é colocar a semente, as bases de um novo tipo de Brasil, começando a ser construído por vocês mesmos, quando são mais solidários uns com os outros.

ins fundame de que outr

Mas, muito mais importante é colocar a semente, as bases de um novo tipo de Brasil, começando a ser construído por vocês mesmos, quando são mais solidários uns com os outros, quando inauguram uma agricultura ecológica, quando organizam sindicatos combativos que resistem à opressão, quando se articulam os vários movimentos para pressionar mais o poder público, quando vocês se sentem cidadãos que não apenas matam a fome de pão, mas, querem a fome de dignidade, a fome de reconhecimento de uma cidadania mais plena. Isso nasce dessa utopia, dessa esperança, que está dentro de nós, desse que é um motor que nunca para de funcionar. Ele chama isso de princípio Esperança.

O grande escritor irlandês Oscar Wilde, diz: "se num mapa não houver lugar para utopia, nem olhe para esse mapa", porque utopia é esperança, é o lugar onde os seres humanos ancoram os seus pequenos navios para se recarregarem e partirem para o mar alto, enfrentarem as ondas e pedirem a Deus - não nos livrem das ondas - mas, nos dêem coragem para enfrentá-las e sermos mais fortes do que elas. Partem para buscar novas terras, essa é a utopia esperança.

O grande escritor que morreu meses atrás e que amava muito o Brasil, escritor uruguaio, Eduardo Galeano, deu uma das melhores reflexões da utopia. Ele diz: "a utopia é como as estrelas, nós nunca alcançamos as estrelas." O que seria a situação dos astronautas se não tivessem as estrelas para orientar, o que seriam as nossas noites se não tivessem as estrelas, seriam noites sombrias. Porque nós amamos as estrelas, nós não temos medo da escuridão da noite. Então nós nunca vamos alcançar as estrelas, mas, elas nos guiam, nos mostram o rumo, nos dão luz. Então a função da utopia e da esperança é nos fazer andar, nos fazer caminhar.

Lá na frente tem uma montanha, mais outro horizonte e mais outro, sempre andando, sempre construindo, sempre buscando o melhor para nós e para aqueles que caminham conosco. É fundamental hoje nós mantermos viva a esperança de que outro mundo é possível, não só possível; que outro mundo é necessário.

Poderá haver o fim do mundo, não o fim do mundo em si. Mas um fim deste tipo de mundo, inimigo da vida, que marginaliza grande parte da humanidade, que estressa a Mãe Terra, que explora quase até o limite extremo dos bens e serviços que a terra nos dá em termos de sementes, de água, de solo, de nutrientes, e tudo aquilo que é fundamental para as nossas vidas. Tudo isso é explorado de forma ilimitada, mas, chega um ponto que a terra diz: basta! Ela está doente hoje e ela mostra sua doença pela febre causada pelo aquecimento global. São assim chamados eventos extremos.

Há três dias, eu estava em Berlim, 5°C abaixo de zero e onze horas depois quando chego no Rio de Janeiro, 32°C. Vocês veem como as coisas estão diferentes. A Terra perdeu seu equilíbrio. Ela não se regula mais. Imensas tempestades no Sul, enchentes e cinco anos de seca no Nordeste. Aí, se mostra que a Terra está doente por nossa culpa, não por nossa culpa, pela culpa daqueles que, de forma irresponsável, acumulam riquezas, à custa das pessoas e à custa do sacrifício da superexploração da Mãe Terra, e ela reage mostrando que está doente, mostrando a sua febre, mostrando o aquecimento global.

E muitos cientistas, a própria sociedade científica norte-americana disse há dois anos: se nós nada fizermos, na metade deste século, a Terra pode aquecer, ela está perto de 2°C, mas, pode aquecer 4, 5, 6°C. E aí se diz que, com esse aquecimento, poucas formas de vidas vão sobreviver e grande parte da humanidade corre o risco de não poder se adaptar, de não enfrentar os efeitos perversos desta mudança e pode também desaparecer. Então, vejam o risco que nós sofremos.

O Papa teve consciência disso. Por isso, escreveu uma encíclica sobre cuidar da Mãe Terra, não para nós cristãos ou católicos, para a humanidade, para todos os seres humanos, lançando um alarme, dizendo: cuidado gente! Temos que fazer uma mudança nos nossos hábitos, porque se nós não mudarmos vamos ao encontro do pior. E o Papa cita um tópico da Carta da Terra lá no final, que é um documento que eu participei na sua redação junto com *Gorbachev* e outras pessoas, em



Terra como o solo, a gente pode comprar, a gente pode vender, pode cavar, pode fazer mil coisas. Terra como mãe, a gente ama, a gente defende, a gente cuida.

nome da Organização das Nações Unidas (ONU). Trabalhamos oito anos consultando quase todos os países para ver quais os valores e princípios são fundamentais para manter a vida do planeta. Então, ele diz: o destino comum, diz a Carta da Terra, o destino comum nos convida a um novo começo. Não diz uma reforma, é um novo começo. Esse novo começo exige uma nova mente e um novo coração. Uma nova mente é uma forma de entender a realidade, como a nossa casa que nós protegemos, nós cuidamos, a Terra não como um baú de recurso, mas, a Terra como nossa mãe. E a ONU já definiu isso, que todo dia 22 de abril, que era celebrado o dia da Terra, agora é o dia da Mãe Terra. Terra como o solo, a gente pode comprar,





a gente pode vender, pode cavar, pode fazer mil coisas. Terra como Mãe, a gente ama, a gente defende, a gente cuida.

Assim, devemos tratar a nossa Casa Comum que é o Planeta Terra, como a nossa Mãe. Então, temos que incorporar essa mente. Ter um novo coração, novo coração é uma nova sensibilidade, não é simplesmente conhecer os problemas. O Papa diz claro: devemos unir os dois gritos. O grito da Terra com os gritos dos pobres. Devemos sentir o sofrimento dos animais e das plantas como nossos sofrimentos, porque são nossos irmãos, são nossas irmãs.

Então, um novo começo, uma nova mente, um novo coração. Só assim nós garantiremos a sustentabilidade, isto é, nós garantiremos que a vida, todos os demais seres possam se reproduzir, possam continuar juntos conosco. Bom para nós, bom para os nossos filhos e nossos netos. Se nós não fizermos a lição de casa, eu tenho medo que nossos netos olhando para trás nos amaldiçoem. Dirão: vejam a terra que nós temos, a terra que nós herdamos, que nós temos que habitar. Vejam que alimentos quimicalizados temos que comer, vejam que água contaminada temos que beber, que solo envenenado temos que pisar, que ares poluídos temos que respirar. Vejam a péssima qualidade da nossa vida, porque nós não fizemos a lição de casa.



Nós não queremos ser amaldiçoados pelos nossos netos, pelos nossos filhos.

Queremos que nos abençoe e digam: vocês nos herdaram uma Casa que vale a pena habitar junto com os demais seres da criação. Então, a educação deve nos levar a essas coisas, nós conhecemos várias fases que toda a educação deve percorrer.

Nós não queremos ser amaldiçoados pelos nossos netos, pelos nossos filhos. Queremos que nos abençoe e digam: vocês nos herdaram uma Casa que vale a pena habitar junto com os demais seres da criação. Então, a educação deve nos levar a essas coisas, nós conhecemos várias fases que toda a educação deve percorrer. A educação é aprender a conhecer tudo aquilo que a humanidade acumulou, aprender a pensar, não só conhecer. Conhecer tudo está no Google. Agora, poucos pensam aquilo que está atrás dos conhecimentos. Geralmente, as novas invenções e conhecimentos não são para a vida humana, são para o mercado, para ganhar dinheiro e não para salvar vidas e tornar a nossa vida mais fácil.

Então, aprender a conhecer, aprender a pensar, aprender a fazer, fazer as coisas, construir nossa própria vida, defender as nossas necessidades básicas, aprender a ser, não só aprender as coisas que herdamos no passado, mas, criar a nossa identidade como cidadãos. Como pessoas humanas e educadas, nós podemos acumular conhecimentos a vida inteira sem nunca nos educarmos, sem nunca sermos mais cidadãos, mais solidários, mais humanos.

Continuamos egoístas excluindo os demais, desprezando os indígenas, marginalizando os afrodescendentes. Então, nós precisamos aprender a nos criar, a nós mesmos como seres humanos.

Temos que aprender a conviver com a diferença de tantos povos e tantas regiões como no Brasil, conviver com os nordestinos, com os indígenas, com os afrodescendentes, com os japoneses, com os coreanos, todos diferentes, mas, todos têm o mesmo sangue vermelho. Todos têm o coração que pulsa, todos têm a mesma inteligência que pensa, então, não podemos nos separar e excluir, porque somos de fato habitantes dessa única Casa Comum. Somos irmãos e irmãs uns dos outros e é preciso aprender a conviver.

Mas, se vivermos juntos é preciso acrescentar algo que eu considero fundamental em todo o processo de educação. Nós temos que aprender a cuidar, porque se nós não cuidarmos das coisas, elas vão se desgastando, vão adoecendo e vão morrendo. O cuidado é fundamental para todos os seres vivos, especialmente para os seres humanos. Se nós estamos aqui agora foi porque nossas mães tiveram o infinito cuidado quando nós nascemos, porque se fôssemos abandonados no berço não saberíamos como deixar o berço e buscar o nosso alimento. Em poucas horas, em dois dias, morreríamos. Mas porque elas tiveram o cuidado para nos receber, nos acarinhar, nos amar, por isso, estamos aqui, todos somos filhos e filhas do cuidado.

Cuidado é a essência do ser humano. Tudo que nós amamos, nós cuidamos, e tudo que nós cuidamos nós amamos e hoje nós temos que cuidar de tudo. Por isso a encíclica do Papa tem com o subtítulo "Cuidando da Casa Comum". Que essa Casa está virando uma tapera. Uma Casa suja, abandonada, cheia de lixo. Os habitantes que estão morando dentro estão brigando entre si, se guerreando, por cuidar da Casa Comum, cuidar da água, cuidar das plantas, cuidar de todos os animais. Porque tudo que existe, vive, merece viver, merece existir.

Então, o cuidado tem que ser incorporado em nós. Desde as crianças pequenas, cuidar do lixo, cuidar da água, cuidar da sacola na escola, cuidar do lápis, cuidar de tudo, cuidar da rua que atravessa, cuidar do jardim, cuidar da limpeza da escola, cuidar da nossa saúde, cuidar da nossa mente, cuidar do nosso coração para que não se encha de raiva e de ódio, mas, de bondade, de solidariedade. Então,

hoje é fundamental incorporar em todo processo de educação, porque isso vai garantir a esperança de um mundo melhor, porque nós cuidamos desse mundo. Então, cuidar de tudo. Sem o cuidado, as coisas não duram muito, tudo aquilo que nós cuidamos duram muito mais, desde a camisa, desde o sapato até a dentadura da boca.

Então tem que cuidar de tudo. Tem três pontos que eu acho importante. Isso eu li na última Carta de Antoine de Saint-Exupéry, vocês conhecem do livro "O Pequeno Príncipe", ele era piloto e deixou uma carta escrita ao general X. O avião dele caiu e descobriram a carta, que agora foi publicada. Ele disse: fundamental para os seres humanos - e era um pensador - ele se preocupava como o livro "O Pequeno Príncipe" mostra tão bem, se preocupava com o destino humano, que o ser humano precisa cuidar do mundo, do corpo, para que ele seja saudável, para que ele possa ter longa vida. Mas, não basta! Tem que cuidar do mundo da alma, para que ela seja habitada por anjos bons e não por anjos maus. Precisamos cuidar do mundo do espírito que é feito de solidariedade, de amor, de bondade, de compaixão e disse: "se nós tivéssemos cuidado do mundo do espírito, não teríamos essa guerra, a segunda guerra mundial, que matou quase cem milhões de pessoas." Então, hoje mais do que nunca, nós temos que cuidar do mundo do espírito. Então junto do cuidado, nós temos que cultivar uma espiritualidade da Terra. Ao abraçar a Terra, nós estamos abraçando Deus que habita esta Terra. Estamos abraçando as energias do espírito de Deus que atravessa e anima todas as coisas.

Cuidado é a essência do ser humano. Tudo que nós amamos, nós cuidamos. E tudo que nós cuidamos nós amamos e hoje nós temos que cuidar de tudo.



A espiritualidade não é monopólio das religiões, espiritualidade é uma dimensão de todo ser humano, que todo ser humano é feito de valores espirituais que é o amor, que é a amizade, que é a capacidade de perdão, que é a compaixão por aqueles que sofrem, capacidade de repartir coisas da vida. Tudo isso forma o mundo do espírito. Isso é o que é mais anêmico hoje, que mais deve ser resgatado e desse mundo do espírito nós descobrimos aquela energia poderosa e amorosa, que tudo sustenta, que tem muitos nomes, que chamam de Paulo, que chamam de Shiva, chamam de Alá, chamam de Javé, que nós chamamos de Deus. Chamamos Pai, Filho e Espírito Santo, que estão dentro dessa realidade, que estão no mundo do espírito.

A Ciência Moderna faz cinco, seis anos atrás, descobriu algo surpreendente para os próprios cientistas. Aqueles que cuidam do cérebro, os neurólogos verificaram o seguinte: sempre que o ser humano reza, fala de Deus, mostra o respeito para com as coisas sagradas, há uma vibração da parte do cérebro que vai de 7, 9, 11, 30 vibrações por segundo, enquanto a média é 7,9. Então dizem dentro do ser humano há um órgão, e eles chamaram esse órgão ponto Deus do cérebro. Não foram os teólogos, foram os cientistas que disseram: como temos um órgão externo, como os olhos para ver, ouvidos para a ouvir, a pele para sentir, temos um órgão interno que percebe a presença de Deus misturadas nas coisas, ligando e religando todas as coisas.

Como uma energia que está dentro de nós, que nós podemos invocar, venerar, amar, porque nós sentimos, na palma da mão, desse Deus, que partindo de Deus é sentido. Deus não está só nesse ponto do cérebro, mas, é a partir dele que nós percebemos sua presença em todas as coisas. Então significa que a espiritualidade tem uma base biológica, tem uma base antropológica, está dentro dos seres humanos, e as religiões vivem dessa experiência.

Primeiro, vem a espiritualidade, depois vêm as muitas religiões. Então hoje é importante que nós, junto com as coisas todas que temos que incorporar, incorporar esses valores espirituais,

A espiritualidade não é monopólio das religiões.
Espiritualidade é uma dimensão de todo ser humano, que todo ser humano é feito de valores espirituais que é o amor, que é a amizade, que é a capacidade de perdão, que é a compaixão por aqueles que sofrem, capacidade de repartir coisas da vida.

porque nos torna mais humanos, mais sensíveis, mais respeitadores da Terra, de tudo aquilo que Deus nos entregou para cuidarmos, para sermos os sacerdotes da criação, que louvam a Deus pela grandeza de tudo aquilo que ele nos deu.

Eu, antes de terminar, já estou terminando, não é? Eu quero apresentar o livro que saiu ontem. Demorei treze anos para escrever esse livro. Atrás dele tem uma biblioteca de cientistas que se chama "De onde vem?"

De onde vem e todo mundo pergunta isso, de onde vem o céu? De onde vêm as estrelas? De onde vem o universo? De onde vêm o Sol e a Terra? De onde vem a vida? De onde vem a vida humana? De onde vem o espírito? De onde vem Deus? Esse livrinho é uma joia de ilustrações, belíssimo! Eu escrevi pensando em vocês todos, especialmente, os professores.

Para ter uma visão mais completa, mais holística, que a gente chama o novo paradigma, a nova visão que já tem um século de existência, que ficou nas universidades, mas tem que chegar nas escolas, eu o fiz na linguagem mais simples que pude, belissimamente ilustrado. Nós estamos vendendo aqui pela metade do preço, porque vocês merecem, poder debruçarem-se neste livro, passar adiante aos estudantes.

Eu quero terminar, que logo em seguida vem outra palestra e eu não quero por hegemonia, monopolizar o tempo. Nós vivemos tempos de

ncia

Noé. Sabe que Noé se dava conta de que vinha um tsunami, viria o dilúvio, e começou a construir uma arca salvadora, mas, ninguém acreditava, brincava um casal, brincava um segundo casal até que veio a grande inundação.

O grande filósofo da Dinamarca, os que estudam filosofia e pedagogia sabem Søren Kierkegaard, conta a seguinte e pequena história e com isso quero terminar, mas, que ela não seja negativa como a história disse. Havia uma sala como essa, de teatro, lá atrás as cortinas pegaram fogo. E o palhaço que estava pronto recebeu uma ordem do diretor do teatro, que diz: vai lá na frente chamar o pessoal para ajudar a apagar o fogo! E o palhaco foi: gente, por favor, venha ajudar a apagar o fogo! O pessoal dizia: Que palhaço interessante! Ele gritava desesperado... venham, senão vocês vão todos se queimar. Está fazendo muito bem o seu trabalho, e riam e mais que riam, mas, não foram lá atrás. O fogo invadiu o teatro, queimou todo mundo, queimou a região toda até a vila vizinha. E aí que vem a filosofia: eu não guero imaginar o mundo onde as pessoas são alertadas sobre o fim trágico que elas podem produzir e elas, sem consciência, sem solidariedade, vão ao encontro da sua própria morte. Este destino nós não queremos! Deus nos chamou para a vida e mais vida! Todos nós, um dia, estávamos juntos nas grandes estrelas vermelhas, somos filhos e filhas das estrelas, e, se somos filhos das estrelas, significa que nós fomos chamados para brilhar e não para sofrer.

Nós temos que brilhar em bondade, solidariedade, em amor e cuidado, cultivando a esperança de criar um mundo diferente e novo. Com um novo tipo de pessoas, novo tipo de mulher, um novo tipo de educação. Tudo isso é um desafio para a nossa geração e é urgente! Criar as bases para que o novo surja!

Nós temos que brilhar em bondade, solidariedade, em amor e cuidado, cultivando a esperança de criar um mundo diferente e novo. Com um novo tipo de pessoas, novo tipo de mulher, um novo tipo de educação. Tudo isso é um desafio para a nossa geração e é urgente! Criar as bases para que o novo surja! Cada um de nós deve se entender como uma semente. A semente tem dentro dela tudo. Tem as raízes, o tronco, a copa, as folhas, as flores e tem os frutos. Cada um de nós é isso. Então, nós podemos ser essa semente que vai se abrir e vai criar esse mundo novo, porque esse é o desejo do próprio Criador, e é também o sentido de toda a evolução. Muito obrigado!

2 de dezembro de 2016

Nós vivemos tempos de Noé. Sabe que Noé se dava conta de que vinha um tsunami, viria o dilúvio, e começou a construir uma arca salvadora, mas, ninguém acreditava, brincava um casal, brincava um segundo casal até que veio a grande inundação.



As mulheres na luta por educação

Machismo, sexismo, violência, misoginia, igualdade de gênero e negação de direitos às mulheres, inclusive, em decisões que atentam ao seu próprio corpo.

Esses temas que possuem impactos diretos e devassadores na vida de milhares de mulheres brasileiras foram abordados no dia 2/12, durante a Conferência Estadual de Educação.

A Consultora, especialista em Políticas Públicas voltadas para as Mulheres, Aparecida Gonçalves, no painel "O protagonismo das mulheres na luta por educação" alertou sobre a importância de ampliar esse debate, levando-o para as salas de aula, para os encontros sociais e trabalhistas, especialmente, quando se tratar do feminicídio.

A característica do feminicídio, segundo ela, é a crueldade e esse problema não pode ser tratado como coisa simples. O Brasil é o quinto país no ranking mundial de assassinato de mulheres. "Esse é um crime que não mata apenas o corpo, mas, a identidade da mulher. E se não levarmos essas questões para o debate dentro dos sindicatos, nossas lutas serão perdidas."

Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostra que as mulheres que sofrem violência faltam sete vezes mais no trabalho e, com isso, têm dificuldades de ascensão na carreira.

Ela também falou da criação, nos últimos dez anos, de instrumentos que ajudam a identificar e a combater essa violência contra a mulher, citando os juizados especiais de violência doméstica, as promotorias e as defensorias públicas, a Lei Maria da Penha, entre outras iniciativas, que garantiram às mulheres o acesso à justiça.

Desafios

Mas, se por um lado, os avanços são notórios, por outro, percebe-se que ainda há muito por fazer. Dos 5.600 municípios brasileiros, somente em cerca de 10%, existem serviços especializados (delegacias e centros especializados) de atenção à mulher vítima da violência. "Existe uma polícia que bate e maltrata trabalhador e existe uma mídia que se silencia diante disso. Portanto, precisamos fazer o papel educativo de denunciar esses casos de agressões e apostar na mídia alternativa e nos nossos canais de mobilização."

Aparecida Gonçalves lembrou ainda que o Brasil mata mais que os países em guerra e que, aqui a mulher ainda é tratada como objeto; mulheres e meninas são condenadas ao estrupo e a toda sorte de violências . "É por isso que estamos juntas com as mulheres da Bolívia, da Argentina e de toda a América Latina, marchando pra viver, por nenhuma a menos!"

Gênero versus ideologia

Outro olhar a se fazer, com inversão de valores, diz respeito ao conceito de gênero, que não pode, segundo ela, ser confundido com ideologia. Ao construírem essa relação equivocada há uma intenção clara, na sua visão, de reafirmar paradigmas que reproduzem o pensamento machista de que às mulheres cabem o papel de "cuidadoras", enquanto os homens são preparados para assumir o poder.

Acompanhe, a seguir, a sua palestra na íntegra.





Conferência – O protagonismo das mulheres na luta por educação!

Palestrante - Aparecida Gonçalves

om dia! Bom dia mulherada! Bom dia homens! Eu Dqueria agradecer por estar aqui, nessa conferência de educação. A Feliciana que me convidou, a gente esteve juntas no Encontro da Rede de Mulheres de Educação da América Latina e do Caribe. Quero iniciar a minha fala, se me permite a composição da mesa, me apresentando. Eu faço questão de iniciar dessa forma, porque acho que nós não podemos negar nossa história e nós não podemos jogar ela por baixo do tapete. Eu, durante a minha vida, fui militante do movimento de mulheres e fui feminista. Eu participei do governo Zeca do PT nos primeiros guatro anos do seu mandato e eu fui para Brasília, em 2003, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para construir políticas públicas para as mulheres desse país. Quero dizer que figuei treze anos, passei pelos dois governos do presidente Lula e passei pelos dois anos da presidenta Dilma. Quero dizer aqui que, no dia 17 de maio, eu saí, assim como os meus parceiros saíram, pela porta da frente, porque nós não temos vergonha de ter feito um governo democrático, nós não temos vergonha de ter mudado esse país. Nós construímos nesses treze anos o que ninguém fez para a classe trabalhadora. Quero dizer isso porque é assim que nós construímos a história. Nós não estamos com medo e nós não estamos com vergonha. A vergonha não faz parte do nosso processo. Vergonha tem que ter quem fez o golpe nesse país, quem está fazendo a vergonha que nós estamos passando na frente do mundo e da classe trabalhadora. Portanto, tenho dito isso em todos os lugares que eu vou. Eu não posso e não vou negar aquilo quem eu fui. E vou lutar até o fim pela democracia, pelos direitos dos trabalhadores e pelo direito das mulheres. E é assim que nós vamos construir esse país. Nós só acreditamos que é possível um novo país, efetivamente, construir as relações de raça e de gênero que nós gueremos, se for a partir da democracia. Nós não queremos nenhum direito a menos, nós queremos todos os direitos a mais. Portanto, eu guero iniciar me apresentando, dizendo guem eu fui, para que nós possamos saber de que lugar eu vou fazer as reflexões, efetivamente aqui.

A nossa fala é uma fala que vem pensar um pouco a questão importante que eu acho que foi colocada que é o protagonismo das mulheres na educação. Eu acho que isso é importante, a minha ex-ministra vai falar mais



sobre essa guestão da educação, mas, eu vou trabalhar os temas que nos aflige na educação efetivamente. Nós precisamos enfrentar algumas coisas que são importantes e estratégicas. Mas eu também não posso deixar de colocar algumas coisas, que para nós são importantes.

Primeiro: de que forma as mulheres lutaram e têm lutado efetivamente no mundo e no nosso país?

Nós tivemos três momentos fortes. O primeiro que é a luta pela democracia, que é a luta pelo direito ao voto. Só em 1.932 que as mulheres vão ter o direito ao voto.

Na questão da Educação, nós só vamos ter acesso à educação, quando a Nise, efetivamente quem não assistiu ao filme "Nise - O Coração da Loucura", por favor, assista, é importante para que a gente possa entender quando ela cria a escola das mulheres. Então nós só vamos ter a história das mulheres na Educação e na luta no Brasil muito recente, na luta pela democracia. Então esse é o primeiro momento. É a luta então, pelo voto, pela educação e pelo direito ao trabalho. São três momentos que são três questões fortes do primeiro século, do primeiro momento de luta.



Nós vamos ter um segundo momento da luta das mulheres que nós vamos ver na década de 60, quando vêm os contraceptivos de emergência, a pílula do dia seguinte, quando vem efetivamente a liberação sexual. Quando nós começamos a discutir e iniciar o debate sobre o acesso ao nosso corpo. Sobre o direito da nossa sexualidade, sobre o direito de exercer a nossa sexualidade, livremente, que entra na discussão do não casar virgem, da política do casamento virgem e entra na discussão da estrutura e do acesso ao corpo.

E vamos ter um terceiro momento mais recente, que é a luta das mulheres na luta sindical. As mulheres vêm, conseguem um mercado de trabalho e vêm para a luta sindical e, mais recentemente, nós não podemos deixar de dizer a luta pelo empoderamento. A luta pelo acesso ao poder que tem sido o debate que nós temos feito no Brasil e no mundo. Então são momentos importantes na luta das mulheres e todos esses momentos vão coincidir com a questão da educação.

Eu queria dizer que, no ano de 1.827, surge a primeira Lei de Educação das Mulheres, que permite às mulheres irem para a escola efetivamente. Mas, elas só vão frequentar as escolas elementares. Muito tempo depois é que elas irão para a faculdade e para a universidade. Só quero dizer isso para que a gente possa depois ir trabalhando e pensando sobre o nosso papel, como é que nós chegamos e como que nós estamos hoje, efetivamente na educação.

Na questão da luta, nós precisamos trabalhar alguns elementos. Primeiro: é importante que a gente diga que mesmo na área de educação e a educação para mim, quando eu falo - educação - eu gueria dizer duas coisas. Quando eu trato de educação e principalmente de cultura e de mudança de comportamento, eu não estou falando só de responsabilidade da escola não. Porque, para mim, nós temos uma educação que acontece na sala de aula, que é de responsabilidade dos professores, mas, nós temos que ter uma educação que é comportamental da sociedade brasileira, que tem que ser de toda a sociedade, quer na escola, quer na casa, quer na igreja, quer na associação, quer nos sindicatos. Então a educação perpassa os diversos espaços políticos que nós estamos, assim como a questão da cultura, e cultura não é só o artista.

Ontem, o Tico foi muito feliz na fala dele. Mas, a questão da cultura, do ser artista, e toda forma de pensamento que nós temos e como nós reagimos a ela. Se nós somos educados para sermos submissos, então, assim, efetivamente, quando eu penso trabalho e falo de



educação e cultura eu estou falando de todos esses elementos, mas, falo também e vou falar do papel da escola e da educação na escola. Nós temos na verdade no nosso país, e é importante que nós tenhamos conhecimento e saibamos disso, do que nós falamos com relação à desigualdade entre homens e mulheres.

Nós temos uma diferença salarial. Foi divulgada uma pesquisa pelo IBGE e pelo IPEA, em 2012, que coloca que as mulheres ganham em média, no Brasil, R\$12mil e os homens R\$ 20,6 mil, que dá uma diferença salarial de R\$ 8.600,00, e é disso que nós estamos falando quando nós falamos em diferença. Nós sabemos de que forma acontece a diferença salarial em diversas formas. Nós podemos até dizer que professor ganha tudo igual. Ganha! Mas, quem está mais nos cargos de direção? Funcionário público ganha igual, mas, quem é o chefe da repartição? Então qual é a condição para que as mulheres subam na sua escala de trabalho e tenham espaço de poder. Essa é que faz a diferença. As mulheres estão na base do teto salarial, dificilmente, elas têm um salário maior e nós vamos descobrir depois porque, quando eu for falar da violência.

Eu acho que é importante a gente dizer que fora a diferença salarial, nós temos um outro problema que nós vamos trazer para as mulheres e que afeta diretamente as nossas vidas, que é a questão do uso do tempo. Efetivamente, a gente diz o seguinte: Ah, eu trabalho, né? A gente trabalha... trabalho é igual. O nosso golpista tem falado muito isso para mudar a Previdência. Não, mas, as mulheres têm que ganhar o mesmo teto que os homens. Mas, vamos lá, vamos refletir sobre isso.

Segundo pesquisa do IBGE, das mulheres de 10 a 17 anos, 82% dessas meninas cumprem função dentro de casa, e apenas 45% dos meninos têm alguma tarefa dentro de casa. Entre as mulheres, de 25 a 49 anos, e os homens nessa mesma faixa etária, entre os homens 54,2% dizem que eles ajudam nas tarefas de dentro de

Revista Pedagógica - Sind-UTE/MG e você tem muitos helicópteros por cima, para submeter e para fazer com o que o povo que tivesse lá protestando recuasse e se submetesse.

casa, eles ajudam. E entre as mulheres, elas são 94,5% que têm as tarefas dentro de casa. Então elas trabalham, ainda chegam e têm toda a reponsabilidade da tarefa. E entre 50 a 59 anos, nós quase chegamos a 100%, enquanto os homens continuam com 54,2%, as mulheres sobem para 96% das tarefas de dentro de casa. Segundo esse mesmo estudo do IBGE e da OIT, as mulheres trabalham muito mais que os homens. Os homens trabalham 43 horas semanais e as mulheres trabalham 52,90 horas semanais. Portanto, nós temos uma diferença grande de 11 horas a mais trabalhadas pelas mulheres, que é a tarefa do cuidar, que a gente não pensa e não contabiliza, que é colocar o filho para ir para a escola, que é arrumar casa, arrumar a louça, é no final de semana estar cuidando de tudo, né? Então efetivamente, nós mulheres, além de termos um salário menor, ainda por cima, trabalhamos mais que os homens. Portanto, essa desigualdade é fundamental para que nós possamos pensar de que forma nós estamos pensando na sociedade e as relações entre homens e mulheres, tanto na escola, quanto em casa, quanto na sociedade.

Portanto, a violência é a maior forma de submissão e garantia que o outro se submeta. Foi assim na época da escravidão que submeteram os negros a serem escravos. É assim o tempo todo e é assim dentro de casa, e é assim na sociedade. Portanto, eu queria fazer essa reflexão.

Eu quero trazer um outro elemento que a gente precisa pensar e eu quero entrar nas questões que são fundamentais para mim, que é minha especialidade, que é a questão da violência. Porque eu quero dizer isso? Porque nós precisamos pensar todo o processo. A educação é estratégica, não é à toa que eles não quiseram discutir dentro do Plano Nacional de Educação a questão de gênero e não é à toa que eles não querem discutir algumas questões importantes para nós. Efetivamente, porque discutir gênero e eu quero dizer aqui, me desculpe quem fala besteira, porque é besteira, não existe ideologia de gênero, existe o conceito político constituído pela luta das mulheres e pelo movimento feminista que faz com que discuta a desigualdade entre homens e mulheres. Não é ideologia, não é ideologia. É conceito, e conceito você debate a partir da prática dos estudos, você debate a partir da realidade e de dados concretos. Conceito trabalhado em cima dos números que eu coloquei aqui.

Eu não posso deixar de começar esse debate não falando sobre as questões que nos trazem, que nos colocam desafios novos e desafios antigos. A violência sempre foi a forma que nós temos de submissão. De alguém que submeteu ao outro. Eu sempre usava o exemplo da invasão dos Estados Unidos no Iraque. Eu sempre digo que é bom a gente ver aquele vídeo e eu falo dele porque ele tem no Youtube. Então guem acompanha Youtube, entra no Youtube vamos ver o que os Estados Unidos fizeram com o Iraque. Ele entrou pelo ar, com as aeronaves soltando bombas. Ele entrou por terra com os homens andando, e ele entrou pela água. Entrou de todas as formas, jogando bomba e matando. Essa foi a invasão. E é assim que você submete um povo, e assim que você garante a submissão efetiva de toda uma nação. E é assim também na vida privada e qualquer outro lugar. Mas eu quero falar também do que a Polícia Militar de Brasília fez essa semana com os trabalhadores que estavam em Brasília.

Portanto, não existe e nós precisamos dizer isso, não existe ideologia de gênero, o conceito trabalha as questões da importância das questões de homens e mulheres serem iguais. E que forma é que a sociedade brasileira estrutura efetivamente, todo o comportamento de homens e mulheres para possam cumprir a função que eles querem que a gente cumpra. Homens de azul, mulheres de rosa. Homens no espaço público, mulheres no espaço privado, homens chefes e todos poderosos e as mulheres em casa lavando e passando, que é o que esse governo golpista está falando. Que lugar de mulher onde é que é? Qual que é a frase? Bela, recatada e do lar. É aí que querem mandar

A forma com que a Polícia Militar atuou lá e eu coloquei no meu Facebook, ela entrou como uma praça de guerra. Você vai ter imagens, em que você tem a cavalaria de um lado, você tem o pelotão de choque de outro por todo o processo, você vai ter a Polícia Militar por todos os lados,





as mulheres, é por isso que eles estão dizendo que gênero é uma ideologia e não um conceito político. Gênero é um conceito político, nós temos que discutir, efetivamente, porque isso passa pela escola, quando a gente manda a menina apagar a lousa e o menino a fazer outras coisas pela escola, quando nós determinamos nas leituras quais são os papéis das mulheres e quais são os papéis dos homens. Ou como muito anos existiu e eu espero que não volte a história de que você tem a mulher levando a criança para a escola e de preferência uma empregada negra de avental, né, dando comida para a criança e a menina ali estudando e o menino com caminhão. Portanto, a discussão e o conceito de gênero trazem esses elementos que são estratégicos para a sociedade, que as meninas têm que estar nas ruas como estão hoje ocupando as escolas, são elas que lideram as ocupações nas escolas e que ajudam a construir uma nova política. É isso que nós temos que entender e que nós precisamos saber quando nós discutirmos o conceito de gênero, nós estamos discutindo dentro de que lugar que nós estamos e aí o movimento de mulheres, a resistência do movimento de mulheres, tem sido fantástico desde o Projeto de Lei nº 5.069/2013, que são as mulheres que começaram a ir para a rua.

Foi o movimento das mulheres e as meninas que foram dizer que nós não aceitamos que aquele projeto passasse, que é um projeto que criminaliza os profissionais de saúde que vão atender as pessoas que tiveram algum tipo de violência sexual e que fizeram aborto, que acaba com a pílula do dia seguinte, com todo o processo de contraceptivo de emergência que no Brasil é uma política que deu certo. Olha os dados que nós temos que o IPEA coloca para nós. São 500 mil estupros por ano no nosso país. 500 mil! Eu pergunto para vocês, a maioria aqui são professores: em quantos municípios no Brasil nós temos 500 mil habitantes? Não chega a 70, seria um município de 500 mil habitantes sendo estuprado por ano no nosso país. E como é que nós não vamos discutir método contraceptivo de emergência, como é que nós não vamos fazer esse atendimento? E na delegacia são só 50 mil, são 10% que vão para a delegacia fazer denúncia e nós sabemos porque, eu não preciso inventar história, nós sabemos. Na delegacia, as mulheres vão ser criminalizadas de novo, vão ser chamadas de putas. Nós acompanhamos o caso da menina que foi estuprada por 30 homens no Rio de Janeiro. O que aquele delegado fez? Além de levar o namorado ainda ficou perguntando e criminalizando ela. Vamos ver a menina de Paraopeba, que ficou numa cela com 30 homens e foi estuprada. O que fizeram com ela, porque ela era puta ou porque ela usava droga. Portanto, mais uma vez, são as mulheres que são criminalizadas.

E porque que eu estou trazendo isso? Porque nós precisamos pensar que estas coisas estão nas escolas. Nesses três últimos anos o debate sobre a questão do estupro na faculdade tem sido muito forte, principalmente, nas áreas de Medicina e de Direito que é onde a burguesia se encontra. E nós vamos ver agora, em Campinas, um estudante receber o diploma de médico, mesmo tendo sido acusado de estupro por 22 meninas. Porque? É branco, filho de gente famosa, em São Paulo, tem poder econômico e ninguém tem coragem de ter uma atitude efetivamente. Nós precisamos acompanhar o que acontece nas escolas, nós precisamos acompanhar o que acontece nas universidades e esse é um debate estratégico que nós precisamos fazer. A violência não acontece na rua, ela está mudando o caráter. A violência sexual mudou a cara nesses últimos anos, porque ela acontecia num lugar escuro, onde não tinha luz, onde a menina estava sozinha. Hoje não, hoje ela é coletiva, em espaço público, inclusive, no transporte público. Então efetivamente nós precisamos encarar essa realidade e quem é que está sendo estuprada? São as nossas alunas, são as nossas filhas, são as nossas amigas e as nossas vizinhas. E não vamos dizer que isso acontece com o outro porque, na verdade, basta o que Simone de Beauvoir já dizia e a Heleieth Saffioti reforçava, basta você nascer mulher, você já está com uma tendência, você já tem 90% de chance de sofrer violência.

Qualquer mulher já corre o risco de sofrer violência pelo fato de ser mulher. Em 2015, nós tivemos a campanha "Mulher: Viver Sem Violência" e a presidenta Dilma sancionou a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/15). É importante a gente discutir a Lei do Feminicídio, é importante nós sabermos o que é essa lei e a diferença que está colocada. Porque ela não é simplesmente uma troca de verbo que os deputados quiseram fazer com a gente: mas, vocês só guerem trocar homicídio por feminicídio, né, para ser mulher? Não, feminicídio também tem um conceito que é a questão da crueldade. Porque as mulheres, primeiro, morrem dentro de casa, os homens morrem na rua por motivos diferentes, os homens morrem por assalto, por droga, por futebol e por bebedeira no bar. É assim que os homens morrem. As mulheres morrem dentro de casa, pelos seus maridos, pelos seus companheiros. O lugar que é seguro para os homens é o lugar da insegurança para as mulheres. Os homens querem chegar em casa e as mulheres não conseguem chegar com segurança. Essa é a realidade que nós vivemos. E para as crianças e para os nossos alunos, o que isso representa? Eu sempre digo, a gente trata como uma questão distante, mas, não é. Porque uma criança que vê isso e os dados do 180 eles dizem o seguinte:

Revista Pedagógica - Sind-UTE/MG

eles dizem que das mulheres são 22 mil ligações/dia. Das mulheres que ligam e falam que sofrem violência, 57% dos filhos assistem a agressão, 23% sofrem a agressão junto. Esses são os dados do 180. E o pior de tudo isso, elas dizem que a agressão e a violência são todos os dias, todos os dias. 54,3% declaram no 180 que sofrem violência todos os dias. Eu comecei uma marcha pelo Brasil dizendo que se você sofre violência todos os dias deixa de ser violência e passa a ser tortura, porque você não sabe o que vai acontecer com você quando o seu agressor chegar. E não venham com discurso de autor de violência, porque para mim não é autor, é agressor, agride, violenta e mata. E o feminicídio tem uma característica que é muito importante: a crueldade! Você vê a mulher ser morta. E eu dizia lá na secretaria, Nilma deve ter me ouvido umas 500 vezes, que para quem quer matar, duas facadas matam. Mas, não, as mulheres estão morrendo com 54 facadas, com 30 facadas. Você sabe o que é uma pessoa morta e você continuar esfaqueando mais 50 vezes, mais 30 vezes? Você sabe o que é dar um tiro no coração e na cabeça, mas, não basta! Você tem que dar um tiro na vagina, você tem que desfigurar o seio, você tem que estuprar, você tem que acabar com a identidade pelo rosto, com todo o corpo da mulher. Então feminicídio na verdade é um crime que mata a identidade da mulher, não mata apenas o corpo. Mata a identidade feminina, o sexo feminino daquela mulher. É disso que nós estamos falando. E é pelo fato dela ser mulher. Não é um crime que simplesmente acontece porque não é passional e essa é uma outra discussão, não existe crime de paixão, não existe. Porque se fosse isso tinha muitos mais crimes no meio da rua por outras coisas. Não é paixão, a maioria são premeditados, a maioria das mulheres disseram que foram ameaçadas, eles sabiam o que iam fazer. Portanto, o feminicídio é um crime do ódio, porque só alguém com muito ódio pode dar 24 facadas. Só alguém com muito ódio para desfigurar um outro ser humano, só alguém com muito ódio para tirar a identidade de uma outra pessoa. Portanto, feminicídio é isso e nós não podemos tratar como uma coisa simples.

Nós temos 13 mulheres que morrem por dia. O Brasil é o 5º no ranking que mais mata mulher no mundo, nós matamos mais que os países em guerra. Então efetivamente, nós temos que pensar nessa perspectiva.

Eu queria dizer que a violência também tem um custo e o custo não é simples, as mulheres terminam pagando por esse custo. Nós temos a violência às mulheres e a gente vê porque acha que não é com a gente, né? Eu fui a um sindicato da educação no interior de Mato Grosso do Sul para gente fazer uma conversa, de como era que as professoras e os professores trabalhariam com a violência contra a mulher na escola. E para mim foi uma surpresa porque, na verdade, a gente teve que trabalhar como o sindicato trabalharia a violência contra a mulher com as suas pessoas. Porque a grande maioria das professoras que estavam lá já tinham sofrido algum tipo de violência ou dentro de casa, ou assédio, assédio moral, assédio sexual, qualquer tipo de violência, aqui não estou falando só violência doméstica não, estou falando qualquer tipo de desafio.

Portanto, eu coloquei como desafio e quero colocar agui para o Sind-UTE/MG também, que é importante o sindicato trabalhar com isso dentro da sua categoria também. Que a gente faça essa discussão por dentro. Para que nós possamos, de fato, ajudar as mulheres, ou as mulheres que sofrem violência dentro da categoria, ou ajudar a construir uma outra relação como os alunos que sofrem violência. É estratégico para nós. Porque se a violência que se submete, é ela que nós temos que enfrentar. Não quer dizer que ela seja menor do que as outras violências que estão colocadas, porque aí a violência ela veio na questão de gênero através da violência contra a mulher, mas, ela vem através da força da polícia militar ou ela vem, mas, ela vem como violência. Essa é a grande questão que está colocada.

Eu queria dizer dos impactos. Na maioria das vezes, as mulheres que sofrem violência tem muitos problemas de saúde. Faltam muito no emprego. Elas não chegam, efetivamente. Nós temos uma pesquisa na Organização Mundial de Saúde que diz o seguinte: as mulheres que sofrem violência e ficam machucadas, elas faltam 7 dias no trabalho, 7 dias. Portanto, essa mulher tem muito menos chance de subir na carreira, portanto, ela vai estar abaixo sempre nas questões da desigualdade. Ela sempre vai ter problema de saúde. Ela vai ter taquicardia, ela vai ter problema de intestino irritado, ela vai ter problema na coluna, ela vai ter dor de cabeça e uma serie de sintomas da saúde, na saúde que é consequência da violência contra a mulher. E muitas vezes, nós ainda dizemos: essa pessoa é chata, só vive doente, só vive reclamando. A gente precisa olhar, o Leonardo Boff acabou de dizer, a gente tem que cuidar, a gente tem que prestar atenção, a gente tem que ouvir e perceber o que está acontecendo com quem está no nosso meio. E esses elementos são elementos que fazem com que a mulher perca seu emprego. Porque ela nunca sobe ou então ela perde o emprego, ela é demitida. Aí ela vai passando de emprego a emprego até virar simplesmente faxineira e não consegue se fixar. Então, na questão da saúde tem isso. E na questão da economia, na linha da desigualdade nós



vamos ter: as brancas, né? Nós vamos ter as negras e nós vamos ter as brancas que sofrem violência e as negras que sofrem violência mais abaixo ainda, porque na maioria das vezes, são as negras que estão abaixo desse processo todo. Portanto, na questão econômica, além de ter um custo de 10% do PIB mundial, a violência contra a mulher, nós ainda vamos ter um alto custo econômico no impacto econômico da sociedade brasileira. Porque uma pessoa que não produz o que poderia produzir por causa da violência, essa é uma baixa produção econômica, e não é só econômica, porque eu acho que a produção política, a produção da intelectualidade, da capacidade, da cidadania, são milhões de cidadãs que são tiradas da rua cotidianamente pela violência. Esse é um elemento que eu queria trazer. E já para começar encerrar, porque eu não posso deixar de falar, eu tenho um monte de coisa, mas, depois pode ser que vocês perguntam. Eu tenho que falar dos desafios, porque eu acho que é esse o meu papel, né? Eu acho quem nós precisamos fazer alguns desafios.

Um desafio na minha avaliação é que, para nós mulheres, o custo do que está acontecendo como golpe, porque não foi um golpe só para tirar a Dilma, foi um golpe para perder todo o processo político construído nesses 13 anos. É um golpe para mudar os rumos, políticos e econômicos. Então nós vamos ter o processo da discussão sobre fundamentalismo. Nós precisamos discutir o abuso do fundamentalismo. E agui, eu não quero falar só sobre o fundamentalismo religioso não, porque fundamentalismo, ele é político, ele é religioso, ele é ideológico, porque senão a gente vai dizer: ah, mas, as igrejas, mas as igrejas, não é a igreja. O que nós estamos vendo é um processo que está sendo colocado em toda a sociedade e nós temos que disputar isso, porque o fundamentalismo é aquele que efetivamente esmaga o direito de ser cidadão e para as mulheres é pior ainda. Porque a gente vai voltar... e olha aí, nós tivemos a decisão do Barroso no STF, que colocou a questão, ele nem disse que é para fazer nos três meses, ele disse que num caso que foi julgado, a mulher não poderia ser condenada, ser presa, por questão do aborto. E um aborto legal, nesse caso, não era nenhum outro, era um aborto garantido em lei. Portanto, nós temos, a celeuma que está nas redes sociais, âmbito nacional, e o congresso já se organizando para alterar a decisão que o Barroso teve no STF, xingando ele. Veja bem, é uma questão de discutir o nosso corpo, é uma questão de definir, e aqui não é só o corpo das mulheres não, dos homens também, porque eu acho que quando a gente fala algumas coisas, a gente está falando para mulheres, não nós estamos falando para homens e mulheres, nós temos que rever papel de homens e Nós temos desafio para fora que é enfrentar a sociedade; para dentro é a gente repensar as lutas sindicais, as pautas sindicais, considerando que o Brasil é um país classista, machista e racista.

mulheres. Nossos homens, eles têm que ir para dentro de casa, e tomar conta da casa. Eles precisam efetivamente, dividir as tarefas junto com suas companheiras, os nossos homens precisam ter uma outra postura política, e de conceito frente as companheiras do trabalho. Não podemos ser nós a fazermos assédio, não podemos ser nós a ficarmos cantando ou fazendo piadinha, porque são essas coisas que homologam o machismo, o sexismo, o patriarcado e o racismo do nosso país. São elas que garantem efetivamente, a continuidade disso. Então isso para mim, é um desafio. Enfrentar os debates sobre fundamentalismo, enfrentar essa discussão. Nós precisamos também fazer uma outra discussão, que é a questão do programa de desmonte de direitos, que nós já estamos começando a reagir com a PEC 55, mas não é só isso. Toda política que nós fizemos de enfrentamento contra as mulheres está sendo rediscutida, o dinheiro para a manutenção da casa da mulher brasileira, lá de Campo grande, sumiu, e a casa está para fechar. Gente, são 1600 mulheres atendidas naquela casa. Portanto, você não vai ter uma política de investimento para as delegacias especializadas de atendimento à mulher, para o juizado, para as defensorias, para as promotorias. É disso que nós estamos falando, o desmonte como um todo.

Assim como nós precisamos de campanha para reeducar a nossa sociedade, tanto para homens como para mulheres, para falar sobre seus direitos. Porque sem informação, me desculpa, mas, ninguém enfrenta o que vem por aí.

E eu sempre conto uma experiência que nós tivemos no 180. Uma senhora ligou no 180 e colocou o caso dela, a atendente disse, olha: o caso dela é Maria da Penha, vai ser enquadrada em tal artigo, a senhora vai lá na delegacia e faz isso. A mulher pegou o caso foi para a delegacia, o delegado pegou o caso e disse: isso não cabe a Maria da Penha não. Você pode ir embora, vai para outro lugar, não cabe Maria da Penha nesse caso. Ela pegou o

Revista Pedagógica - Sind-UTE/MG

celular dela, ligou para o 180 de volta e disse assim, olha, vocês disseram que é um caso da Lei Maria da Penha e o delegado disse que não é, que é para eu ir embora, vocês falam com ele? A atendente falou. Ele nem ouviu a atendente, ele desligou e fez o boletim de ocorrência por que era Maria da Penha. Então ela só enfrentou o delegado, porque ela tinha informação segura e ela acreditava naquela informação. Então informação para nós é importante, é estratégico, porque quando eu tenho conhecimentos dos meus direitos, eu luto por eles, eu brigo por eles, eu vou para a rua por eles, é isso que nós temos que fazer. Nós temos que brigar, enfrentar e informar a população. Nós precisamos informar para que a população fique junto com a gente.

Eu quero dizer uma outra coisa, que é questão da concepção política, que está colocada, que eu já falei, mas, que eu guero voltar aqui, agora, como desafio. Essa concepção da mulher recatada, bela, e do lar, acaba com todas as brigas e com todos os processos. Porque bela é a loira né? De olhos azuis, não é uma negra né? Não vai ser uma negra. A recatada não vamos ser nós. Ninguém que está nessa sala aqui das mulheres vai ser recatada, porque trabalha, porque vai para a rua, né? Então, porque recatada é aquela que fecha a perna, como é que a gente foi educada? Fecha a perna menina, não fala alto menina, não dê risada menina, não vá para o bar beber né? Nós somos a que veio para a festa ontem, as que vamos para o bar. Nós somos aquelas... tem outras que não fazem isso, mas fazem outras coisas e vão para a luta, vão para a rua, vão para Brasília, vem para cá, essa mulher que eles querem acabar, é essa mulher que eles querem mandar de volta para a cozinha. É essa mulher que nós temos que dizer que não voltamos não. Desculpa ai, mas, nós já tivemos a primeira mulher presidenta, nós não vamos voltar para a cozinha não. A gente até vai porque gosta, não porque nós somos recatada, bela e do lar. Eu acho que isso nós vamos ter que colocar na nossa estratégia.

E por fim, eu acho que é o desafio para dentro. Nós temos desafio para fora que é enfrentar a sociedade; para dentro é a gente repensar as lutas sindicais, as pautas sindicais, considerando que o Brasil é um país classista, machista e racista. Se nós não levamos essas questões em consideração e discutir para dentro do sindicato o machismo e o racismo - nós não vamos chegar em lugar nenhum. Não vamos porque o racismo e o machismo, mata submete, violenta, efetivamente, então nós precisamos desses elementos para que nós possamos avançar.

E por fim, só para encerrar, agora para encerrar mesmo.

Eu concordo com o Tico Santa Cruz. Ontem, ele disse que nós precisamos disputar uma parte desse pessoal que está aí. Que acha que é direita, que acha ... eu não sei se é o centro, eu não quero disputar o centro. Mas, eu acho que nós temos que fazer uma coisa que é superimportante. Nós precisamos disputar a hegemonia de pensamento nesse país. Precisamos disputar pessoa a pessoa, eu me lembro, quando eu era jovem (15 anos), a gente tinha um negócio que chamava trabalho de formiguinha. Agora não tem mais. Mas, era o tal de trabalho de formiguinha. O trabalho de formiguinha era convencer, pessoa a pessoa, que o nosso trabalho era certo. De que o socialismo era certo, de que o PT era certo, porque eu sou do Partido dos Traballhadores.

Nós precisamos disputar o pensamento das pessoas, nós precisamos na feira fazer o debate; no bairro, no estádio de futebol, nós precisamos falar com os outros e com as outras, nós precisamos escrever mais, nós precisamos escrever artigos, nós precisamos falar nas mídias, porque nas grandes mídias nós não vamos falar, mas, nas alternativas nós precisamos falar, nós podemos falar, nós podemos escrever. Nós podemos escrever com a nossa experiência, com a nossa escola que deu certo, para que eu possa replicá-la em Mato Grosso do Sul. Isso é possível na mídia social, mas é possível a gente construir novas formas de pensamento a partir das novas realidades. Porque a sensação que eu tenho, Nilma, é que a gente acha que nós estamos, que nós somos tão pequenininhos, que nós não conseguimos falar com o mundo. Nós conseguimos falar com o mundo sim. Tem Mídia Ninja, tem Jornalistas Livres, tem as redes sociais, tem o Facebook, tem muitas coisas, que hoje a gente consegue em menos de um dia um estardalhaço, nacional e internacional.

Portanto, eu vou encerrar dizendo assim: aqui é um espaço, essa conferência está de parabéns, porque é um espaço para pensar a resistência da educação e a resistência da educação está na luta que nós vamos fazer, pela garantia que nos manteremos professores, respeitados como professores, da forma como nós queremos crescer efetivamente, mas, também, na disputa do pensamento, porque é na escola, é na universidade, é com os professores que nós vamos ter um país rico, igualitário e justo.

Muito obrigada!

2 de dezembro de 2016

Empoderamento feminino

onvidada a palestrar sobre o tema "O protagonismo das mulheres na luta por educação!", a ex-Ministra das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos no governo da Presidenta Dilma Rousseff, Nilma Lino, falou sobre a resistência das mulheres brasileiras contra as formas de violência e sobre os desafios a serem enfrentados.

"Nos últimos anos, tivemos um ganho significativo com o aumento da discussão em sala de aula sobre a cultura do estupro e as desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Mas, precisamos lutar ainda mais, principalmente, contra esse golpe de gênero, de raça, jurídico, econômico. Porque esse é um golpe contra as mulheres, os negros, os LGBTs, os indígenas, e, no caso da Medida Provisória/746, contra os estudantes e todos os educadores e educadoras."

Nilma destacou o processo de emancipação social vivido atualmente e a necessidade da luta e da militância não só nas ruas, mas no interior de cada um. "É importante que, após essa luta contra os golpistas, não sejamos mais os mesmos, e que voltemos transformados para as nossas salas de aula, para nossos trabalhos. Queremos e devemos conquistar, cada vez mais direitos, mais democracia e emancipação social", refletiu.

Protagonismo

O protagonismo das mulheres, segundo ela, se deu principalmente a partir das ações do movimento feminista e das muitas lutas das mulheres brasileiras, especialmente, na década de 80.

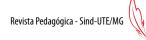
Esse enfrentamento culminou com a reafirmação das mulheres enquanto sujeito de direitos na Constituição Federal de 1988. "Éramos alguém que quase nem existíamos. Aos poucos, tomamos o nosso lugar e superamos a opressão e o pátrio poder."

Falar de protagonismo das mulheres na educação, para Nilma, é quase redundância, uma vez que ambas são sinônimas. E ao fazer um olhar desse cenário, ela chama atenção para esse lugar que é a escola, onde as mulheres também se afirmam. E a educação escolar só se tornou esse campo em ebulição após o advento da feminização do magistério. Portanto, há que se fazer um olhar dissociado desse processo versus a desvalorização e a precarização do trabalho docente.

Os avanços no campo dos direitos sexuais reprodutivos e de igualdade de gênero em ambientes de liderança foram citados como processos de ascensão da mulher na sua luta contra a desigualdade. Mas é preciso ir além, influenciar as universidades para que tenhamos mais pesquisas sobre gênero e igualdade racial e que isso traga novos elementos para aperfeiçoarmos políticas de enfretamento às desigualdades de gênero, discriminações no mercado de trabalho, racismo e a Igbtofobia.

Acompanhe, a seguir, sua palestra na íntegra.





Conferência – O protagonismo das mulheres na luta por educação!

Palestrante - Nilma Lino

Doa tarde! É isso aí, fora Temer! Muito obrigada pelo convite, mais uma vez! É muito bom estar aqui mais uma vez com o Sind-UTE/MG e também com tantas outras pessoas. Eu sei que aqui nesta Conferência vocês têm aberto espaço aos movimentos sociais, aos estudantes secundaristas da ocupação, aos professores das universidades em greve e a outros movimentos sociais. Como a Cida falou, esse é o momento que nós precisamos estar juntos e juntas. E acho que a própria abertura desse Encontro já prova que nós começamos a construir outras estratégias de luta e de resistência.

Quero agradecer imensamente a Feliciana também que fez o contato, a Bia, cumprimentar os meus colegas e minhas colegas de mesa e falar do grande prazer de estar de novo com a Cida. Nós trabalhamos juntas lá no governo federal, na articulação que havia entre a SEPIR e a Secretaria de Promoção de Igualdade Racial e Mulheres e depois, juntas no Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos. E a Cida tem uma tremenda experiência, é extremamente respeitada e eu a respeito muito. Ela é uma lutadora nas questões da violência contra a mulher e como ela mesmo se apresentou, participou durante os treze anos do nosso governo federal, o governo do PT, construindo políticas públicas com as mulheres. Então, merece ser reconhecida nessa trajetória, ela já sabe disso, eu já fiz isso com ela várias vezes quando ministra, mas, é sempre bom reconhecer os nossos e as nossas, não é isso? Reconhecer as nossas trajetórias.

Eu confesso para vocês, que eu estou muito emocionada aqui. Ouvi emocionada a fala da Cida, estou emocionada de ver essa Serraria Souza Pinto tão cheia, esse espaço tão lotado de educadores, educadoras, jovens, adolescentes, professores, professoras, de tantas outras redes, não só da rede estadual. E eu fico emocionada, porque esse ano eu estive aqui com vocês também num outro seminário, e nós estávamos discutindo também resistência e luta num momento muito duro do golpe parlamentar que nós sofremos e agora nós voltamos num outro momento da luta, não é isso?



E é bom olhar para cá, para frente e ver que a categoria continua junta, não é? Que a categoria continua lutando, que a Conferência, tenho certeza que foi produtiva, e acho que muitas outras reflexões foram feitas aqui, articulando essa dimensão que é política e que é pedagógica, que a nossa formação política, ela é também pedagógica e ela tem impactos na nossa atuação em sala de aula, no nosso cotidiano, na organização do trabalho.

E tem mais um motivo porque eu fico emocionada de estar aqui, eu sou filha de ferroviário, meu pai já é falecido. Meu pai trabalhou nesse espaço aqui. Quando criança eu vim nesse espaço e brincava aqui nessas imediações, eu e meu irmão. E eu relembro muito meu pai, João Jarbas, ferroviário que foi com quem eu aprendi a luta, ativista, comunitária, que ele era um homem que não aceitava injustiça, aprendi isso com meu pai, já falecido. E depois ele saiu daqui e foi transferido para onde é a Casa do Conde hoje e ele também trabalhou ali. Então esse espaço aqui da Estação que a gente chamava, é um espaço muito familiar para mim. Ele é um espaço que faz parte da minha história de vida e de crescimento. É uma pena que meu pai não esteja vivo para estar aqui conosco nesse momento. Mas, as energias estão aí,



não é? As energias estão conosco e acredito que ele luta por nós também.

Bom, eu organizei a minha fala para compartilhar com vocês sobre o protagonismo das mulheres na educação falando um pouco dessa luta nossa como mulheres, e que Cida já detalhou especificamente muito bem, que eu acho ótimo. Porque uma coisa é o fato de falarmos das lutas de maneira mais geral, e a outra é nós sabermos quais foram os nossos ganhos, os nossos avanços específicos, na legislação, nas políticas, na mudança de pensamento de imaginário e, principalmente hoje, no enfrentamento à violência.

E eu então me organizei para falar um pouco desse protagonismo nosso, nós mulheres, das nossas lutas internas dentro desse protagonismo que nos fazem avançar, e depois, o que que nós mulheres trouxemos para o campo da educação, principalmente, nós mulheres trabalhadoras, nós mulheres que viemos de classe trabalhadora. Então eu gostaria de compartilhar com vocês esses três eixos da minha fala e, desde já, agradecendo o convite de estar aqui.

O primeiro ponto que eu gostaria de destacar é que, quando nós falamos sobre protagonismo das mulheres, não tem como nós não deixarmos de reconhecer a luta do movimento das mulheres, não é? A luta do movimento feminista. Quer participemos ou não dessa luta, a luta do movimento de mulheres brasileiras, que formam esse feminismo brasileiro é reconhecida não só nacional, como nos movimentos sociais e nos embates de disputas políticas como, também, internacionalmente. Eu acho que isso é um ponto importante que eu não poderia deixar de começar minha fala fazendo esse reconhecimento.

E esse movimento do qual as mulheres fazem parte, do qual nós fomos herdeiras, inclusive, teve uma grande importância na década de 80, em todo o processo da Constituinte e algumas autoras, analisando que nós conseguimos passar da Constituição Federal de 88, elas afirmam que cerca de 80% das pautas que foram colocadas naquele momento foram incorporadas à Constituição de 88 como o direito das mulheres, que antes não aparecia como sujeitos de direitos.

Nós fomos conquistando esse direito, mas, ao longo

E toda a luta das mulheres, todos os avanços e conquistas que as mulheres têm construído no Brasil não ficam só para nós mulheres. Esses avanços, essas conquistas vão para toda a sociedade, reeducam toda a sociedade.

da ditadura militar com toda a opressão que a ditadura fez, nós sabemos que há opressão de gênero também, ela foi extremamente dura em relação às mulheres. E isso mudou de forma muito radical. É o *status* jurídico da nossa questão, da questão das mulheres no Brasil. E inclusive nós conseguimos brigar e destituir aquele chamado pátrio poder, que hoje é o poder familiar. Mas nós conseguimos superar isso, destituir esse lugar do homem como grande responsável, não é isso? E a mulher nem como coadjuvante. Era quase alguém que não existia, do ponto de vista político, do ponto de vista das decisões.

Outro aspecto também que acho importante compartilhar entre nós, mulheres e homens, e todos os sujeitos, com as suas determinadas orientações sexuais também é que o movimento de mulheres ele é protagonista de muitas mudanças nesse nosso processo democrático e alguma delas que a Cida já falou e já enumerou na fala dela e eu não quero repetir, mas, é bom que nós sempre atentemos que, se temos hoje uma Lei Maria da Penha, se temos hoje uma Lei do Feminicídio, se temos hoje delegacias especializadas de mulheres e políticas para as mulheres, não somente em nível federal, mas, também nos estados e municípios.

Isso tudo é produto dessa tensa articulação da luta das mulheres nos movimentos sociais e no movimento de mulheres, especificamente, e a luta em relação ao estado, para que as nossas reinvindicações não ficassem só no campo do ativismo e da militância, mas, que elas passassem a ser reconhecidas pelo Estado, por questões sociais, questões e políticas do Estado. E é exatamente



isso que nós temos que lutar muito para que nós não percamos aquilo que nós já conquistamos.

E toda a luta das mulheres, todos os avanços e conquistas que as mulheres têm construído no Brasil não ficam só para nós mulheres. Esses avanços, essas conquistas vão para toda a sociedade, reeducam toda a sociedade, inclusive, os nossos companheiros homens, os nossos filhos e filhas e todas as pessoas que vivem numa sociedade que quer continuar democrática. Porque, embora nós estejamos num momento de golpe parlamentar, eu não acho que a sociedade brasileira abriu mão da democracia. Abrimos? De forma alguma! Nós queremos e continuaremos lutando para sermos uma sociedade democrática e aprimorar a nossa democracia, por isso lutamos contra o golpe e, por isso, lutamos contra tantas formas de violência.

Eu queria também destacar como mais um ponto dessa luta das mulheres, o avanço que nós tivemos no Brasil no campo dos direitos sexuais reprodutivos, no campo do direito ao nosso próprio corpo, na discussão sobre a cultura do estupro, que antes não fazia parte das nossas discussões políticas, não fazia parte nem tão pouco das nossas reflexões em sala de aula, por exemplo. Esse também foi um ganho que nós trouxemos para a sociedade, nós mulheres, e trouxemos, especificamente, para nossa luta, mas, de alguma forma, influenciamos também outras lutas sociais. Eu observava nossa mesa aqui, por exemplo. Ultimamente, todas as mesas que eu venho participar do Sindicato eu observo que tem



Quando nós falamos sobre protagonismo das mulheres, não tem como nós não deixarmos de reconhecer a luta do movimento das mulheres, não é? A luta do movimento feminista.

uma preocupação de composição de gêneros e de raça nas mesas não é mesmo? Essa mesa aqui tem uma preocupação com essa composição e isso não foi à toa, isso também não foi fácil. Mulheres professoras, trabalhadoras e sindicalistas, principalmente. Foi disputa interna, política dentro do Sindicato para reconhecer a igualdade de gênero na liderança, inclusive, na liderança da nossa luta política. Então uma mesa como essa aqui não é uma simples composição de homens e mulheres negros e brancos. Ela já mostra avanços políticos da nossa sociedade, da categoria dos educadores e das educadoras, reconhecendo que a questão de gênero, a questão racial, elas são também políticas e elas também têm que fazer parte da nossa luta contra toda e qualquer forma de desigualdade no Brasil e no mundo.

Um outro aspecto que eu quero trazer também para a nossa repetição mais geral diz respeito à denúncia que nós mulheres fizemos e o movimento de mulheres articulou essa denúncia, inclusive, influenciando a própria universidade para que hoje nós tenhamos pesquisadoras e pesquisadores nas universidades, que fazem pesquisa sobre as questões de gênero, as desigualdades de gênero, assim como as desigualdades raciais, e que podem trazer para nós elementos para aperfeiçoar as políticas, indagar as políticas e conhecer melhor nosso contexto no Brasil. Então, a denúncia da questão salarial, do mercado de trabalho, da desigualdade de gênero e de raça do mercado de trabalho também veio dessa luta das mulheres e desse protagonismo nosso como mulheres na sociedade brasileira.

Então, o que eu poderia dizer para vocês é que a nossa luta, no campo da igualdade de gênero, no campo da superação das desigualdades de gênero, ela sempre foi



comprometida com lutas populares. Quando nós falamos das lutas das mulheres no Brasil, nós temos que se lembrar da luta pela anistia, da luta pela creche, não é isso? Nós temos que lembrar também da denúncia em relação à morte das mulheres nos hospitais em processos de parto, e que hoje é uma discussão mais recente, que é a violência obstétrica. Essas discussões que pareciam ser parte só de um coletivo nós conseguimos trazê-las para um campo a emancipação social e para um campo da luta política e da luta pública, e isso tudo chega na educação.

Agora a pergunta é: nós discutimos isso em sala de aula? Faz parte das nossas discussões pedagógicas em sala de aula?

Quando nós brigamos contra a MP 746, em que querem fazer com a Sociologia e com a Filosofia, será que quando nós estamos organizando nossos currículos e as nossas aulas, essas questões entram? Ou nós ainda fazemos uma separação entre a nossa atuação política e depois a nossa atuação pedagógica em sala de aula? Acho que essas são reflexões importantes que um congresso como esse merece fazer e que nós merecemos discutir. Mas, também o movimento de mulheres na sua complexidade trouxe também um avanço que é a discussão da clivagem: gênero e raça.

Então foi necessário que as mulheres negras, dentro dos movimentos de mulheres levantassem a discussão e denunciassem que, com todos os avanços e conquista



dos movimentos de mulheres, ainda reinava e ainda em alguns setores, reina, uma ideia de uma mulher universal. Uma ideia ou uma leitura que nós vamos chamar assim, como uma leitura que pode ser dita como universalizante e quase que eurocêntrica de mulher. E foram as mulheres negras que trouxeram a discussão da desigualdade racial e do racismo para dentro da luta das mulheres, para dentro da discussão de gênero.

E essas mulheres negras, elas começaram a discutir fora dos movimentos políticos das mulheres, que num país racista como o nosso, classista como o nosso, LGBTfóbico como o nosso, as diferenças das pressões da diversidade, elas têm interferência na forma com o as pessoas são tratadas e elas interferem também numa hierarquia perversa de desigualdades que nós temos no Brasil. E essas outras expressões de mulheres dentro do campo vasto do feminismo, dentro do campo vasto das lutas das mulheres, trouxe, inclusive, uma leitura que nós temos hoje no campo feminista que alguns vão chamar de feminismo negro, que hoje as jovens e adolescentes têm chamado de empoderamento crespo, de uma discussão da geração tombamento, que é uma discussão que nós adultos e adultas precisamos participar e conhecer mais, inclusive, nós que trabalhamos com jovens e adolescentes, principalmente, os periféricos. Jovens, adolescentes periféricos na escola.

Então, nessa caminhada, eu comecei a pensar: como é que eu vou falar com as pessoas sobre protagonismo das mulheres na educação? A minha reflexão específica sobre o protagonismo das mulheres na educação eu começo com a seguinte afirmação: falar em protagonismo e mulher na educação é quase uma redundância. Porque mulher e protagonismo da educação são sinônimos. Tudo que nós fizemos nessa luta educacional é conseguido com protagonismo, para que muitas questões que antes não entravam no campo educacional passassem a ser consideradas e, mais, nós estamos com esse protagonismo também com a nossa própria presença física na educação. Presença física como profissionais da educação. Basta olhar esse auditório e vermos quantas mulheres nós temos aqui e quantos homens nós temos aqui hoje na educação. Há séculos passados, não era essa a realidade do campo escolar, era um campo muito mais ocupado pelos homens do que pelas mulheres, e foi o processo de feminilização do magistério, que nós mulheres fomos entrando para o campo da educação, principalmente, a Educação Básica. E quando



chegamos na Educação Básica, as nossas questões chegaram junto conosco, e elas passaram a se tornar questões políticas e questões pedagógicas.

Então eu ouso dizer que a educação escolar, ela só se tornou esse campo em ebulição que nós temos hoje no Brasil depois desse advento que é a feminilização do magistério. Quando nós estudamos muitas vezes, a feminilização do magistério é associada com a precarização do trabalho e desvalorização do trabalho docente. Muito cuidado com essa leitura gente! Essa leitura já foi considerada crítica, mas, hoje, lendo aos olhos do século XXI, nós temos que ter muito cuidado para reler a nossa própria história, senão, nós desvalorizamos não somente a mudança, a presença feminina que tem na educação, como também desvalorizamos os sujeitos da própria educação que somos nós, trabalhadores e trabalhadoras da educação, e principalmente, nós mulheres trabalhadoras. E a gente cai naquilo que eu conversava com os estudantes da UFMG, na segunda-feira, num evento que eles fizeram - o primeiro colóquio que eles fizeram sobre o genocídio do povo negro - nós caímos numa forma de epistemicídio, porque nós matamos o conhecimento que fez ser produzido, a partir da nossa entrada em massa no campo educacional, principalmente, mulheres da classe trabalhadora, e mais, nós matamos os sujeitos que entram nesse campo e alteram e modificam esse campo. Então há de se tomar muito cuidado com essas questões.

Mas, o que nós trouxemos, mulheres trabalhadoras,

para o campo da educação? Além de mudar radicalmente essa presença, nós trouxemos também uma indagação sobre o nosso próprio lugar como profissionais da educação. Se hoje nós nos reconhecemos como trabalhadoras da educação, ao lado dos trabalhadores da educação, nem sempre foi assim. Nós subvertemos a ideia da tia. Lembram-se? Nós subvertemos o imaginário da tia, que associava sempre a ideia da mulher como mulher da educação, principalmente da educação escolar, como aquela que não se casou, não se deu bem no casamento ou que se dedicava à educação porque seria uma boa mulher casadoira. Então, fomos nós que começamos a romper com essa imagem e a rediscutir que, apesar do apelo afetivo, que a ideia da tia pode trazer, ela não nos ajuda no nosso apelo profissional e na nossa construção como categoria profissional na Educação.

A outra questão também que eu destacaria que nós trouxemos para a educação foi quando nós politizamos a questão da discussão da desigualdade socioeconômica, com a desigualdade de gênero, com a desigualdade de raça. Essa politização que hoje nós temos, inclusive, de sindicatos que aumentam gradativamente nos partidos, lamentavelmente, ela não foi trazida pelos nossos colegas homens. Ela foi trazida por, nós, mulheres. Nós chegamos com essa discussão, porque chegamos com as nossas vivências, com nossas experiências para o campo educacional. E essas vivências e essas experiências é que nos ajudaram a mostrar a dureza e, ao mesmo tempo, o fantástico que é ser mulher. Ao mesmo tempo em que é duro, é fantástico ser mulher na sociedade e ter a capacidade de construir as transformações que nós já construímos.

Então, nesse sentido, nós politizamos uma questão que é muito séria para sociedade, a infância. Nós, mulheres, politizamos a infância, tanto é que a luta por creche, depois o próprio campo da educação infantil hoje construído, porque se hoje é reconhecido como um direito para todos, não era assim, até nós mulheres levantarmos nossas vozes nas ruas, dentro da escola e dentro das instituições e com o Estado.

Outra luta na educação que tem o protagonismo das mulheres é a luta pelas pessoas com deficiência e pelas crianças com deficiência. Essa é uma luta também que tem um protagonismo muito grande das mulheres e que conseguiu retirar, tirar não, fazer migrar, do campo social e político para o campo pedagógico, e discutir



hoje, que a deficiência é mais uma forma da diferença humana e não é inferioridade, por exemplo. Esses protagonismos nossos da educação, eles precisam ser visibilizados. Eu acho que nós temos que dar visibilidade a eles, porque dando visibilidadea eles também nós afirmamos nossa própria autoestima política, a nossa autoestima profissional, como mulheres e mulheres educadoras.

Mais outra questão que eu quero trazer é de uma contribuição, de um protagonismo de nós, mulheres, é porque, ao pressionarmos a educação, ao pressionarmos por políticas educacionais, nós obrigamos o Estado a sair de uma suposta neutralidade em relação às questões de gênero e em relação às questões de desigualdade. E como falava anteriormente, hoje a discussão da violência contra mulher não é uma discussão das militantes, das ativistas apenas, ela é uma discussão nossa. E começamos a ficar mais sensíveis homens e mulheres na escola independentemente de ter uma participação política no envolvimento de mulheres; começamos a ficar mais atentas de que as nossas estudantes sofrem violência, de que as nossas colegas sofrem violência e de que, muitas vezes, nós mesmas somos vítimas dessa violência. E precisamos saber como denunciar, onde denunciar, como se proteger e como se articular e se irmanar para superar essa luta contra a violência.

Então, eu quero também trazer como protagonismo nosso, a luta contra o racismo e o sexismo. E essa luta contra o racismo e o sexismo ainda não está ganha na educação. Não é à toa que nós temos ideologia de gênero, não é à toa que nós temos Escola sem Partido, não é à toa que nós estamos no momento de um golpe, e um golpe que derrubou a primeira mulher presidenta do Brasil, e ao fazer isso, os grupos fundamentalista, empresarial e o econômico que deram o golpe parlamentar estão tentando passar uma mensagem para nós mulheres e nós não vamos aceitar essa mensagem.

A mensagem é que lugares de poder e de máximo poder, principalmente, não é o lugar das mulheres. E nós queremos lutar e continuaremos lutando para dizer que todo lugar é lugar das mulheres. Todo lugar é o nosso lugar, todo lugar de poder também tem que ser do poder das mulheres, e é isso que humaniza uma sociedade, é isso que ajuda a superar desigualdades, e a educação tem sim reeducado a sociedade brasileira em relação a esses aspectos. Mas, nem tudo são flores.

Não poderia deixar de compartilhar com vocês, também, os desafios que nós temos nesse campo, nós temos um grande desafio de não reproduzir a opressão que, nós, mulheres vivemos com nossas próprias companheiras. Nós temos o desafio de não lançar um olhar preconceituoso, discriminatório, em relação às muitas formas de ser mulher que hoje existem na sociedade e que hoje estão dentro da escola.

Nós temos o compromisso de não reproduzir as práticas machistas, racistas, LGBTfóbicas no interior de uma sala de aula, nas relações entre os docentes, nas reuniões entre os professores, nas discussões dos sindicatos e na escolha de lideranças. Este é um desafio nosso. E como nós trouxemos para a educação uma série de reflexões, uma série de mudanças, nós não podemos deixar também de sermos protagonistas destas mudanças em nós mesmos e nos lugares onde nós estejamos, onde quer que estejamos. Este é o grande desafio.

Porque quando nós olhamos uma postura machista, uma postura misógina, uma postura sexista, seja vinda por meio de um homem, seja vinda de uma mulher, muitas vezes, não refletimos que, também, por meio de várias ações nós acabamos reproduzindo essas ideologias e nós acabamos reproduzindo também formas de violência simbólica, não somente da violência física. Então é para entender também que a nossa posição na educação exige de nós um aperfeiçoamento e uma revisão da nossa postura política. E não só dentro da es-



cola, mas, é na vida gente. É na vida conjugal, é na vida social, é na vida política e, mais, exigem dos nossos companheiros homens, que nos acompanhe na emancipação, não partilhando, simplesmente, mas, nos acompanhando lado a lado, para que a gente possa enfrentar o que vem por aí, de uma exacerbação da misoginia, uma exacerbação do sexismo, uma exacerbação do racismo, nesses tempos de golpe.

E, finalizando, eu gostaria também de compartilhar com vocês nessa dimensão que é o nosso protagonismo na educação que, se nós hoje estamos com essa leitura que fazemos do campo educacional e da nossa presença aqui, mulheres negras, esse é um legado que nós temos. E é um legado de outras mulheres que nós nem chegamos a conhecer, mas, que lutaram e conseguiram um lugar na sociedade e que nós temos o dever de fazer avançar.

Quando nós pensamos então nas vitórias que nós temos hoje na sociedade brasileira vamos lembrar que somos nós, mulheres, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres do campo, mulheres urbanas que ainda estamos na sociedade brasileira e podemos fazer a nossa democracia voltar, podemos fazer a nossa democracia voltar forte e consolidada. Esse é um dever nosso e uma ação das mulheres.

E eu teria algumas perguntas para fazer:

Vamos pensar então como a sociedade tem avançado ou não no campo da educação e a relação entre a educação e entre as mulheres no poder?

Quantas mulheres ministras da educação nós tivemos? Negras, indígenas, do campo?

Quantas mulheres no Conselho Nacional de Educação, e nos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação nós temos hoje? Negras, indígenas, do campo?

Quantas mulheres nós temos na direção das escolas de Ensino Básico? De Educação Básica?

Agora compare essa mesma quantidade pensando no Ensino Fundamental, na Educação Infantil, no Ensino Médio. Tem ou não tem mudança nos lugares de poder ocupado pelas mulheres?

Começamos a ficar mais atentas de que as nossas estudantes sofrem violência, de que as nossas colegas sofrem violência e de que, muitas vezes, nós mesmas somos vítimas dessa violência.

"

Mais uma outra pergunta:

Quantas mulheres reitoras de universidades nós temos? Federais, estaduais e particulares?

Quantas mulheres presidentas da República nós tivemos?

Tivemos uma cujo o poder foi usurpado. Para nós, ela sempre será a nossa presidenta e nós lutaremos para retomar a democracia. A nossa presidenta nos representa. Não é nenhum governo golpista que nos representa.

Essas perguntas mostram para a gente o quanto ainda temos que avançar no nosso protagonismo na educação, nos espaços de poder e decisão e na nossa luta como mulheres no Brasil. Negras, indígenas, brancas, mulheres do campo, mulheres ribeirinhas, etc.

Basta olhar a nossa hierarquia de poder. Basta olhar o Congresso, o Senado Federal, a Câmara dos Deputados, a Câmara dos Vereadores, para nós vermos que ainda a nossa caminhada é muito longa, que a nossa caminhada é muito larga, mas, basta ver o tanto que nós avançamos para entender que muito da emancipação da educação se deve ao nosso protagonismo, se deve à luta das mulheres.

E continuaremos assim, lutando para que a educação se emancipe, porque quando uma educação se emancipa, emancipamos todos nós e emancipa-se uma sociedade também.

Muito obrigada!

2 de dezembro de 2016



Síntese das oficinas, painéis, ciranda e rodas de conversa que ampliaram e enriqueceram os debates

Documentário sobre crime de Mariana

No período da tarde do dia 30/11 aconteceram várias as atividades de diálogos e a exibição de um documentário produzido pela TV da Assembleia Legislativa de Minas Gerais sobre o crime de Mariana: "Memórias rompidas".

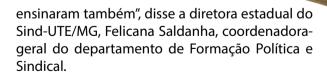
As oficinas, painéis e rodas de conversa foram realizadas, no dia 1º de dezembro, com a organização das pessoas em seis grandes grupos que discutiram desde estratégias de comunicação até ações de resistência nestes tempos sombrios, no campo e na cidade.



Ciranda







Às crianças que vieram com seus pais e mães para esse encontro foram oportunizados momentos para recreação, integração e reflexão sobre os temas que perpassaram as discussões da Conferência.

Cerca de 20 monitores cuidaram, com grande carinho, da meninada no espaço denominado Ciranda. "Iniciamos assim um ciclo de formação em nosso Sindicato, que inaugura um novo processo de pensar e agir. Nossas crianças se divertiram, mas, aprenderam coisas novas e nos

As experiências realizadas pelas crianças foram apresentadas no encerramento dos trabalhos da Conferência e a apresentação emocionou a todos e todas, especialmente, quando elas entraram cantando "da PEC eu abro mão, quero mais recurso pra saúde e educação".

Oficinas e troca de experiências

















As oficinas também mereceram destaque dos conferencistas, que enxergaram nessas atividades uma grande oportunidade para trocar experiências e de conhecimento.

A jovem professora, **Érica Alves**, de Santa Luzia, participou de duas oficinas e disse que os ensinamentos que aprendeu sobre educação e quilombos serão extremamente úteis para o seu dia a dia em sala de aula. "Saio desse encontro com minhas energias renovadas e com o espírito de luta e resistência bem mais forte".

Do auge dos seus 70 anos, **Matias dos Santos**, de Belo Horizonte, se apresentou com duplo papel: o de professor e o de estudante. "Estou no 7º período do curso de Letras e não abro mão destes encontros, pois, é convivendo com o outro que a gente aprende mais".

Ele falou sobre violência na escola e disse esperar que tanto o seu Sindicato quanto o governo do Estado dêem prioridade a essa questão, que é extremamente preocupante nos tempos atuais.

O Assistente de Educação Básica de Varginha, **Dálcio Botelho**, reconheceu a importância do

evento e lamentou a ausência dos colegas que não puderam comparecer. "Nós precisamos mais dessas oportunidades, pois, elas nos fazem crescer!"

Djalma Gonzaga, professor em Montes Claros, relembrou a luta travada pelo Sind-UTE/MG para que a Educação Física não fosse retirada dos anos iniciais e se mostrou bastante preocupado com a Medida Provisória (MP/746), que reformula e ameaça o Ensino Médio. "A nossa luta não terminou. Agora, o inimigo é outro!"

Estudantes e professores de Almenara viajaram por quase doze horas para participarem do encontro. Os jovens: **Erivelto Rodrigues, Lucas Limas, Laura Laz, Vinicius Dias e a professora Márcia Mares,** elogiaram a Conferência em todas as suas propostas. "Nós estamos vivendo um tempo de luta e aqui, seja nas palestras, seja nas oficinas, estamos aprendendo muito sobre como resistir", disse Márcia.

Já os estudantes, Erivelto e Vinicius, contaram relatos de suas experiências nas ocupações revelando que aprenderam mais sobre cidadania e democracia nesses espaços do que em sala de aula. "Agora, com essa iniciativa, o Sind-UTE/MG está nos ajudando a abrir os olhos e as oficinas são excentes", revelaram.



Jornalismo independente

Com a proposta "Narrativas independentes jornalismo e ação", a Mídia Ninja promoveu uma oficina concorridíssima. O cientista social, Talles Lopes, que também é gestor cultural e um dos fundadores do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, debateu com os presentes sobre as novas ferramentas de comunicação na era digital e como construir um processo de cobertura colaborativa da VIII Conferência Estadual de Educação. Essa oficina contou com a presença de cerca de 350 pessoas.



Arpilleras – tecendo a resistência



A professora, bióloga, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens na bacia do Rio Doce e do Quem Luta Educa, **Talita Silva**, juntamente com **Aline Ruas**, Assistente Social, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens na bacia do Rio Jequitinhonha e do Quem Luta Educa e **Liliane de Barros Nascimento**, técnica agrícola, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens na bacia do Rio Jequitinhonha, Quilombola, foram as responsáveis pela Oficina "Arpilleras – tecendo a resistência", atividade teve mais de 300 participantes.

Durante a oficina, as responsáveis pelas atividades explicaram que esta técnica e uma ferramenta política de resistência à ditadura no Chile e visa inspirar o engajamento político de mulheres para



denunciar as diversas formas de violência a que são submetidas.

A trajetória é bonita, transformadora e feita à mão. Essencialmente voltado para a população feminina, o projeto Arpilleras: bordando a resistência é uma extensão do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e utiliza a subjetividade artística como ferramenta para o engajamento político e reivindicação de direitos.

Durante essa oficina também foi coversado sobre atual momento, em que há um golpe em curso no Brasil, o que faz necessário que as mulheres busquem formas criativas de resistência e de unidade da classe trabalhadora.

Desafios da educação no campo

Esse foi o painel ministrado por **Marcos Bertachi**, educador Popular, graduado em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Ele é educador da Escola do Campo "Eduardo Galeano", no pré-assentamento Quilombo Campo Grande, município de Campo do Meio/ MG e membro da Direção estadual do setor de educação do MST/MG.

Durante debate com os cerca de 300 participantes, ele apresentou um balanço e as perspectivas da Educação do Campo, no último período, abordando sobre o fechamento das escolas do campo e o avanço do agronegócio na educação, o papel dos/as educadores/as do campo.



Educação popular

A mostra "Relato de Experiência – Curso de Realidades Brasileiras, CRB na escola experiência de educação popular, com **Sérgio da Silva Matos**, professor, membro do Conselho Geral do Sind-UTE/MG e da direção da Subsede Ubá, que juntamente com a professora **Maria de Fátima Gomes Pacheco de Freitas**, também da direção estadual do Sindicato e **Luiza Fernanda Ferreira**, professora, membro do Conselho Geral do Sind-UTE/MG e da direção da Subsede Ubá, aprofundaram a a reflexão sobre a realidade brasileira.

Foram utilizados aportes teóricos clássicos, elementos da cultura popular, temas transversais, a subjetividade e a criatividade mística para oportunizar o empoderamento de estudantes.

A intenção foi dar a todos os cerca de 300 participantes da Oficina condições para fazerem uma leitura crítica da realidade e produzirem novos saberes, numa perspectiva de transformação da realidade.

DST/Aids

Esse grupo também manteve durante toda a Conferência um espaço de interação apresentou e esclarecimento sobre o projeto "DST/Aids e Homofobia", que o Sindicato desenvolve com o apoio da CNTE nas escolas de todo o Estado levando informações por meio do Kit prevenção às doenças sexualmente transmissíveis.

A ideia, segundo a diretora estadual, **Feliciana Saldanha** e o membro do Conselho Geral, **Sérgio Matos**, é ampliar a divulgação desse trabalho que culmina com outras ações, no dia 1º de dezembro, (Dia Mundial de Luta Contra a Aids), quando normalmente acontece uma grande aula abordando o tema em todas as escolas mineiras.

Desde 2008, o Sind -UTE/MG encontra-se engajado ao Programa DST/AIDS (EPT-AIDS/Brasil), que é uma iniciativa da Internacional da Educação para a América Latina (IEAL) que, em parceria com a CNTE, atua desenvolvendo ações de prevenção nas es-

colas públicas do Brasil. Seu objetivo com esse programa é conscientizar os trabalhadores em educação sobre a importância da informação, da prevenção à doença e, ao mesmo tempo, nos preparar para que possamos fazer o debate sobre essas questões na sala de aula com os nossos alunos.

Além das informações, foram feitos esclarecimentos de como usar a camisinha em homens e mulheres, falas sobre métodos contraceptivos e de prevenção, apresentada a "mala de prevenção" do Sind-UTE/MG e feita a distribuição de camisinhas ao público presente.





Literaturas, resistências e libertação



Com essa temática, **Íris Maria da Costa Amâncio**, professora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, de Literatura Portuguesa e de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense, coordenou os trabalhos do painel Oficina da VIII Conferência Estadual de Educação. Essa atividades contou com a participação de mais 250 pessoas.

Juventude em Luta

As experiências da juventude em luta, com suas resistências, foram abordadas na roda de conversa, que teve o seu lugar na Serraria Souza, em grupo que reuniu mais de 300 participantes.

A estudante **Ana Carolina Silva Vasconcelos**, estudante de Ciências Sociais da UFMG, coordenadora-geral do DCE/UFMG e militante do Levante Popular da Juventude, participou dos trabalhos. A discussão foi ampla, com participação de jovens, estudantes e educadores/as.

Durante os debates, muito se falou sobre o período de crise econômica, política e social. Os relatos também abordaram sobre o desemprego, a miséria, a repressão policial, o genocídio das populações mais pobres que afetam em cheio a vida da



classe trabalhadora, em especial da juventude.

Esse cenário traz consigo grandes possibilidades de mudanças, uma vez que evidencia a instabilidade do sistema capitalista. Por isso, a juventude vem se reinventando e inovando em métodos de luta e resistência para a construção de um novo projeto de sociedade, enfrentando a violência do capital.

Conferência é encerrada com compromisso de unidade na luta e vozes de esperança

"Temos contradições, mas, é no diálogo que a gente avança e nunca podemos perder de vista o lugar aonde queremos chegar." Disse a **Secretaria de Estado da Educação, Macaé Evaristo**, que foi à VIII Conferência Estadual de Educação, no encerramento do evento, dia 02/12, para recepcionar a Carta de Minas, documento contendo as principais reivindicações do encontro apresentadas pelos seus conferencistas.

A Secretária destacou que a classe trabalhadora, especialmente, os profissionais da educação não podem deixar de lutar neste momento de ataques aos direitos sociais. "Quero parabenizar o Sind-UTE/MG pela Conferência, pois, a organização é a maior arma que nós temos para combater retrocessos nesse país. Temos que estar preparados para impedir as consequências dessa PEC 55, que pretende reeditar as medidas impopulares do final do século XIX, quando o Estado proibiu os escravos e pobres de terem acesso aos direitos básicos, sobretudo, da educação."

Lembrou que logo após o Plano Nacional de Educação com 20 metas, entre elas, metas de financiamento, ter sido homologado pela presidenta Dilma, o país entrou numa rota de retrocessos com esse governo golpista. "Retirar investimentos da educação por 20 anos é a reedição de uma agenda da elite branca brasileira, que não aceita que as pessoas, especialmente, as negras, as comunidades rurais e as crianças com deficiência tenham direitos."

Macaé Evaristo citou pensamentos libertários de *Martin Luther King* - um dos mais importantes líderes do movimento dos direitos civis dos negros nos EUA - e do escritor brasileiro, *Paulo Freire*, para encorajar a todos e todas nessa luta, à qual considerou dura e longa. "Apesar das dificuldades, precisamos ter esperança. Primeiro, a gente precisa satisfazer a nossa sede de liberdade, evitando beber da taça do ódio, que eles nos oferecem para nos destruir. É preciso escutar Paulo Freire quando ele fala da luta com amorosidade. Que a gente não perca isso de vista. E que também sigamos Luther King, quando ele diz que só estaremos satisfeitos quando a justiça correr como água. É por isso que a gente marcha."

A Secretária de Educação finalizou anunciando que no ano que vem, a ideia é convidar os/as educadores/



as para discutir a educação pública mineira num grande congresso pedagógico, juntamente com a participação das famílias, dos estudantes e da comunidade escolar

Não aceitamos a retirada

dos nossos direitos!

A coordenadora-geral do Sind-UTE/MG, **Beatriz Cerqueira**, destacou que os/as trabalhadores/as em educação sempre bateram à porta para negociar suas demandas e que, no governo passado, essa porta não se abriu. "Essa reivindicação entregue hoje ao governo de Minas Secretária é para dizer que aqui não queremos PPPs, nem a PEC 55, muito menos a Medida Provisória do Ensino Médio. Mas, além de dizer o que a gente não quer, também estamos dizendo o que queremos. Dialogar com alunos, pais, com a universidade e com a sociedade pra gente construir. A escola precisa ser o lugar de uma educação libertadora! A escola está em disputa e nós não podemos cochilar".

Golpe dentro do golpe

O deputado estadual, **Rogério Correia**, 1º Secretáriogeral da Mesa Diretora da ALMG, destacou que estamos à beira de um retrocesso, pois, sofremos um golpe que ainda não terminou. "Agora, estamos na iminência de um "golpe dentro do golpe" e só vamos derrotar esses golpistas com a união das frentes

populares e, por mais que tenhamos outras tarefas, essa deve ser a nossa tarefa central. Nossa arma deve ser a unidade nas ruas. Eu parabenizo ao Sind-UTE/MG e à CUT por estar vanguardeando esse processo no Brasil e no nosso estado de Minas Gerais."

Também lembrou que a disputa que se acirra no momento é desfavorável aos movimentos sociais, pois, o golpe é midiático, jurídico e ao mesmo tempo institucional-parlamentar, um golpe articulado também pelos setores mais conservadores da sociedade.

Desmonte de direitos

"É meu dever socializar a nossa angústia pelo desmonte do Estado Brasileiro, que começou com o Projeto de Lei 4.567 entregando o pré-sal e, agora, com a PEC 55. Esse desmonte atinge a todos os trabalhadores e trabalhadoras, quilombolas, indígenas, mas as nossas esperanças estão nessas conferências, nas ocupações das escolas", disse o deputado federal, **Padre João**, que é presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. "Nunca tinha visto tanta violência orquestrada pelo governo do Distrito Federal, por esse governo golpista e pela polícia Legislativa. Muita repressão e muito gás de pimenta. Muita gente presa e machucada!"

Padre João rechaçou a criminalização da política dos movimentos sociais e estudantis e o preconceito dos magistrados e disse que "nada disso poderá nos intimidar, nos recuar", lembrando ainda que, se de um lado há muita indignação, por outro há esperança. "Parabéns ao Sind-UTE/MG que empodera, em momentos como esse, às crianças, os jovens, os idosos, os trabalhadores e as trabalhadoras! Vocês são exemplo de luta, de persistência e de resistência!"

A cada encontro, palestra, seminário, eu quero que vocês nunca se esqueçam das pessoas não alfabetizadas, que estão fora das escolas, e aquelas que ainda estão tentando uma vaga, como nas EJA's

Nós saudamos os participantes dessa Conferência pelo compromisso com a educação e sua defesa em todos os limites do estado.

"

Mobilizados!

O professor, **Paulo Nogueira**, representando os funcionários da UFMG, destacou a greve que a universidade empunha nos seus três segmentos e disse que essa é uma greve *sui generis* por várias razões. Uma delas é a mobilização dos estudantes, que desde o di 22/10, ocupam a universidade, inaugurando um novo movimento estudantil, um novo jeito de participação e de visibilidade política.

"A UFMG está em greve devido a essa PEC que 'põe em xeque' todos os direitos sociais, arduamente conquistados pela nossa população. Nós saudamos os participantes dessa Conferência pelo compromisso com a educação e sua defesa em todos os limites do estado. Devemos lutar pela escola pública de qualidade do ensino infantil ao superior e a PEC 55 visa acabar com esse projeto."

Nogueira afirmou ainda que a greve da UFMG se dá no contexto da luta política e de resistência e cria o fim social da universidade, que vai muito além da concepção de uma elite letrada. "A educação pública é para todos e não para uma elite, ou seja, para grupos pequenos. Lá precisam estar todos e todas".

Não se esqueçam da EJA

"A cada encontro, palestra, seminário, eu quero que vocês nunca se esqueçam das pessoas não alfabetizadas, que estão fora das escolas, e aquelas que ainda estão tentando uma vaga, como nas EJA's – Educação de Jovens e Adultos", pediu a professora da FaE/UFMG, **Analise de Jesus da Silva,** do Fórum Mineiro de EJA (Fomeja).

Em seguida indagou: como ficará a educação de Jovens e adultos se essa PEC das desigualdades for aprovada? Acabar com a educação, com o direito de jovens, adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de estudar quando crianças, segundo

Revista Pedagógica - Sind-UTE/MG

LEssa conferência vem num momento propício, em que a educação sofre um duro ataque através dessa PEC da morte. E, mesmo que sejamos atacados, criminalizados, presos, o MST ficará sempre ao lado da educação. Pé na escola, pé na luta. Pé na terra, pé na luta!

Analise, é o que quer esse governo golpista. "Quero agradecer a cada uma que se disponibilizou a estar aqui para discutirmos sobre a educação de qualidade social para todos e todas, gratuita e laica. Não permitam que os governantes se 'esqueçam' que os nossos jovens, adultos e idosos têm os seus direitos garantidos na LDB (Lei de Diretrizes e Base da Educação) e o acesso à escola negado. Não permitam que a perversidade dessa PEC exclua desses trabalhadores e trabalhadoras o direito à educação."

Estamos com vocês!

Pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) integrou a mesa, Terezinha Sabino, também criticou a Proposta de Emenda à Constituição, PEC 55. "Essa conferência vem num momento propício, em que a educação sofre um duro ataque através dessa PEC da Morte. E, mesmo que sejamos atacados, criminalizados, presos, o MST ficará sempre ao lado da educação. Pé na escola, pé na luta. Pé na terra, pé na luta!"

"É bonito ver os trabalhadores e trabalhadoras nesta plenária e, quem veio aqui não voltará o mesmo para casa. Vocês estão levantando nas mentes e corações muito conhecimento para transformar as salas de

aulas. E mesmo que sejamos presos e criminalizados, não vamos desistir. "Pode-nos prender, pode-nos bater, pode até nos deixar sem comer, não mudaremos de opinião e desta luta não sairemos não!"

Juventude protagonista

A estudante, Ana Carolina, do Levante Popular da Juventude, retratou a luta do movimento estudantil, que resiste ao desmonte da educação por esse governo e para contrapor o cenário rude enfrentado pelos jovens, cuja luta vem sendo criminalizada pelo judiciário e a polícia militar, referenciou o poeta e escritor Thiago de Mello:

"Faz escuro, mas eu canto, porque a manhã vai chegar. Vem ver comigo, companheiro, a cor do mundo mudar. Vale a pena não dormir para esperar a cor do mundo mudar. Já é madrugada, vem o sol, quero alegria, que é para esquecer o que eu sofria. Ouem sofre fica acordado defendendo o coração. Vamos juntos, multidão, trabalhar pela alegria, amanhã é um novo dia."

"Viemos de Brasília, onde tivemos uma repressão forte da polícia, mas, aqui em Minas Gerais, tivemos uma receptividade tão grande pelo Sind-UTE/MG que nos faz enxergar que, juntos, nossa força é muito maior contra essas opressões". A juventude, segundo ela, é protagonista desse processo, mas, temos um leito muito frutífero, que são os professores. "Essa Conferência representa um passo na construção desse novo amanhã que tanto sonhamos e o Sind-UTE/MG é parceiro dos jovens nas suas lutas."





Carta da Educação ao Governo de Minas

A VIII Conferência Estadual de Educação foi encerrada com a entrega da Carta da Educação, para o Governo de Minas e para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

O documento foi repassado para o Executivo por intermédio da Secretária de Estado de Educação, Macaé Evaristo, e para o Legislativo, por meio do deputado Rogério Correia, 1º secretário-geral da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Ambos receberam das mãos da coordenadora-geral do Sind-UTE/MG, Beatriz Cerqueira, a Carta de Minas que contém as reivindicações e manifestos não apenas dos educadores(as) mineiros(as), mas, de todos os movimentos sociais que serão atingidos com os desdobramentos da PEC 55 (a PEC da Morte).

Beatriz Cerqueira leu o documento para os 2.500 participantes do encontro, que validaram as propostas apresentadas. Além dessa carta foi também entregue ao governo do Estado e ao Legislativo outro documento construído pelo Sind-UTE/MG em conjunto com os servidores administrativos (SREs e Órgão Central).

Ao falar sobre a Carta de Minas, a coordenadora-geral do Sindicato diz tratar-se de um importante instrumento de luta para manter a unidade da categoria, além de agregar e dialogar com a sociedade que sofrerá todos os impactos das medidas antidemocráticas que afetarão a educação e a estrutura do ensino, grade curricular e a carreira dos docentes.

"Nós precisamos 'furar essas bolhas', disputar os corações daqueles que não têm informações sobre o que está acontecendo e que a direita está arregimentando para si. Só por meio do diálogo, da informação e da resistência é que poderemos desmascarar as farsas desse governo golpista e mostrar a real dimensão das medidas impopulares e antidemocráticas que estão sendo aprovadas", declarou.

A Conferência marcou, ainda no seu encerramento, o lançamento do **Comitê Mineiro em Defesa da Educação Pública**, anunciado pela professora da FaE/UFMG, Analise de Jesus da Silva.



Ato público no Centro da capital mineira simboliza a resistência contra o golpe na educação

Assim que finalizaram os trabalhos na Serraria Souza Pinto, já por volta das 17h, os 2.500 conferencistas seguiram, numa grande caminhada até à Praça Sete, onde fizeram uma manifestação, proferindo palavras de ordem contra o governo Temer. Também dialogaram com a população sobre as perdas e os retrocessos que esse governo quer impor à classe trabalhadora.

Os manifestantes reafirmaram que esse Congresso Nacional não representa os/as trabalhadores/as e que o governo golpista e ilegítimo de Temer quer desmontar o estado brasileiro, retirando os direitos dos jovens, das mulheres, dos idosos, estudantes, enfim, de todos aqueles que precisam dos serviços públicos.

"Quando os políticos ou o conjunto dos políticos, neste caso, 61 senadores, votam contra a gente, nós temos que ir pra ruas e dar o nosso grito. Não podemos aceitar que eles retirem os nossos direitos. É possível resolver o problema do país sem cortar saúde, educação e a previdência. Basta taxar as grandes fortunas. Os ricos não pagam impostos no Brasil. É o trabalhador e a trabalhadora que pagam impostos. Sabemos que mais de 40% do Orçamento do país vai para a dívida pública e quem lucra com isso são os banqueiros", afirmou Beatriz Cerqueira.

Numa alusão a uma educação libertadora, tema da VIII Conferência, eles caminharam com tarjas pretas na boca em sinal de protesto também soltaram balões vermelhos colorindo o centro da cidade.

Veja na íntegra o conteúdo da Carta de Minas tirada durante a Conferência.

EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

Carta de Minas Gerais

Nós, trabalhadores e trabalhadoras em educação da educação básica da rede pública de Minas Gerais, meninos e meninas, estudantes de escolas e universidades e movimentos sociais, reunidos em Belo Horizonte, nos dias 30 de novembro, 01 e 02 de dezembro de 2016, na VIII Conferência Estadual do Sind-UTE/MG, debatemos intensamente sobre Educação Pública, resistências e práticas libertadoras na escola.

Os diálogos que tivemos durante estes três dias evidenciaram a necessidade de articularmos cada vez mais resistências contra os ataques que hoje a educação pública tem sofrido em nosso país. A Proposta de Emenda à Constituição (PEC 55) significará, se aprovada, a destruição da educação pública, básica e superior. Significará também ataques ao direito à saúde, à previdência e à assistência social. A Medida Provisória 746 é a negação do direito à educação em sua plenitude, criando uma "escola barata e de poucos conteúdos" para filhos e filhas da classe trabalhadora.

Também enfrentamos a maior onda de privatização da educação com propostas de Parcerias Público-Privadas (PPP) e das Organizações Sociais (OS).

A proposta da lei da mordaça significará a criminalização da educação, retirando dela a tarefa fundamental de formação da juventude.

No diálogo com a nossa juventude, assumimos o compromisso coletivo de continuar a luta pela educação pública, laica, inclusiva, democrática, gratuita e de qualidade social. De fazermos a luta contra as opressões: machismo, misogenia, LGBTfobia e racismo.

Reafirmamos nossa solidariedade e apoio às Ocupações das escolas e das universidades, que resgataram em muitos de nós a esperança na luta.

Reivindicamos do Governo de Minas Gerais:

- que não adote as medidas de retrocesso social propostas na PEC 55;
- que não adote a Medida Provisória 746 no Ensino Médio;
- que não adote política de privatização na educação como Parceria Público Privada (PPP) ou Organização Social (OS);
- que a política de educação no estado seja construída com a participação efetiva de estudantes, comunidades, profissionais da educação e movimentos sociais;
- não criminalize as lutas sociais.

Manifestamos também nossa solidariedade e apoio a todos que foram agredidos enquanto manifestavam sua opinião contra a PEC 55, em Brasília, no dia 29 de novembro, e em manifestações em Minas Gerais, quando a Polícia Militar criminalizou a luta social. Solidarizamo-nos com os colegas Jakes Paulo Felix e Diney Lenon de Paula e todos aqueles que sofreram ataques do Ministério Público Estadual por se posicionarem em defesa da educação pública.

Seguimos firmes na construção de uma educação libertadora e, para isso, propomos a constituição de uma Frente Mineira de luta em Defesa da Educação pública.

Continuaremos a denúncia do golpe de estado em nosso país, resistindo nas ruas e em luta pela pátria livre!

"A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação; no fundo, o nosso sonho."

Paulo Freire



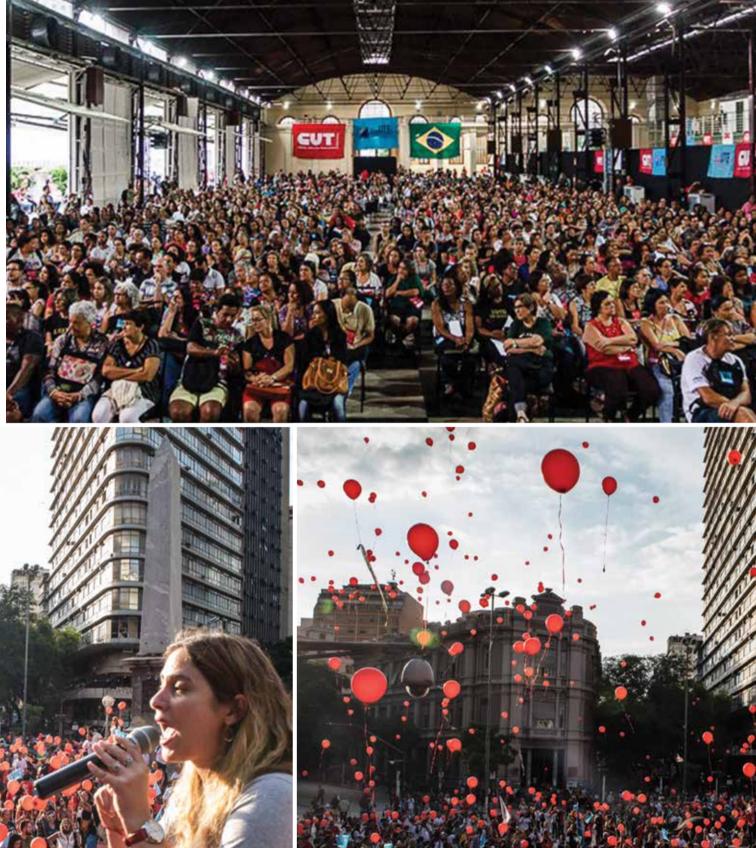


30 de Novembro **1** e **2** de Dezembro Belo Horizonte - MG











www.sindutemg.org.br